



UNIVERSIDADE DE LISBOA - FACULDADE DE ARQUITETURA



A Redescoberta do Património

– Requalificação do Espaço Urbano e a Reabilitação do
Património Cascalense –

Dissertação/Projeto para obtenção de grau de Mestre em Arquitetura
Mestrado Integrado em Arquitetura

Discente: André Alexandre Silva Mota, N.º 20111572

Presidente do Júri: Doutor José Manuel dos Santos Afonso

Orientador: Doutor José Nuno Dinis Cabral Beirão

Vogal: Doutor José Manuel Aguiar Portela da Costa

Lisboa, março de 2017

*“I know the price of success:
dedication, hard work, and an
unremitting devotion to the
things you want to see happen”.*

FRANK LLOYD WRIGHT

Agradecimentos

As próximas linhas dirigem-se única e exclusivamente àqueles que, de alguma forma, contribuíram para a conclusão e o começo de uma nova etapa da minha vida.

Ao meu orientador, professor e amigo, José Nuno Beirão, a ele expresso o meu profundo agradecimento pela orientação e apoio incondicional que me fizeram crescer a nível profissional e intelectual. A sua sabedoria foi essencial para que chegasse ao fim deste projeto com um enorme sentimento de satisfação. Depois de muitas opiniões, críticas e barreiras, ensinou-me a pensar, expandiu os meus horizontes e estimulou sempre o meu desejo de querer saber mais e fazer melhor. Mesmo nas épocas mais complicadas, soube sempre manter a calma e depositou toda a confiança em mim e nas minhas capacidades.

Aos meus pais, os meus eternos agradecimentos, pela sólida educação e transmissão de valores que me transformaram na pessoa que sou hoje. Aos meus irmãos, pelo apoio indireto que prestaram, a união faz a força. Um grande obrigado a todos

À minha companheira, Cátia Ribeiro, que sempre me apoiou e esteve sempre presente nos bons e maus momentos. Não foram tempos fáceis, alguns infortúnios, mas também muitos triunfos e conquistas, esta foi mais uma. Um grande obrigado por seres quem és e que continues sempre aqui, um especial obrigado.

Aos meus grandes amigos, Kiko e Sara, um agradecimento especial, pois só eles sabem o quanto me ajudaram, e que sem eles seria bem mais difícil. Um grande obrigado por estarem sempre presentes e prontos para ajudar.

“O esforço é sempre recompensado”.

Resumo

O território Cascalense guarda como memória viva, as mais diversas fases da história portuguesa. Atualmente, ainda são observáveis vestígios, nomeadamente o património edificado, distribuído ao longo do Concelho.

Com a explosão demográfica, o aumento da procura de alojamento acentuou-se. Proporcionando um crescimento não regulamentado, fragmentando o tecido urbano, é nessa sequência que os espaços vazios surgiram.

O presente Projeto Final de Mestrado parte do pressuposto que estes espaços vazios devem adquirir certas valências de modo a acolher a população, e que estes sejam parte integrante da cidade, em vez de se apresentarem como espaços abandonados.

Após observação e registo dos diversos espaços vazios, que atualmente compõem o tecido urbano, vai-se constituir a elaboração de uma estratégia de revitalização, através da sua ocupação com novos usos.

Assim, perante os vazios pontuais no território, procura-se definir uma intervenção prioritária (a desenvolver no seguimento da investigação) com a apresentação de uma proposta prática sobre um desses vazios. Esta proposta incidirá na reabilitação de um edifício patrimonial, procurando a sua valorização, através da adaptação de um novo corpo arquitetónico.

Palavras-chave

Revitalização Urbana; Requalificação Urbana; Reabilitação Urbana; Património; Fortalezas; Vazios Urbanos.

Abstract

iv

Cascais preserves the living memory of the most diverse phases of portuguese history. Nowadays those remains are still visible, namely the built heritage, distributed throughout the the council.

With the demografic explosion, the demand for accommodation grown up.

which led to unregulated growth and than fragmentation in the territory happened, resulting in empty spaces.

The present thesis is based on the assumption that these empty spaces must acquire certain valences in order to welcome the populations, and that these empty spaces are a integral part of the city, insted of presenting themselves as abandoned and obsolete.

After observing and registering the various empty spaces, which currently make part of the territory, the objective is to elaborate a strategy of revitalization throught its occupation and new uses.

Thus, with this empty spaces in the territory, we look to define a prioritary intervention (to be developed throught the investigation), with a pratical solution for one of those empty spaces. This proposal will be focused in the rehabilitation of a heritage building, seeking its value appreciation throught the a new architectural body.

Keywords

Urban revitalization; Urban Requalification; Urban Revitalization; Heritage; Fortress; Urban voids.

| | |
|--|------------|
| 1. Introdução | 1 |
| 2. Problemática | 3 |
| 3. Enquadramento Histórico | 6 |
| 3.1. Revitalização Urbana | 8 |
| 3.1.1. Requalificação e Reabilitação Urbana..... | 8 |
| 3.2. Vazios Urbanos | 10 |
| 3.2.1. Vazio Urbano no contexto do problema..... | 10 |
| 3.3. Estratégia de Intervenção | 14 |
| 4. Objeto de Estudo | 186 |
| 4.1. Descrição do Lugar Físico | 21 |
| 4.2. Descrição Técnica do Objeto | 28 |
| 4.2.1. Local de Implantação | 28 |
| 4.2.2. Edificado | 29 |
| 4.2.3. Vãos Exteriores | 29 |
| 4.2.4. Interiores..... v | 29 |
| 4.2.5. Alvenarias..... | 29 |
| 4.2.6. Revestimentos | 30 |
| 5. Estudo de Caso..... | 320 |
| 5.1. Estratégia de intervenção para ocupação dos Vazios Urbanos e reabilitação da Fortaleza com proposta de um novo Objeto Arquitetónico..... | 32 |
| 5.2. Projeto e Respetiva Memória Descritiva | 33 |
| 5.2.1. Conceito e Proposta..... | 33 |
| 5.2.2. Memória Descritiva | 40 |
| 6. Conclusão | 441 |
| 7. Referências | 463 |

Índice de Figuras

vi

Figura 1 – *Planta da linha de costa de Cascais e arredores, ilustrando os pontos lúdicos (P1, P2, P3) e o objeto de estudo (OE).*

11

Autor: Cartografia da Câmara Municipal de Cascais.

Figuras 2 e 3 – *P1.* 11

Autor: Fotografias do Autor.

Figuras 4 e 5 – *P2.* 12

Autor: Fotografias do Autor.

Figuras 6 e 7 – *P3.* 11

Autor: Fotografias do Autor.

Figura 8 – *Objeto de estudo – Fortaleza de Santo António da Barra.* 13

Autor: Fotografia de João Aníbal Forte.

Figura 9 – *Planta da Fortaleza de Santo António.* 19

Autor: Desenho de Alexandre Massay.

Figura 10 – *Planta da Fortaleza de Santo António.* 19

Autor: Desenho de Maximiano José da Serra.

Figuras 11-14 – *Partes constituintes da Fortaleza.* 20

Autor: Fotografias do Autor.

Figuras 15 e 16 – *Estado atual da Fortaleza.* 20

Autor: Fotografias do Autor.

Figuras 17 e 18 – *Espaço circundante à Fortaleza degradado.* 20

Autor: Fotografias do Autor.

Figuras 19 e 20 – *Representação das práticas de vandalismo.* 21

Autor: Fotografias do Autor.

| | |
|--|-----------|
| Figuras 21 e 22 – <i>Vestígios de edificado.</i> | 21 |
| Autor: Fotografias do Autor. | |
| Figuras 23 e 24 – <i>Anexo do Forte.</i> | 21 |
| Autor: Fotografias do Autor. | |
| Figuras 25 e 26 – <i>Acesso ao Forte.</i> | 22 |
| Autor: Fotografias do Autor. | |
| Figuras 27 e 28 – <i>Envolvente do Forte.</i> | 22 |
| Autor: Fotografias do Autor. | |
| Figuras 29-31 – <i>Painéis de azulejos em contexto interior.</i> | 22 |
| Autor: Fotografias do Autor. | |
| Figuras 32-34 – <i>Painéis de azulejos em contexto exterior.</i> | 23 |
| Autor: Fotografias do Autor. | |
| Figura 35 – <i>Painel de azulejo com o Canto X (Estância 152) de Os Lusíadas.</i> | 23 |
| Autor: Fotografia do Autor. | |
| Figura 36 – <i>Painel de azulejo com o poema Mar Português, da Mensagem.</i> | 23 |
| Autor: Fotografia do Autor. | |
| Figuras 37-39 – <i>Painéis de azulejos referentes a locais e acontecimentos.</i> | 23 |
| Autor: Fotografias do Autor. | |
| Figuras 40-42 – <i>Painéis de azulejos em mobiliário.</i> | 24 |
| Autor: Fotografias do Autor. | |
| Figura 43 – <i>Acessos verticais em madeira.</i> | 24 |
| Autor: Fotografia do Autor. | |
| Figura 44 – <i>Acessos verticais em pedra.</i> | 24 |
| Autor: Fotografia do Autor. | |
| Figuras 45-48 – <i>Mobiliário ainda existente.</i> | 24 |
| Autor: Fotografias do Autor. | |
| Figuras 49-51 – <i>Mobiliário ainda existente.</i> | 25 |
| Autor: Fotografias do Autor. | |

| | |
|--|-----------|
| Figuras 52-55 – <i>Elevador e monta-cargas.</i> | 25 |
| Autor: Fotografias do Autor. | |
| Figuras 56 e 57 – <i>Espaço coberto por vegetação.</i> | 26 |
| Autor: Fotografias do Autor. | |
| Figuras 58-61 – <i>Cascata.</i> | 26 |
| Autor: Fotografias do Autor. | viii |
| Figura 62 – <i>Acesso da Fortaleza ao pátio.</i> | 27 |
| Autor: Fotografia do Autor. | |
| Figuras 63 e 64 – <i>“Bridge Bulding” na Califórnia, Estados Unidos da América.</i> | 32 |
| Autor: Fotografia de Kidder Smith. | |
| Figuras 65 e 66 – <i>Ponte da Ribeira da Carpinteira na Covilhã, Portugal.</i> | 33 |
| Autor: Fotografia de Fernando Guerra e Sérgio Guerra. | |
| Figuras 67 e 68 – <i>Fortaleza de Nossa Senhora da Luz em Cascais, Portugal.</i> | 33 |
| Autor: Fotografia de João Morgado. | |
| Figuras 69 e 70 – <i>Zonas de circulação exteriores à Fortaleza.</i> | 37 |
| Autor: Fotografias do Autor. | |
| Figuras 71 e 72 – <i>Zonas degradadas pela Natureza.</i> | 38 |
| Autor: Fotografias do Autor. | |

Lista de Abreviaturas

PDM – Plano Diretor Municipal

OE – Objeto de Estudo

REN – Reserva Ecológica Nacional

IFETO – Instituto Feminino de Educação e Trabalho de Odivelas

1

Introdução

1. Introdução

O edificado classificado como património é parte integrante das cidades, conservando consigo os vestígios de histórias mais longínquas. Hoje, são ainda lugares marcantes no espaço urbano pelas suas particularidades, quer arquitetónicas quer socioculturais, que preservam viva a memória de anos incontáveis de um povo.

Desde o século XIX, que terminou o tempo em que a defesa da linha de costa, era feito com recurso a instrumentos pirobalísticos. Daí resultou o desuso dos complexos militares, pois a necessidade do seu uso como tal, escasseou.

Assim sendo, a falta de planeamento sobre estes projetos arquitetónicos, muito embora classificados, originou o seu abandono, e, em muitos casos de um modo irreversível. Deste modo, este património fica marcado pelo seu elevado estado de degradação, que se continua a agravar com o passar do tempo.

Desta forma, o presente documento será dividido em três partes, suportado por um enquadramento geral histórico.

Numa primeira abordagem, elabora-se uma pesquisa de fontes primárias de investigação, através da recolha de registos históricos que tenham relevância para o esclarecimento e contextualização da evolução e expansão da malha urbana de Cascais. Na mesma linha de raciocínio, elaboração de um enquadramento para o projeto e a posterior descrição das problemáticas abordadas, através de exemplos verídicos.

De seguida, a investigação prossegue com o reconhecimento *in loco* para averiguação das condições atuais de conservação e degradação de toda a estrutura existente da Fortaleza de Santo António da Barra, assim como o seu registo fotográfico, levantamento arquitetónico (devido à escassez de plantas atualizadas), análise patológica e outros elementos que possam ajudar no entendimento do complexo militar.

Por fim, numa terceira fase, elabora-se uma estratégia de intervenção abordando e desenvolvendo novas formas contemporâneas de vivenciar o lugar, sempre fundamentada nas fases anteriores que delimitarão os interesses e pressupostos dessa mesma estratégia.

É esperado, na conclusão deste estudo, a reunião de considerações que possam constituir um contributo para o debate em torno da revitalização urbana, e de que modo, a reabilitação do património pode influenciar a (re)vivenciar um espaço urbano, de forma a preservar a memória e história das cidades, como forma de demarcar no tempo as raízes arquitetónicas, culturais e sociais.

2

Problemática

2. Problemática

A Fortaleza de Santo António da Barra é o principal objeto de estudo deste projeto final de mestrado.

Ao longo da linha de costa, do século XV ao século XVIII, foram construídas fortificações com o intuito de proteger a fronteira marítima. No entanto, desde o século XIX, que terminou o tempo em que a defesa da linha de costa, era feita com recurso a instrumentos pirobalísticos, conduzindo assim, os complexos militares ao desuso, pois a necessidade do seu uso como tal, escasseou.

Atualmente, parte delas foram reabilitadas e adquiriram novos usos – Fortaleza de Nossa Senhora da Luz, conhecida por Forte da Cidadela, agora explorada pelo grupo Pestana, originou a Pousada Cascais; o emblemático Forte de São Julião da Barra, considerado o maior e mais complexo em Portugal, residência oficial do ministro da Defesa Nacional; a Bateria Alta ao Norte da Praia Doce, mais conhecido pela Fortaleza do Guincho, que deu origem a um hotel de cinco estrelas com um prestigiado restaurante, distinguido com uma estrela *Michelin*.

Para além dos complexos militares mencionados e considerados como casos de sucesso, existem outras unidades que se encontram seladas e num estado de decomposição proeminente, nomeadamente o Forte de São Pedro (ou da Poça), o Forte de São Teodósio ou Cadaveira e o objeto de estudo – Fortaleza de Santo António da Barra.

Deste modo, procura-se entender para e em que, circunstâncias foi edificado e que potencialidades este pode vir a ter, através da investigação na presente bibliografia: *Para a história do concelho de Cascais na idade média* (Marques, 1988), *Carta de Veneza* (1964), *fortalezas da costa marítima de Cascais* (Lourenço, 1964), *As fortificações marítimas da costa de Cascais* (Boiça, Barros & Ramalho, 2001), *Memórias da linha de Cascais* (Colaço, 2003), *Naufrágios e acidentes marítimos no litoral Cascalense* (Silva & Cardoso, 2005), *Pesca de naufrágios* (Vaz, 2005), *As questões do património* (Choay, 2006), *O património de Cascais* (Cabral & Santos, 2009), *Fortificações marítimas* (Ramalho, 2010), *650 anos de história* (Câmara municipal de Cascais, 2014) e ainda o arquivo histórico.

Outro tema que é necessário abordar, pois relaciona-se com o primeiro, são as consequências de um crescimento exponencial, que durante décadas, provocou uma aceleração brutal no desenvolvimento do tecido urbano. Esse, progresso, não

regulamentado e elaborado para responder ao elevado crescimento demográfico, gerou um grande problema – fragmentação do tecido urbano. Cujas inúmeras descontinuidades e cortes urbanos, distribuídos por toda a área Cascalense, contribuem para a segregação do território em partes mais ou menos isoladas, fruto de fatores que irão ser expostos.

Serão abordados temas específicos, responsáveis por esta problemática. Perceber em que contexto se inserem, bem como, a sua interpretação e posterior solução, designados por revitalização urbana e vazios urbanos.

A revitalização urbana é um tema importante para análise, pois decompõe-se em subtemas, dos quais, a requalificação urbana, reabilitação urbana e a renovação urbana, sendo que, contextualmente se abordarão os que mais sentido fazem para este projeto, a fim de perceber de que forma cada um contribui para a formação de cidade, segue-se: *A revitalização urbana* (Moura, Guerra & Seixas, 2006), *Requalificação urbana* (Silva, 2011) e *Revitalização de áreas urbanas em crise* (Mendes Baptista, José Baptista & Martinho, 1997).

Partindo do todo para o particular, segue-se os vazios urbanos, em que é necessário, fazer uma breve abordagem para se entender o que são estes espaços e a sua ligação com a envolvente, *Do vazio ao cheio* (Portas, 2000), *Do cheio para o vazio* (Sousa, 2010) e *Reabilitação de vazios urbanos no centro histórico* (Domingues, 2012).

E ainda, de que forma a legislação em vigor referente às classificações desses espaços podem então, conduzir a fragmentação do tecido urbano, com o Plano de Ordenamento da Orla Costeira e Plano Diretor Municipal (PDM).

Em suma, este projeto final de mestrado visa apresentar uma proposta estratégica urbana e de arquitetura, focando-se na revitalização da área urbana contígua e a (re)adaptação da Fortaleza de Santo António da Barra, com a incorporação de novos serviços e atividades.

3

Enquadramento Histórico

3. Enquadramento Histórico

Cascais, erguida pelo Rei D. Pedro I, está localizada na costa ocidental portuguesa, no ponto extremo da Europa Continental, a apenas 20 km de Lisboa e do seu aeroporto internacional. Limitada a norte pelo concelho de Sintra, a sul e a ocidente pelo oceano e a oriente pelo concelho de Oeiras.

Começou por ser uma aldeia de pescadores e agricultores, que ao longo de séculos foi albergando grandes acontecimentos, tais como, as batalhas medievais, os descobrimentos, as invasões napoleónicas, o terramoto de 1755, entre outros. Já na segunda metade do século XIX foi transformada no local predileto das mais altas classes de Portugal, em que Condes e Duques, e outras entidades de referência, como escritores, cientistas, empresários não ficavam indiferentes aos atributos de Cascais. Tem-se como exemplo, Fernando Pessoa, que em 1929, redige uma carta para Ophélia Queiroz, em que expressa uma vontade “(...) *preciso cada vez mais de ir para Cascais...*” (Pessoa, 1929).

A evolução dá-se no ramo da tecnologia, com a primeira linha de tração elétrica que, inicialmente ligava Cascais a Pedrouços e só mais tarde concluída com a ligação ao Cais do Sodré, impulsionando um papel importante no desenvolvimento na orla costeira, uma vez que permitia um rápido acesso.

No âmbito desportivo com as primeiras competições de vela, remo, natação, ténis, cricket, rúgbi e ciclismo, que num curto espaço de tempo, já em pleno século XX, Cascais estava pronto para receber um evento desportivo de prestígio mundial – o grande prémio de fórmula 1, realizado no autódromo do Estoril.

Tudo isto contribuiu significativamente para o desenvolvimento de todo o território de Cascais, onde o interesse imobiliário disparou, resultando na construção de novas urbanizações, avenidas, hotéis e *challets*.

Em meados do século XX, a Fortaleza de Santo António da Barra, tornou-se residência sazonal do Presidente do Conselho de Ministros, Dr. António de Oliveira Salazar, que em 1968 sofreu um acidente doméstico que o afastaria do poder. Após a queda do regime, instaurou-se a democracia. Esta transformação política criou condições para uma explosão demográfica resultando num crescimento descontrolado do Concelho.

De pequena aldeia piscatória, tornou-se assim, ao longo de séculos, um concelho de cerca de 100 km², habitado aproximadamente por 200 000 mil habitantes. Apesar de

possuir estrutura de cidade, por razões históricas e culturais, Cascais pretende continuar com estatuto de Vila.

3.1. Revitalização Urbana

3.1.1. Requalificação e Reabilitação Urbana

“Ao longo do tempo, a desatualização de zonas da cidade – central e periférica – chamaram a atenção pela necessidade de lhes dar novas funções” (Moura, Guerra & Seixas, 2006: p.17).

A prática da revitalização urbana surge no final do século XX com a reconversão de espaços urbanos abandonados, subutilizados ou degradados, resultado do envelhecimento das zonas de construção (centros históricos) e declínio das velhas zonas industriais e portuárias.

O termo revitalização ramifica-se em: requalificação, reabilitação e renovação urbana. Cada uma admite uma lógica de intervenção urbana diferente, mas todas contêm simultaneamente uma proposta de ação sobre a cidade. (Moura, Guerra & Seixas, 2006).

Requalificação urbana, virada para o bem-estar das populações recorrendo à dinamização social e económica através da construção e recuperação de equipamentos.

Reabilitação urbana tem uma vertente de não destruição, mas sim a sua readaptação quer a nível do espaço público quer do edificado.

Renovação urbana, a mais intrusiva de todas, busca o rejuvenescimento das áreas urbanas da cidade, sobretudo as mais envelhecidas, *“às quais não se reconhece valor como património arquitetónico ou conjunto urbano a preservar”* (Moreira, 2007: p.4), recorrendo à demolição de edifícios antigos e à construção de novos.

“Perante a tendência de revitalização e harmonização do território, através da recuperação, requalificação, conservação, proteção, manutenção, dinamização, promoção e divulgação dos recursos endógenos das áreas urbanas, o planeamento surge assim como um processo dinâmico (contínuo e flexível) que conjuga diferentes áreas disciplinares (...) têm como linha orientadora, a funcionalidade, a atratividade e utilidade do território (...).” (Silva, 2011: p.39).

A requalificação urbana é uma ferramenta que muito contribui para a melhoria das condições de vida das populações, principalmente com a dinamização social e a valorização do espaço público. Os seus pressupostos, no contexto do trabalho, focalizam-se tanto no espaço público como no património edificado.

A reabilitação urbana surge quando as cidades começam a assistir à degradação progressiva das suas estruturas urbanas e dos seus edifícios. Uma degradação provocada pelo envelhecimento próprio, pela sobrecarga de usos, abandono ou desajustamento da sua organização a novos modelos de vida, no caso português, temos ainda como fator principal, a antiga lei das rendas que promovia o abandono dos edifícios e promovia a especulação predadora de património. Esta lei foi em grande parte responsável pelo abandono dos centros urbanos e pela sua degradação.

Segundo Moura, Guerra & Seixas (2006: p.20), *“O património edificado é, em si próprio, um recurso finito e insubstituível e a sua destruição é um dano irreversível.”*

Foram décadas de expansão dos aglomerados urbanos através de novas construções, agora, com a mudança de paradigma de desenvolvimento, desenvolveram mecanismos para o aumento da competitividade das áreas urbanas mais antigas e na qualificação do espaço público.

Em pleno século XXI, a valorização do antigo está bastante presente, sendo que os novos padrões apontam para o antigo mas que este comporte características da modernidade, não retirando o valor que este apresenta para a comunidade mas sim, readapta-lo aos novos usos e novos costumes.

Portugal é um país culturalmente rico a nível arquitetónico, contando com um vasto património, devido à sua presença nas diferentes épocas da história.

O património é *“(…) um conjunto de bens culturais sobre o qual incide uma determinada carga valorativa”* (Chagas, 1994: p.40), é a memória viva de tempos passados ou presentes, o legado que uma população deixa para as gerações futuras, e que é herdado coletivamente.

Todos os objetos criados pela Humanidade surgem num contexto espacial e temporal próprios. São concebidos para satisfazer as necessidades da época, e que mais tarde, revelam interesse por diversos fatores, nomeadamente a valorização cultural, arquitetónica e social. Neste caso específico – Forte de Santo António da Barra, foi concebido, apenas para satisfazer as necessidades da época com a proteção e defesa do território e não com o intuito de ser uma obra de referência. De modo que, foi classificado como imóvel de interesse público, pelo Secretário de Estado da Cultural, justamente por ser um marco vivo da história da arquitetura militar em Portugal.

Conforme Ruskin (1854: p.147) refere, *“We may live without her (architecture), and worship without her, but we cannot remember without her”*.

A arquitetura é o único meio que dispomos para preservar vivo um laço com o passado ao qual devemos a nossa identidade e que é integrante do nosso ser. Pelo que urge identificá-lo, estudá-lo, preservá-lo e divulgá-lo.

Cascais detém um vasto e diversificado património cultural que potência a compreensão das principais características que identificam e caracterizam a região. Deste modo, todo o património localizado em Cascais, constitui uma das mais seguras bases para a construção do futuro do território, valorizando uma herança comum que se transmite às gerações vindouras.

Assim, decorrente do processo de reabilitação e requalificação urbana, numa vertente mais centralizada, torna-se pertinente alargar o perímetro de intervenção, bem como a reestruturação dos objetivos, nomeadamente a recuperação/reabilitação do património construído, assim como a relação do homem com o espaço. Isto é, existe a necessidade de dar continuidade ao processo de requalificação, mas que este se estenda e não se cinja apenas ao centro urbano mas que abranja também a periferia com o objetivo de melhorar a organização e a conexão dos espaços, bem como a estabilização do tecido.

3.2. Vazios Urbanos

3.2.1. Vazio Urbano no contexto do problema

“Vazio urbano é uma expressão com alguma ambiguidade: até porque a terra pode não estar literalmente vazia mas encontrar-se simplesmente desvalorizada com potencialidade de reutilização para outros destinos, mais ou menos cheios (...) cujo aproveitamento poderá ser decisivo para reurbanizar ou revitalizar essa cidade-outra.” (Portas, 2000: p.1).

Em arquitetura abordar o conceito de vazio urbano, é mais do que falar em ausência de espaço construído. É necessário perceber a abrangência do conceito, no que se refere ao tipo de espaços que engloba, estes podem ser: ruínas, que acomodam a ausência entre o construído, um edifício devoluto, que por sua vez ficou esquecido e ainda os espaços vazios nos interstícios da malha urbana consolidada.

Na conjuntura do problema, serão apresentados quatro casos, três dos quais bastante semelhantes entre si, e por último o objeto de estudo (OE), todos designados de, espaços expectantes. São espaços que ficaram parados no tempo, localizados em

zonas consolidadas da cidade que devido à incapacidade de resposta tornam-se espaços abandonados, obsoletos (*figura 1*).



Figura 1 – Planta da linha de costa de Cascais e arredores, ilustrando os pontos lúdicos (P1, P2, P3) e o objeto de estudo (OE).

O primeiro lugar, designado por P1, contém um edifício devoluto (*figuras 2 e 3*), este remonta ao início do século XX.

Está inserido numa zona classificada como solo rural, em que no PDM refere que “*são áreas de solo rural devem ser preservadas (...) não podendo ser objeto de quaisquer ações que diminuam ou destruam as suas potencialidades*”.

Apesar do seu abandono, é visível o magnífico enquadramento paisagístico que este local oferece. Acentuado pela altitude e pela diversa vegetação, transformando-o numa “ilha verde”.



Figuras 2 e 3 – P1

O lugar designado por P2, situa-se numa zona classificada como solo urbanizado na subcategoria de espaço verde de recreio e produção, que segundo o PDM são “(...) *áreas cujas características naturais, culturais, paisagísticas e urbanísticas devem ser preservadas, desenvolvidas e valorizadas a fim de assegurar um conjunto de funções ecológicas no meio urbano e de apoio ao recreio e lazer da população(...)*” (figuras 4 e 5).

Mais uma “ilha verde” em completo declínio, numa zona bastante consolidada com um enquadramento de excelência, também ela marcada pela altitude acentuada.



Figuras 4 e 5 – P2

A terceira e última “ilha verde”, também ela abandonada, o P3, está localizado numa zona periférica, que conta com a existência de alguns núcleos urbanos em seu redor, classificado também como solo rural, dos três é o que apresenta uma topografia mais acentuada (figuras 6 e 7).



Figuras 6 e 7 – P3

Quando se olha para a cidade, deparamo-nos com diversos espaços no seu interior com este caráter, encontrando-se à espera de algo, para voltarem a fazer parte da mesma. Estes espaços, acabam por representam a desordem e a incapacidade de atração da cidade, dispondo da oportunidade para a potenciar e ao mesmo tempo modificá-la.

São espaços aparentemente “mortos”, inseridos na malha urbana, onde nada acontece, estando abandonados e degradados, fora da vida social e económica da cidade.

É necessário acentuar a importância destes locais no território, de modo a que pertençam à cidade e que a própria população os desfrute, e não com o carácter que lhes é atribuído, como espaços intocáveis.

Assim, apesar de se inserirem em contextos diferentes, todos apresentam um potencial para promover uma fruição especial da paisagem, assumindo um forte carácter lúdico compatível com a natureza do lugar.

Sousa (2010: p.60) refere que *“Quando classificamos um espaço de vazio urbano é porque vemos nele uma oportunidade de mudança, que pode implicar um novo uso (...) uma qualificação como espaço de memória ou espaço verde (...)”*.

Por fim, o objeto de estudo, situado sobre as arribas, onde opera a legislação de forma rígida e inoportuna. Um local que viu as suas funções saírem, mas nada veio em substituição (Cavaco, 2007) (*Figura 8*).



Figuras 8 – Objeto de estudo – Fortaleza de Santo António da Barra

A expressão, Vazio Urbano não se aplica, necessariamente, a um espaço vazio. Neste caso, o vazio dá-se por carência de uso. Apesar de edificado, este caso assemelha-se às “ilhas verdes”, derivado às consequências que tende a provocar o abandono.

Uma vez mais, existem condicionantes que estão presentes neste problema. Isto é, o facto de se localizar sobre as arribas, está interdita a qualquer intervenção de revitalização e mais concretamente de reabilitação urbana.

A Reserva Ecológica Nacional (REN), *“é uma estrutura biofísica que integra áreas com valor e sensibilidade ecológicos ou expostas e com suscetibilidade a riscos naturais. É uma restrição de utilidade pública que condiciona a ocupação, o uso e a*

transformação do solo a usos e ações compatíveis com os seus objetivos.” (Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional Lisboa e Vale do Tejo).

Assim, esta entidade dispõe do seu próprio regulamento, e posteriormente, os municípios adequam ao seu contexto, pois existem municípios que não dispõem de plantas que definam as zonas de REN. Desse modo o regulamento da REN vai prevalecer.

No caso de Cascais, este dispõe de plantas e coloca as suas premissas no PDM. Como referido neste, é interdita a construção de novas edificações, apenas a reconstrução, ampliação e alteração de edifícios existentes.

É de salientar os interesses do município, que defende e bem, a REN, bem como o enquadramento paisagístico que neste tipo de local deve premanecer, sendo interdita determinadas intenções. Estas premissas irão participar na desvalorização do território, pois tendem a transformá-los em locais sombrios, desqualificados, originando espaços convidativos à delinquência. Proferindo o facto da necessidade de uma atitude preventiva (não só ligado à Fortaleza mas também às designadas “ilhas verdes”) no que diz respeito aos incêndios, uma vez que a vegetação se estende e não é devidamente controlada.

Torna-se assim importante analisar propostas, mesmo inseridas em zonas com condicionantes deste tipo, de modo a perceber se podem ou não contribuir para a valorização do edificado existente, ou até mesmo para usufruto da própria população.

Assim, com a existência excessiva do carácter burocrático, vai impossibilitar propostas de intervenção quer em espaços vazios, quer em espaços menos vazios.

Este vazio, é um “(...) espaço de oportunidade provisoriamente abandonado” (Cavaco, 2007).

O que os casos apresentados têm em comum, é que ambos convergem para o mesmo fim: a desordem da cidade, abandono e desinteresse, tornando a cidade fragmentada, composta por espaços adormecidos.

3.3. Estratégia de Intervenção

Mediante os pressupostos antes enunciados, pretende-se revitalizar todo o concelho, a partir da intervenção nos vazios urbanos que mais potencial revelam. Ainda que, em partes distintas, funcionem juntos e que sejam devolvidos não só as cidades mas também à população.

Como se entende, a causa dos vazios urbanos é maioritariamente causada pela legislação que os regula. Os criadores desta legislação, pretendem ceder estes espaços às populações com o intuito de estas usufruírem, mas o que realmente se sucede são espaços abandonados e desinteressantes.

Estes espaços expectantes ao estarem abandonados depressa se tornam espaços de lixo. O estado de degradação e abandono destas áreas contrapõe-se à oportunidade que as mesmas representam para uma regeneração urbana do local onde se inserem, promovendo assim, a sua descontextualização.

Os espaços de “ilhas verdes”, são espaços com grande potencial não só paisagístico mas também numa vertente social e cultural. Podem albergar variadíssimas atividades ligadas a população, tais como: espaços desportivos, espaços de jogos para crianças, espaços de encontro e jogos para idosos. Mantendo um carácter efémero nos espaços, para que sejam os menos impactantes com o território, com o uso materiais ecológicos e desmontáveis a qualquer altura, como recicláveis e reciclados, madeira, entre outros.

Reformando a fragmentação do tecido urbano, através de uma via ciclável que irá fazer-se passar pelas diferentes “ilhas verdes” disfrutando dos espaços lúdicos, nelas contidos bem como, o cruzamento pelo o Objeto de Estudo permitindo o seu conhecimento. Essa via ciclável ramifica-se em duas vertentes – interesse histórico/turístico e o interesse quotidiano, assim destinado a todos os tipos de utilizador.

No Objeto de Estudo pretende-se dar a conhecer uma das possíveis soluções para a resolução não só do abandono da Fortaleza mas também para recriar a vivência a toda àquela zona, e sobretudo potenciar o enquadramento paisagístico através de uma proposta de cariz minimalista e pouco impactante.

Permitir a permeabilidade à população, com o intuito de poder visitar as imediações da Fortaleza bem como usufruir dos novos serviços e atividades que esta virá a ter.

Posto isto, pretende-se combater o carácter legislativo aplicados a estes espaços, dando a perceber, que cada lugar, é um lugar e deve ser pensado como tal.

De modo que, a lei está a tornar estes espaços cada vez mais distantes e intocáveis, quando deveria ser o inverso, ou seja, incentivar a elaboração de propostas para revitalizar a cidade, compatíveis com a natureza do mesmos. Criando a defesa do seu conjunto, pois sozinhos, estes lugares não conseguem a sua estabilidade.

Existem potencialidades nestes espaços que jamais foram exploradas, e que seriam uma mais valia para fortalecer o território Cascalense.

4

Objeto de Estudo

4. Objeto de Estudo

O objeto de estudo é a Fortaleza de Santo António da Barra.

Ao longo de séculos, muitos incidentes e muitas vidas se perderam na linha de Cascais. Devido à sua posição geográfica privilegiada, foi continuamente frequentada tanto por embarcações de pesca, como por navios mercantes, de recreio, de pirataria e de guerra (Boiça, Barros & Ramalho, 2001).

No entanto, sempre faltou a Lisboa (área em que se insere Cascais), a grandeza e a fortificação que a defendesse dos inimigos que do mar a vigiavam. É perante essa ameaça iminente e agravada que, a partir do momento em que o bojo das caravelas recebeu armas de fogo, que surgiu a necessidade de abastecer a capital com construções de defesa marítima, para responder às ameaças de ataque.

No espaço, de algumas décadas, os instrumentos e táticas de guerra desenvolvidos na era medieval tornaram-se obsoletos. A evolução da pirobalística, obrigou engenheiros e arquitetos a gerar novas formas arquitetónicas adaptadas a receber e a responder às investidas do inimigo.

Ao longo da linha de costa, de ocidente para oriente (do Cabo da Roca a Belém), do século XV ao século XVIII, foram mandadas construir fortificações com o intuito de defender a fronteira marítima. Umas de carácter permanente e outras de carácter temporário ou efémero, em que em alguns casos apenas restam ruínas. Reconhece-se um denominador comum às diferentes épocas, o esforço construtivo e/ou reconstrutivo em tempos de guerra ou na iminência da mesma. Com os ciclos de guerra, embora dinâmicos, eram claramente mais curtos que os de paz (Boiça, Barros & Ramalho, 2001).

O longo trecho costeiro compreendido entre o Cabo da Roca e São Julião da Barra definiu durante séculos os limites da circunscrição militar de Cascais, compostos por:

- Do porto e da vila de Cascais:

- Torre de Santo António;
- Fortaleza de Nossa Senhora da Luz;
- Cidadela de Cascais;
- Forte de Santa Catarina e as Muralhas da praia.

- A oriente de Cascais:

- Forte de Nossa Senhora da Conceição;
- Forte de São Roque;
- Forte de Santo António de Estoril;
- Forte da Cruz de Santo António da Assubida;
- Forte de São Pedro;
- Forte de São João da Cadaveira;

- Fortaleza de Santo António da Barra;

- Forte de São Domingos de Rana.

▪ A ocidente:

- Forte de Santa Marta;
- Forte Novo e Vigia da Boca do Inferno;
- Forte de Nossa Senhora da Guia;
- Forte de São Jorge;
- Forte de São Brás de Sanxete;
- Baterias do Guincho: Cresmina, Alta e Galé;
- Forte do Guincho;
- Forte de Nossa Senhora da Roca.

▪ A oriente, (já fora do concelho de Cascais):

- Forte de São Julião da Barra.

A Fortaleza de Santo António da Barra, também conhecido por Forte de Salazar, uma vez que o antigo Presidente do concelho de ministros passou lá, muitas vezes férias de Verão. Foi ainda neste complexo militar, que sofreu o trágico acidente doméstico, a queda da cadeira, que levaria o seu afastamento do governo.

Quando Filipe II de Espanha subiu ao trono português (1580), este tinha consciência das fragilidades defensivas que Lisboa e toda a linha de Cascais possuía. *“Desse modo, uma das suas primeiras medidas foi encarregar os engenheiros italianos que o acompanhavam, de estudarem um plano que impedisse o acesso a Lisboa pelo rio e eventuais embarques na linha de costa entre S. Julião e Cascais.”* (Ramalho, 2010: p.38).

É então nesta conjuntura, que vai nascer a Fortaleza de Santo António da Barra. O respetivo projeto e a escolha do local para a nova fortificação são da autoria do engenheiro militar italiano Frei Vincenzo Casale. A obra durou pouco mais de um ano e em 1591 o engenheiro informa o rei que está pronta para habitar.

“Apesar da sua importância para a defesa da Barra, as fortificações portuguesas vão sofrer sempre os danos do seu pior inimigo, os tempos de paz. Acabadas as guerras ou afastados os eventuais perigos, as fortalezas eram praticamente abandonadas. Não havendo o bom senso de as manter, degradavam-se muito rapidamente.” (Ramalho, 2010: p.41).

Assim sendo, quando havia a necessidade de voltarem ao uso, o restauro era, muitas vezes, quase integral. Apesar de algumas alterações elaboradas pelos vários ocupantes nas diferentes épocas, a Fortaleza apresenta ainda, de um modo geral, as linhas desenhadas por Casale.

Após a perda da função defensiva, a Fortaleza acolhia, no final do século XIX um posto da guarda-fiscal. A partir de 1915, este é cedido ao Instituto Feminino de Educação e Trabalho de Odivelas (IFETO), como uso sazonal para colónia de férias. A fusão entre o IFETO e o Colégio militar em 2013, pelo despacho do Ministro da defesa, José Pedro Aguiar-Branco, originou a transição das alunas para o Colégio militar em Lisboa. Esta ultima mudança, provocou a sua inatividade, desde então este encontra-se abandonado.

Existe documentação escrita sobre a Fortaleza, no entanto quanto a desenhos técnicos, é escasso. Apenas foram localizadas estas plantas, que se assumem como as mais recentes, e as que mais podem revelar sobre o objeto arquitetónico (*figuras 9 e 10*).

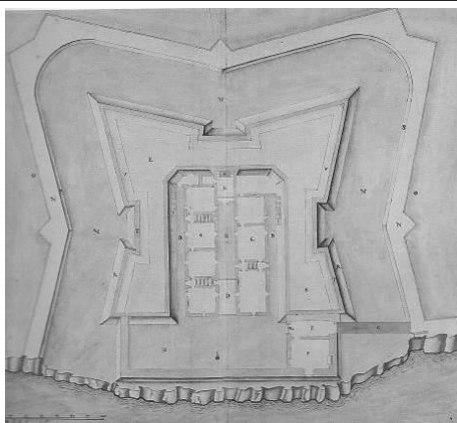


Figura 9

Planta da Fortaleza de Santo António,
Alexandre Massay, 1621.

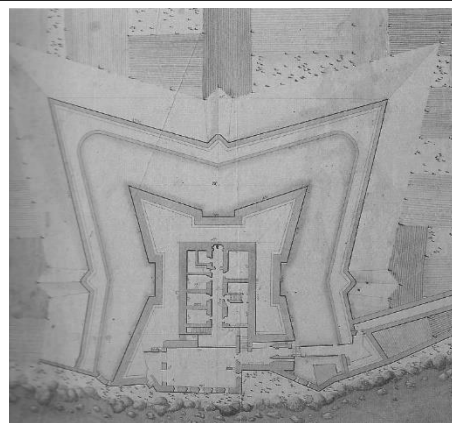


Figura 10

Planta da Fortaleza de Santo António,
Maximiano José da Serra, 1794.

4.1. Descrição do Lugar Físico

Após alguma indecisão quanto à melhor maneira de construir a Fortaleza, Casale acabou por optar por uma planta poligonal irregular em forma de estrela. Dispõe de dois baluartes exteriores ligados por revelins em “V”, rasgados por canhoneiras e guaritas cilíndricas com cúpulas. No centro do terraplino ergue-se uma edificação acasamatada de planta quadrada dividida por um estreito pátio coberto, que no fundo possuía uma capela da invocação do Santo Padroeiro. O pátio fazia a distribuição para as casernas, onde se instalavam os quartéis dos soldados, armazéns e outras dependências



Figuras 11 - 14 – Partes constituintes da Fortaleza.

Figuras 11 - 14 – Acessos verticais em madeira.

O processo de degradação e abandono é evidente, não só pelo crescimento descontrolado da vegetação, mas também por exposição aos elementos (*figuras 15 e 16*).



Figuras 15 e 16 – Estado atual da Fortaleza.

Desocupado desde 2013, a Fortaleza apresenta sinais visíveis de degradação que denunciam um maior período de inatividade. Hoje encontra-se abandonado, destruído e entregue à natureza (*figuras 17 e 18*).



Este estado de desinteresse e de abandono, sujeita o imóvel à prática de vandalismo (*figuras 19 e 20*).



Figuras 19 e 20 – Representação das práticas de vandalismo.

A este da Fortaleza, uma zona verde bastante ampla contém vestígios de edificado que serviria de apoio (*figuras 21 e 22*).



Figuras 21 e 22 – Vestígios de edificado.

Bem como o anexo que está encastrado à Fortaleza, serviria de apoio ao mesmo, sendo uma construção feita à posteriori, para o alojamento dos funcionários que serviam António Salazar (*figuras 23 e 24*).



Figuras 23 e 24 – Anexo do Forte.

O acesso ao seu interior apenas se faz pelo portão principal, pois ao longo de toda a sua envolvente é difícil, devido à altura da muralha (*figuras 25 e 26*).



Figuras 25 e 26 – Acesso ao Forte.

No entanto, a exposição ao vandalismo é elevada, em que se pressupõe a invasão do forte através da escalada da muralha através da cobertura do anexo (*figuras 27 e 28*).



Figuras 27 e 28 – Envolvente do Forte.

É difícil manter ou preservar um objeto arquitetónico como este, não estando em pleno funcionamento. Os fatores, de origem natural e humano, vão apressar o processo de ruína e todo o seu valor patrimonial e potencial poderá ficar em risco.

Ainda assim, o imóvel apresenta peças de elevado valor simbólico e patrimonial, bem conservadas e resistentes aos diversos agentes. Exemplo disso, é a sala de refeições, que é forrada, não só as paredes mas também o pavimento, e um pequeno pátio, também ele com um embasamento, em azulejos da conhecida azulejaria Viúva Lamego, que criam um espaço e uma vivência magnífica que fortemente o caracterizam (*figuras 29 - 31*).





Figuras 32 - 34 – Painéis de azulejos em contexto exterior.

Os painéis de azulejos que ocupam as paredes exteriores do Forte, citam algumas obras. O canto X (figura 35), de *Os Lusíadas*, escrita pelo poeta Luís Vaz de Camões, e ainda o Mar Português, da *Mensagem*, escrita por Fernando Pessoa (figura 36).

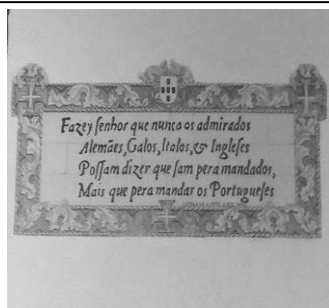


Figura 35 – Pannel de azulejo com o Canto X (Estância 152) de *Os Lusíadas*.

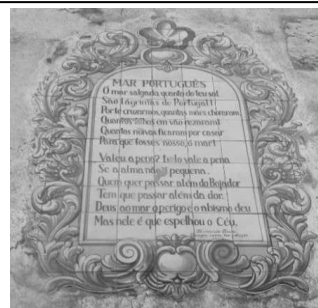
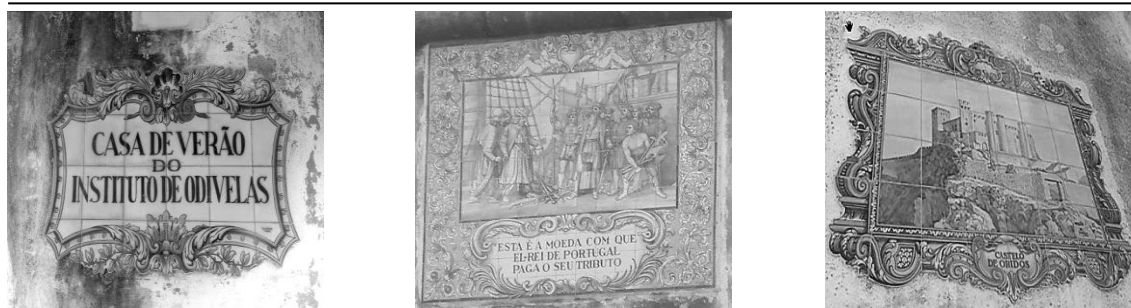


Figura 36 – Pannel de azulejo com o poema Mar Português, da *Mensagem*.

Outros painéis de azulejos que compõem as paredes exteriores remetem não só ao nome da instituição como a locais e acontecimentos (figuras 37 - 39).



Figuras 37 - 39 – Painéis de azulejos referentes a locais e acontecimentos.

Também as peças de mobiliário como é o caso de vasos, são forrados a azulejos (figuras 40 - 42).



Figuras 40 - 42 – Painéis de azulejos em mobiliário.

Para além do estado de conservação mediano das casernas, zona de restauração e seus acessos, nomeadamente escadas em madeira (figura 43) e outras em pedra (figura 44), o que é compreensível, uma vez que estão abertas e expostas à erosão do tempo.

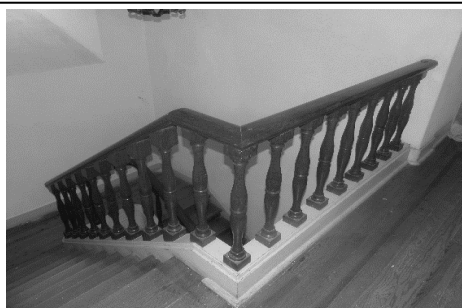


Figura 43 – Acessos verticais em madeira.



Figura 44 – Acessos verticais em pedra.

Estas divisões ainda são compostas por alguns objetos e mobiliário, como móveis, roupeiros, cadeiras, loiças sanitárias, entre outro tipo de objetos (figuras 45 - 48).



Figuras 45 - 48 – Mobiliário ainda existente.

As casernas distribuem-se ao longo do corredor, denominado de rua, que no fundo apresenta uma capela. Foram retirados todos os objetos ligados ao culto sacro mas ainda assim permanece com o seu caráter, duplo pé direito, altar, lustre e um acesso a uma divisão que se destinava ao padre, ainda com alguns objetos e mobiliário (*figuras 49 - 51*).



Figuras 49 - 51 – Mobiliário ainda existente.

A necessidade de ajustar às condições e ao uso enquanto IFETO, na questão das acessibilidades, foi adaptado um elevador na zona das casernas para o acesso ao 1º andar, assegurando a questão das acessibilidades. Na zona de refeições foi instalado um monta-cargas para fazer chegar ao piso superior (sala de refeições) o necessário (*figuras 52 - 55*).



Figuras 52 - 55 – Elevador e monta-cargas.

Nos espaços exteriores à Fortaleza, encontramos espaços de estar e de lazer que contam com um grande potencial cénico, que de certo modo está absorvido pela natureza.

Localizado a Este da Fortaleza, junto às arribas temos a existência de uma zona que permite o acesso à cota mais baixa, ou seja, a uma praia de pedregulhos e grandes

rochedos. A estrutura divide-se em três patamares, um de acesso à praia, outro de contemplação com a existência de um banco de pedra e outro que faz a transição através de uma passagem bastante estreita que permite o atravessamento da ribeira para um pátio com uma área considerável e desafogada, rodeada com vários bancos de pedra aproveitando os muros que criam um perímetro em torno deste pátio com apontamentos de vegetação em canteiros embutidos, salientando sempre a possível vista sobre o mar e a sonoridade das ondas.

Estes espaços, grande parte deles estão cobertos por espécies de vegetação invasora, que com a ausência do seu controlo, permite que estas invadam e absorvam os espaços destinados à circulação e até mesmo o mobiliário urbano (*figuras 56 e 57*).



Figuras 56 e 57 – Espaço coberto por vegetação.

A ribeira que separa o pátio da zona de acesso à praia, em dias de grande precipitação, cria um cenário extraordinário com a formação de cascatas, proporcionadas pelos diversos socacos e patamares até atingir o oceano. Devido ao excesso e à intensidade da água que advém dessa mesma ribeira, avistam-se pequenas fissuras nas rochas que criam pequenas fontes (*figuras 58 - 61*).



Figuras 58 e 61 – Cascata.

O acesso da Fortaleza à zona do pátio e posteriormente à zona de praia, tem um acesso particularmente interessante, ou seja, o alinhamento geométrico de mais de uma dezena de árvores de um lado e de outro gerando um corredor revestido em capim. Através de uma pendente pouco acentuada e seguindo o corredor de árvores, gera um efeito de suspense e surpresa uma vez que não se avista o que está para além (*figura 62*).



Figura 62 – Acesso da Fortaleza ao pátio.

Estão presentes diversos tamanhos de vegetação desde o porte pequeno e rasteiro até ao porte grande e denso. Apesar de estar apenas devoluto desde 2013, tanto as árvores como as suas copas denotam o desmazelo no cuidado da vegetação, de maneira que, esta desenvolveu-se de modo selvagem e tomou proporções bastante vastas.

4.2. Descrição Técnica do Objeto

Após registo fotográfico e análise *in loco* foi elaborada uma lista com algumas patologias e possíveis causas.

4.2.1. Local de Implantação

a) Ambiente

A Fortaleza de Santo António da Barra situa-se sobre as arribas, o que leva a estar exposta a um ambiente marinho. O facto de estar diretamente em contato com o mar, faz com que este liberte sais que provoca eflorescências nas paredes e ainda a corrosão de certos materiais, como as armaduras, vedações, ferro, entre outros materiais.

b) Árvores e Vegetação

Outro problema, são as árvores de grande porte ou espécies de crescimento rápido a menos de 10 m da construção. Estas provocam situações de entupimentos de drenagem, bem como as tensões na construção devido às extensas e fortes raízes que possuem. Já as trepadeiras e arbustos sobre a construção aceleram a destruição das argamassas de assentamento e dos rebocos bem como, a deterioração da pedra.

4.2.2. Edificado

a) Estado Geral da Construção

O edifício apresenta várias fissuras e até mesmo falhas de reboco em certos locais da muralha, que poderão ser provenientes de assentamento.

b) Cobertura

Na cobertura do bloco mais elevado, foi colocado uma tela impermeabilizante, que pelo aspeto não tem muito tempo, o que mostra que anteriormente poderiam existir infiltrações.

4.2.3. Vãos Exteriores

As guarnições dos vãos, são de madeira, o estado das molduras é bastante degradado, a tinta está a saltar e a própria madeira está desprotegida, o que irá certamente originar o seu apodrecimento.

4.2.4. Interiores

A cozinha, aparentemente, sem humidade e as casas de banho também, talvez pela proteção da tela impermeabilizante colocada na cobertura.

4.2.5. Alvenarias

a) Materiais Utilizados

A fortaleza, a nível das muralhas, através das falhas de reboco consegue-se compreender que a alvenaria utilizada é a de pedra. Nesses pontos concretos, onde existe ausência de reboco, a alvenaria está com bom aspeto. Já no interior das casernas pressupõe-se que as paredes secundárias são feitas de alvenaria de tijolo.

4.2.6. Revestimentos

Em termos de pintura, este só se aplica dentro das casernas e no pátio coberto, mas está bastante deformado, a tinta está a saltar.

No que se refere ao revestimento do complexo militar, todo ele é reboco e apresenta algumas falhas, como já foi referido.

Como referido anteriormente, a cobertura foi impermeabilizada há relativamente pouco tempo, e aparentemente não apresenta anomalias.

5

Estudo de Caso

5. Estudo de Caso

5.1. Estratégia de intervenção para ocupação dos Vazios Urbanos e reabilitação da Fortaleza com proposta de um novo Objeto Arquitetónico

A estratégia de intervenção concebida a partir do processo de análise, anteriormente descrito, toma como ponto de partida os princípios que o município através do PDM tentam proporcionar nos espaços. Esperando assim, contribuir para uma continuação aperfeiçoada das intervenções públicas no concelho de Cascais.

Apresenta-se numa primeira fase de um processo lento e gradual. É nesta primeira fase que se delineiam as premissas bem como, o campo de atuação. Propondo a reocupação por parte da população, nos vazios urbanos existentes tendo como função essencial para os mesmos, o carácter lúdico.

Propõe-se assim, um novo conceito nestes espaços, que permita mobilidade e transição e a sua relação com o resto do concelho. Pretende-se que o espaço se reinvente e que uma nova vivência o caracterize. As “ilhas verdes”, que alberguem, espaços desportivos, nomeadamente pequenos equipamentos de exercício físico que possam ser instalados nos diferentes locais P1, P2 e P3, espaços de jogos para crianças, designados jogos tradicionais que podem unir a população idosa à população jovem e ainda espaços de encontro e jogos para idosos como mobiliário urbano para que estes joguem jogos de tabuleiro, cartas e outros.

Mantendo assim, um carácter efémero nos espaços e sobretudo salientando o enquadramento paisagístico que estes contêm, quer nas “ilhas verdes” quer no local da Fortaleza com a sua reabilitação e a conceção de um novo objeto arquitetónico.

A vivência dos espaços é o ponto crucial da estratégia, adquirindo contornos permanentes ou temporários, tendo em conta que se espera cativar a população local e turistas a usufruírem destes espaços.

Estas novas funções vêm promover o desenvolvimento social, cultural e económico necessário para a revitalização do espaço na tentativa de dinamizar a sua urbanidade.

5.2. Projeto e Respetiva Memória Descritiva

5.2.1. Conceito e Proposta

A conceção de um novo objeto arquitetónico e a reabilitação da Fortaleza de Santo António da Barra, apresenta-se como proposta de ocupação de um dos vazios urbanos. O novo objeto trata-se de uma unidade hoteleira, que funcionará em conformidade com a Fortaleza, sendo esta, composta por restaurante, escola de mergulho e restauro.

Na concretização deste projeto pretende-se destacar a Fortaleza através da relação com o novo objeto arquitetónico, mediante dois fatores, a materialidade e a geometria pura que contrastará com os ângulos agudos formados pela Fortaleza. A escolha do local para a integração do novo objeto arquitetónico é específica, devido à relação que este terá com a Fortaleza, explorando a vivência do vazio, quer dentro, quer fora das muralhas.

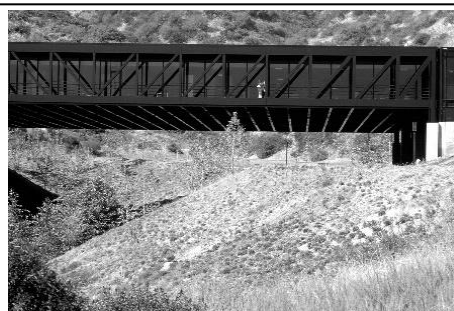
Tem-se como objetivo que o corpo novo preserve as características existentes do Complexo Militar. A proposta visa preservar o caráter identitário da Fortaleza, bem como potenciar o enquadramento paisagístico que este local tem. Assim, pretende-se que a nova construção, funcione em cooperação com o Complexo Militar, com o intuito de devolver a vivência àquele espaço, através de novos usos.

Para tal, foi tido como referência o trabalho de alguns arquitetos. Nomeadamente, Craig Elwood, Carrilho da Graça e ainda Gonçalo Byrne que foram um contributo para as escolhas tomadas e até na própria conceção do objeto, de modo que este estabelecesse relação com a Fortaleza. Desta forma, foram observados vários trabalhos destes arquitetos, para perceber que tipo de abordagem é precisa, bem como a expressão, a materialidade e o contexto em que se inserem. Destacam-se os seguintes trabalhos:

▪ “*Bridge Bulding*”, a escola de design, projetada pelo arquiteto Craig Ellwood em 1976. Uma obra que explora os grandes vãos, através de estruturas lineares em treliça, deixada à vista como parte integrante visual do objeto arquitetónico. É uma prática comum de Ellwood acentuar a geometria dos volumes estruturais (*figuras 63 e 64*).



33



Figuras 63 e 64 – “*Bridge Bulding*” na Califórnia, Estados Unidos da América.

▪ A Ponte da Ribeira da Carpinteira, projetada pelo arquiteto, João Carrilho da Graça, que através de uma linguagem pura e clara, procura perseguir a essência da arquitetura. O uso do branco e de uma outra materialidade/textura, cria um contexto cénico tal, que dá a sensação que estes objetos sempre pertenceram ao local. A forma esbelta que este objeto apresenta, integra-se perfeitamente no local bem como a sua valorização não só a nível funcional mas também, paisagística, uma vez que cria uma ambiência única (*figuras 65 e 66*).



Figuras 65 e 66 – Ponte da Ribeira da Carpinteira na Covilhã, Portugal.

▪ Fortaleza de Nossa Senhora da Luz, conhecida como Cidadela de Cascais, foi projetada pelo arquiteto Gonçalo Byrne, também ele com linhas bastante claras, fazendo alusão à revolução industrial, assumindo sempre derivados do ferro nas suas obras, acentuando sempre os cinzas. Este conta com inúmeras obras em contexto patrimonial. Onde aplica uma atitude modernista sobre o mesmo, acentuando ainda mais a sua importância como património (*figuras 67 e 68*).



Figuras 67 e 68 – Fortaleza de Nossa Senhora da Luz em Cascais, Portugal.

Serão apresentadas as plantas do atual e da proposta, em que será sinalizado a cinza a intervenção no respectivo piso.

Piso -1

Já do lado de dentro das muralhas da Fortaleza, existe um anexo, que foi construído posteriormente, no período em que Salazar se encontrava no poder. Este serviria para residência dos empregados que o serviam. Como visualizado nas fotografias, este anexo encontra-se em más condições, de modo que, a intenção será a sua demolição, libertando aquele espaço.

Como já foi dito anteriormente, as novas competências a instalar na Fortaleza são, alojamento hoteleiro, restaurante e escola de mergulho e restauro.

Deste modo, pretende-se a remoção da vegetação e respetivas raízes que se encontram no fosso. Será necessário fazer um desaterro de cerca de 3,50 m, para garantir a instalação dos respetivos serviços do hotel, nomeadamente, a receção de mercadorias, o economato, o refeitório do pessoal, os balneários, a lavandaria e o *house keeping*. Este espaço será posteriormente enterrado com aberturas que originarão a pátios internos, bem como brechas para garantir a luz natural. A sua cobertura será ajardinada, tornando assim o fosso habitável.

Será também importante garantir o acesso aos pisos superiores, não só pelo interior do Forte mas também ao corpo novo que irá comportar os quartos (ver *Apêndice I – Planta piso -1*).

Piso 0

O piso de acesso direto à Fortaleza. Composto ainda por um dos pisos do anexo falado anteriormente. Passando o portão de madeira maciça, encontramos os antigos armazéns de pólvora, que na sua última utilização, também serviam para arrumos e dispunham de uma instalação sanitária.

Deste modo, após a entrada no Forte, a seguir ao portão maciço, propõe-se o espaço de receção para a escola, para o hotel e ainda para o restaurante.

Pretende-se alterar a constituição dos antigos armazéns com o intuito de os tornar ligeiramente maiores e amplos, bem como, uma instalação sanitária pública com divisão de sexos.

Este piso garante o acesso aos elevadores, que vão possibilitar o acesso ao novo objeto. Sendo que será o ponto de distribuição, dos que pretendem ir para os quartos dos que pretendem ir para o restaurante.

Todo o espaço em torno do Forte, ou seja, no fosso, é ajardinado e dispõe de mobiliário, nomeadamente, bancos. São visíveis os pátios, apesar de se encontrarem numa cota inferior, bem como a rampa que desce ao nível dos mesmos para dar acesso às instalações de serviço (ver *Apêndice II – Planta piso 0*).

Piso 1

Neste piso, podemos dividi-lo em duas partes, a ala esquerda e ala direita. Tanto uma como a outra tem acesso ao piso superior através de escadas, mas só a ala esquerda dispõe de elevador.

Assim, neste piso houve a necessidade de tornar parte da ala esquerda, numa área serviço. Embora ainda disponha de duas salas destinadas aos utilizadores. Para evitar o cruzamento entre os utilizadores e os funcionários, criou-se um corredor nas traseiras de uma das salas para que os funcionários circulem à vontade, contendo as escadas e elevador de serviço e ainda espaços de apoio.

Na outra ala, foi necessário a instalação de outro elevador, mas este para os utilizadores do Forte nas duas vertentes, para o hotel e restaurante (sendo que existe o elevador exterior) e para a escola.

Nesta cota em questão já aparecem os dois apoios do novo corpo arquitetónico que nesta fase, são revestidos a madeira dando origem a espaços de descanso, compostos de assentos, posicionados no exterior da Fortaleza, para uso público (ver *Apêndice III – Planta piso 1*).

Piso 2

Todo o piso é disposto, por divisões bastante amplas.

Neste piso, sobre a ala esquerda, houve a intenção de fragmentar os espaços de modo a albergar a zona de cozinha, e todos os seus componentes, dos quais:

- Acessos de serviço;
- Preparação, confeção e empratamento;

- Copa limpa e copa suja;
- Gabinete do chefe e do F&B, situados na ala direita, no seguimento da cozinha, pois é uma zona mais sossegada.

Procurou-se colocar toda a cozinha neste piso, uma vez que esta faz a ponte entre o piso -1, onde se tem os recursos, o piso 0 de apoio e o piso superior que será o restaurante.

No resto da ala direita mantêm-se praticamente o existente. Nomeadamente o acesso vertical ao piso superior através das escadas, as salas.

É de salientar que neste piso em particular, é o único que tem saídas para o exterior, de ambas as alas (ver *Apêndice IV – Planta piso 2*).

Piso 3

Este piso comporta o novo objeto arquitetónico e a zona de restauração.

No existente, em ambas as alas comporta espaços longitudinais abobadados, que serviam de antigas camaratas.

Sendo que numa das alas será o restaurante e na outra ala, espaço de bar.

Pretende-se assim, devido ao carácter longitudinal, numa das alas, criar o espaço de restaurante. O facto de ser abobadado, nos extremos tornam-se espaços com um pé direito bastante reduzido. De modo que junto aos extremos, serão colocadas estantes, e encostado às mesmas serão colocadas as mesas de modo a que o espaço central, composto por um bom pé direito, permita a circulação. Cria-se ainda três claraboias em cada ala, pois são espaços apenas iluminados nas extremidades e com vãos relativamente pequenos

O novo corpo é composto por catorze quartos com cerca de 30 m² cada, sendo um deles, destinado ao *house keeping*, onde se encontra os acessórios e as mudas de roupa das camas, bem como o elevador de serviço (que vai até ao piso -1). Todos os quartos estão aptos a acolher pessoas de mobilidade reduzida, bem como todos os espaços da Fortaleza. Composto por uma galeria que faz a ponte entre a zona de quartos, o restaurante e o elevador (ver *Apêndice V – Planta piso 3*).

Cobertura

A cobertura só é acessível única e exclusivamente por fora, ou seja, através da cota do piso 2, através de uma escadaria. A cobertura não contém qualquer uso atualmente.

A proposta visa habitar a cobertura, através da criação de acesso à mesma pelo interior do Forte. Isto é, que os elevadores subam até a cobertura, originando um espaço social com uma panorâmica fenomenal sobre o Atlântico.

Este espaço servirá de continuação do restaurante, através de esplanada. Que será complementada com uma pérgula para criar sombreamento, uma vez que é uma zona bastante exposta. Esta irá adquirir a mesma materialidade que o interior do corpo novo, acentuando assim a intervenção dos dois objetos, como um único objeto (ver *Apêndice VI – Planta de cobertura*).

Nos espaços de circulação que se encontram no novo corpo arquitetónico, tem o intuito de serem espaços de contemplação do Forte. A zona onde se inserem os quartos tem duas saídas, compostas por escadas situadas nas extremidades, que ligam diretamente à parte interna das muralhas, proporcionando um espaço de passeio em torno do Forte.

Nos espaços exteriores à Fortaleza, nomeadamente, as zonas de circulação, vegetação e espaços sociais, pretende-se fazer pequenas intervenções mas de acordo com o existente, tornando o local mais natural possível. A circulação é feita pelo acesso principal à Fortaleza que se encontra em pedra calcária preta. Os restantes caminhos são secundários e já existentes, compostos por capim já os espaços circundantes à Fortaleza são revestidos de vegetação rasteira (*figuras 69 e 70*).



Figuras 69 e 70 – Zonas de circulação exteriores à Fortaleza.

Nos espaços sociais, com o seu abandono, encontram-se com níveis de terra elevado de modo que a vegetação acabou por se desenvolver nesses mesmos espaços.

Sendo necessário, a poda das árvores, aparar a vegetação rasteira e a limpeza desses mesmos espaços (*figuras 71 e 72*).



Figuras 71 e 72 – Zonas degradadas pela Natureza.

5.2.2. Memória Descritiva

a) Descrição da Proposta

A Fortaleza de Santo António da Barra localiza-se no fim da Avenida Marques Leal e no início da Avenida Marginal. Situado num terreno com cerca de 2 hectares, com uma área de implantação de cerca de 5000 m². Que vai dispor de restaurante e escola de mergulho e restauro.

A proposta prevê a construção de um novo edifício, que se desenvolve dentro e fora das imediações da Fortaleza, tendo dois apoios fora das muralhas e outro (caixa de elevadores) já dentro da Fortaleza, com área total de 920,85 m², com apenas 23,43 m² de área de implantação. Albergando os quartos da Pousada e respetivos acessos ao restaurante e aos elevadores.

Pretende-se que a Fortaleza e o novo objeto arquitetónico funcionem em conjunto.

b) Enquadramento com os Planos de Ordenamento

Sob o enquadramento com os Planos de Ordenamento, a proposta localiza-se numa área regulamentada pelo Plano Diretor Municipal de Cascais, no Plano de Ordenamento da Orla Costeira Cidadela – Forte S. Julião da Barra e inserido numa área de Reserva Natural Ecológica.

c) Adequação da Edificação à utilização pretendida

A proposta que se apresenta, é constituída por apenas um piso, estando ao nível do piso 3 do Forte. Este conta com 14 quartos com cerca de 30m² cada (sendo um deles para uso de armazenamento) e espaço de circulação/distribuição.

Distribui-se da seguinte forma:

- Zona de quartos (585,25 m²);
- Circulação (331,41 m²);
- Caixa de elevadores (4,19 m²).

d) Inserção Urbana e Paisagística e Espaço Envolvente

A proposta foi desenvolvida, tendo em consideração o enquadramento com a Fortaleza, quer a nível paisagístico, quer a relação entre os dois, como um todo.

O acesso à Fortaleza e posteriormente à proposta é feito pela Avenida Marques Leal que, de seguida surge o caminho principal que faz o encaminhamento até ao interior das muralhas, onde permanece o pavimento em calcário preto. Uma vez dentro das muralhas da Fortaleza faz-se a distribuição de usos, entre o restaurante e o hotel, da escola de mergulho e restauro, apesar de ser possível o seu cruzamento no interior do Forte.

e) Características Construtivas

▪ O corpo novo

A estrutura adotada para o novo objeto arquitetónico é a estrutura metálica em aço galvanizado. Distribuída em treliça de modo a garantir a resistência dos grande vãos, onde será apoiada em dois pilares em “garra” que levam as forças até as sapatas.

No que diz respeito às paredes, as interiores que compõem os quartos, são compostas por placas de polistireno, de modo a garantir um bom desempenho térmico e acústico. Toda a estrutura é envolvida por um filme em aço galvanizado branco (efeito carcaça), revestindo e tornando o novo corpo completamente branco em toda a sua extensão.

Já no seu interior (do objeto arquitetónico), tanto o pavimento como as paredes, será em pranchas de madeira azobé com acabamento aplainado, todas elas alinhadas, bem como as portas de entrada para os quartos e varandas, com o intuito de – uniformizar a aparência do espaço. No interior dos quartos as paredes e tetos serão em gesso cartonado branco sobre pavimento flutuante.

Os vãos de portas e janelas de vidro serão de caixilharia em PVC lacados em tons de branco.

A cobertura será plana, escondida pelas platibandas, onde será aplicada uma membrana de poliureia, que vai garantir a sua impermeabilização.

▪ A Fortaleza

No piso -1, onde se encontra a zona de serviço de apoio ao restaurante e ao hotel, pretende-se utilizar a mesma estrutura metálica em treliça, para garantir um maior comportamento, devido ao peso de uma cobertura ajardinada.

Já no interior do Forte, a grande maioria dos espaços estão revestidos a soalho de madeira, que se pretende manter, à exceção da zona de cozinha, que se pretende modificar devido às atividades que nela são desenvolvidas, através da sua remoção e aplicação de resina epóxida.

No entanto será necessário a demolição de algumas paredes de carácter não estrutural. As paredes a acrescentar serão elaboradas em estrutura metálica e revestidas a gesso cartonado, pois serão paredes meramente divisórias.

No último piso, ou seja no restaurante serão colocadas três claraboias em ambas as alas para que se possa buscar luz zenital.

Os vãos de janelas e portas, devido ao seu estado, terão de ser substituídos, e serão colocadas caixilharias em madeira com vidro duplo e lacadas em tons de branco.

Na cobertura, aparentemente não será necessário a sua impermeabilização, pois aparentemente foi colocado antes da sua fase de abandono, ainda assim efetuar testes de infiltração. Esta, necessitará no entanto, de revestimento uma vez que se encontra com a tela à vista. Assim sendo, pretende-se aplicar sobre a tela uma camada de cimentícios.

A cobertura irá dispor de uma pérgula com o mesmo tipo de madeira utilizado no novo objeto arquitetónico, azobé com acabamento aplainado.

No revestimento da Fortaleza, onde se dá a ausência da argamassa e a existência de fissuras, será necessário remover a argamassa que se encontra fissurada e reparar através do acrescento da mesma. Após completa essa fase, levará um banho de cimento hidráulico (cinza, mantendo o seu aspeto original) para se tornar mais resistente às condições a que este se encontra.

6

Conclusão

6. Conclusão

Ao longo da investigação, a terminologia de “Vazio urbano”, esteve sempre presente, pois, aborda um conjunto de ideologias, podendo definir vários tipos de espaços, tendo sido identificadas as convicções e considerações que ao conceito se associam. Cruzando a essa informação com o carácter burocrático, que comprovado na investigação, tem uma responsabilidade acentuada no que diz respeito, ao abandono destes espaços, pois a rigidez com que os regula, torna-os distantes e dificilmente revitalizados, de modo que dificulta a sua inserção no contexto da vida urbana.

Para contrariar a tendência dos Vazios urbanos e consequente abandono dos mesmos, surgem as ações de revitalização urbana, sendo que no contexto da problemática, esta subdividiu-se em requalificação e reabilitação. Estas ações têm sido direccionadas para a intervenção nos tecidos urbanos desqualificados e desvalorizados com o carácter de salvaguarda e prevenção do património e ainda promover novas vivências sob intervenções de forma integrada, a uma escala urbana, com o objetivo principal reintegrar estes espaços na cidade.

Esta foi uma das premissas da estratégia desenvolvida. Assumiu-se o vazio urbano como ponto de partida para uma estratégia que visa a criação de uma rede de novos espaços e novos usos apenas pela correlação dos vazios entre si.

Esta estratégia de intervenção vai salientar a situação mais urgente de intervenção, como se verifica, após o processo de análise do local e dos intervenientes – Fortaleza de Santo António da Barra.

O projeto de intervenção incide-se assim num dos vazios explorados, através da qual se destaca a sua conjugação com um novo objeto arquitetónico, promovendo a sua utilização, agora com novos usos. Acentuando o seu carácter minimalista que por sua vez contrasta com o maciço complexo militar.

—

Estratégias como a proposta deste projeto final de mestrado, para as ocupações dos vazios abordados e sobretudo para o projeto que se focaliza na Fortaleza, visam o enobrecimento das áreas estudadas, devolvendo estes lugares às cidades, para que a própria população os disfrute e principalmente que continuem a fazer parte da nossa cultura, não os deixando morrer. Estas propostas poderiam ser as respostas para a revitalização de espaços aparentemente abandonados e desvalorizados.

7

Referências

7. Referências

▪ Bibliografia de Referência

- Boiça, J., Barros, M. & Ramalho, M., (2001). *As Fortificações Marítimas da Costa de Cascais*. Lisboa, Livros Quetzal,S.A..
- Cavaco, C. (2007). *Os Espaçamentos Ilegítimos. A Condição Suburbana do Vazio in Vazios Úteis. Atas do Seminário de Estudos Urbanos (ISCTE)*, Lisboa.
- Chagas, M. (1994). *Novos Rumos da Museologia*. In *Cadernos de Sociomuseologia*, N.º 2. Lisboa, ULHT.
- CCDR-LVT (Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional de Lisboa e Vale do Tejo) (2012). *Reserva Ecológica Nacional*. Lisboa.
- Moura, D., Guerra, I., Seixas, J. & Freitas, M., (2006). *A revitalização urbana: contributos para a definição de um conceito operativo*. s.l., Centro de Estudos Territoriais (CET).
- PDM (Plano Diretor Municipal) (2015). *Programa de execução*. Cascais
- Pessoa, F. (1929). *Cartas de amor*. Lisboa, Ática
- Portas, N., (2000). *Do vazio ao cheio*. Rio de Janeiro, Cadernos de Urbanismo.
- Ramalho, M. (2010). *Fortificações Marítimas*. Cascais, Câmara Municipal de Cascais.
- Ruskin, J. (1854). *The Seven Lamps of Architecture*. Nova Iorque, John Wiley.
- Silva, A. (2011). *Requalificação Urbana: O exemplo da intervenção polis em Leiria*. Dissertação para a obtenção do grau de mestre em Geografia, Universidade de Coimbra, Coimbra.
- Sousa, C. (2010). *Do Cheio para o Vazio*. Dissertação para obtenção do grau de mestre em Arquitetura, Instituto Superior Técnico, Universidade de Lisboa, Lisboa.

▪ Bibliografia de Consulta

- Aguiar, J. (2002). *Cor e cidade histórica: estudos cromáticos e conservação do património*. Porto, F.A.U.P..
- Avieno, R. (1985). *Orla Marítima*. Instituto Nacional de Investigação Científica, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, Coimbra.
- Brandão, P. (2008). *Identidade dos lugares e a sua representação colectiva*. Lisboa, DGOTDU.
- Carneiro, A. (2004). *O património reencontrado*. Dissertação para obtenção do grau de mestrado em Antropologia, Faculdade de Ciências Sociais, Universidade do Minho, Braga.
- Choay, F. (2006). *A alegoria do património*. São Paulo, Editora da Unesp: Estação Liberdade.
- Clemente, J. (2012). *Vazios urbanos e imóveis subutilizados no centro histórico tombado da cidade de João Pessoa*. Pós-graduação em engenharia urbana e ambiental, Universidade Federal da Paraíba, Brasil.
- DGOTDU (2011). *Glossário do Desenvolvimento Territorial*. N.º 2 ed. s.l.:DGOTDU.
- Domingues, T. (2012) *Reabilitação de Vazios Urbanos no Centro Histórico. Zona Histórica Intramuralhas de Castelo Branco*. Dissertação para obtenção do grau de mestre em Arquitetura, Universidade da Beira Interior, Covilhã.
- Janeiro, P. A. (2007). *Cheios Inuteis - A imagem do vazio na cidade*. Trienal de Arquitetura (2007), *Seminário de estudos urbanos*. Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa (ISCTE), Artitextos, p2.
- Knecht, M. & Niedermuller, P. (2002). *The Politics of Cultural Heritage: An Urban Approach*. s.l., Ethnologia Europea.
- Lopes, D. (2011). *A reabilitação urbana em Portugal*. Dissertação para obtenção do grau de mestre em Economia e Gestão das Cidades. Faculdade de Economia, Universidade do Porto, Porto.

- Lourenço, M. (1964). *As Fortalezas da Costa Marítima de Cascais*. Cascais, Câmara Municipal de Cascais.
- Magalhães, S. F. (2005). *Ruptura e contiguidade, a cidade na incerteza*. Dissertação para obtenção de grau de doutor, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil.
- Rodrigues, B. (2012). *Reabilitação de edifícios habitacionais com valor patrimonial – o caso do Centro Histórico de Guimarães*. Dissertação para obtenção do grau de mestre em Arquitetura, Universidade Lusófona do Porto, Porto.
- Santos, S. (2011). *Espaços Urbanos Expectantes como Oportunidades para a Requalificação: Entre a Cidade e o Rio (envolvente da cordoaria)*. Dissertação para obtenção do grau de mestre em Arquitetura, Universidade de Lisboa, Faculdade de Arquitetura, Lisboa.
- Silva, M., Cardoso G. (2005). *Naufrágios e acidentes Marítimos no Litoral Cascalense*. Cascais, Junta de Freguesia de Cascais.
- Solà-Morales, M. D. (2008). *De cosas urbanas*. Barcelona, Editorial Gustavo Gili.
- Vaz, P. (2005). *Pesca de Naufrágios. As Recuperações Marítimas e Subaquáticas na Época da Expansão*. Lisboa, Tribuna da História – Edição de Livros e Revistas, Lda.

▪ Documentos Eletrónicos

Arquivo Histórico Digital

[online] Disponível em: www.cm-cascais.pt/arquivohistoricodigital. [Consultado em: 05-11-2016].

“Bridge building” – Craig Ellwood

[online] Disponível em: www.dome.mit.edu/handle/1721.3/27204. [Consultado em: 22-12-2016].

Câmara Municipal de Cascais

Direção Municipal de Planeamento do Território e da Gestão Urbanística.

[Online] Disponível em: www.cm-cascais.pt/sites/default/files/anexos/gerais/2_caract_biofisica_paisagistica_ambiental.pdf. [Consultado em: 05-10-2016].

Plano de pormenor do espaço de reestruturação urbanística de Carcavelos – sul.

[Online] Disponível em:
www.cm-cascais.pt/sites/default/files/anexos/gerais/pperucs_ec001-1.pdf.
[Consultado em 05-10-2016].

Carta de Veneza (1964)

Congresso Internacional de Arquitetos e de Técnicos de Monumentos Históricos II. [Online] Disponível em:
<http://www.igespar.pt/media/uploads/cc/CartadeVeneza.pdf>. [Consultado em: 05-01-2017].

Comemoração dos 650 anos de Cascais – Evolução

[online] Disponível em:
www.cm-cascais.pt/sites/default/files/anexos/gerais/cascais_650_anos_de_historia.pdf.
[Consultado em: 09-11-2016].

Fortaleza de Nossa Senhora da Luz – Gonçalo Byrne

[online] Disponível em: www.e-architect.co.uk/portugal/pousada-cascais-citadel-hotel.

[online] Disponível em: www.joaomorgado.com/pt/reportagens/pousada-da-cidadela-de-cascais. [Consultado em: 17-12-2016].

Fortalezas

Forte do Castelo do Senhor Santo Cristo

[Online] Disponível em:

www.fortalezas.org/?ct=fortaleza&id_fortaleza=208&muda_idioma=PT_

[Consultado em: 23-10-2015].

Instituto de História Contemporânea – Margarida Ramalho

[online] Disponível em: www.ihc.fcsh.unl.pt/pt/ihc/investigadores/item/36240-margarida-magalh%C3%A3es-ramalho. [Consultado em: 17-11-2016].

Jornal “O Público”

(Cidade não, obrigado.

[Online] Disponível em: www.publico.pt/temas/jornal/cidade-nao-obrigado-18530849. [Consultado em: 12-10-2015].

Ponte da Ribeira da Carpinteira – Carrilho da Graça

[online] Disponível em: www.archdaily.com.br/br/01-36454/ponte-de-pedestres-sobre-a-ribeira-da-carpinteira-carrilho-da-graca-arquitectos. [Consultado em: 19-11-2016].

8

Apêndices

8. Lista de Apêndices

8.1. Plantas

Apêndice I: Piso -1, planta atual e planta de proposta

Apêndice II: Piso 0, planta atual e planta de proposta

Apêndice III: Piso 1, planta atual e planta de proposta

Apêndice IV: Piso 2, planta atual e planta de proposta

Apêndice V: Piso 3, planta atual e planta de proposta

Apêndice VI: Cobertura, planta atual e planta de proposta

8.2. Maquetas

Apêndice VII: Maqueta da Proposta, escala 1/200

Apêndice VIII: Maqueta do Quarto, escala 1/50

8.3. Painéis de apresentação do Projeto

Apêndice IX: Painel 1

Apêndice X: Painel 2

Apêndice XI: Painel 3

Apêndice XII: Painel 4

Apêndice XIII: Painel 5

Apêndice XIV: Painel 6

Apêndice XV: Painel 7

Apêndice XVI: Painel 8

Apêndice XVII: Painel 9

Apêndice XVIII: Painel 10

Apêndice XIX: Painel 11

Apêndice XX: Painel 12

8.1. Plantas

Apêndice I: Piso -1

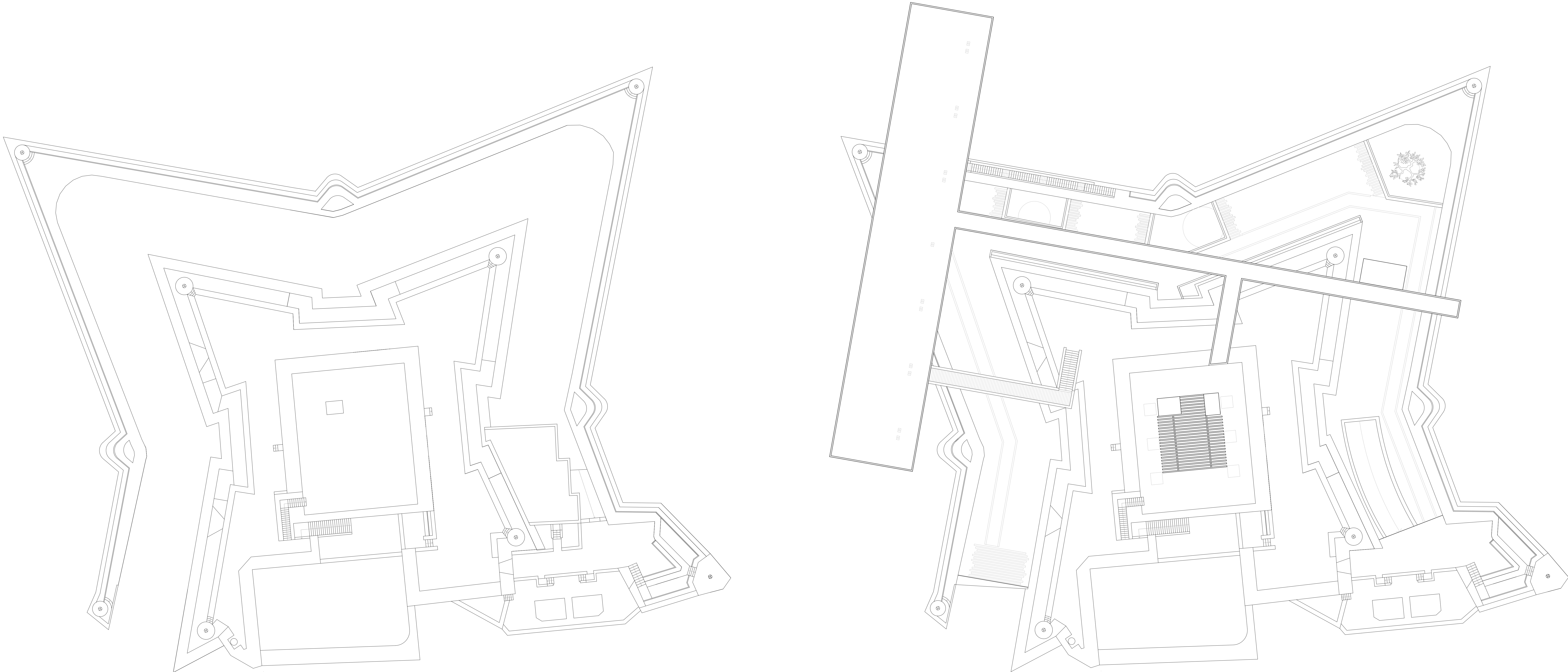
Apêndice II: Piso 0

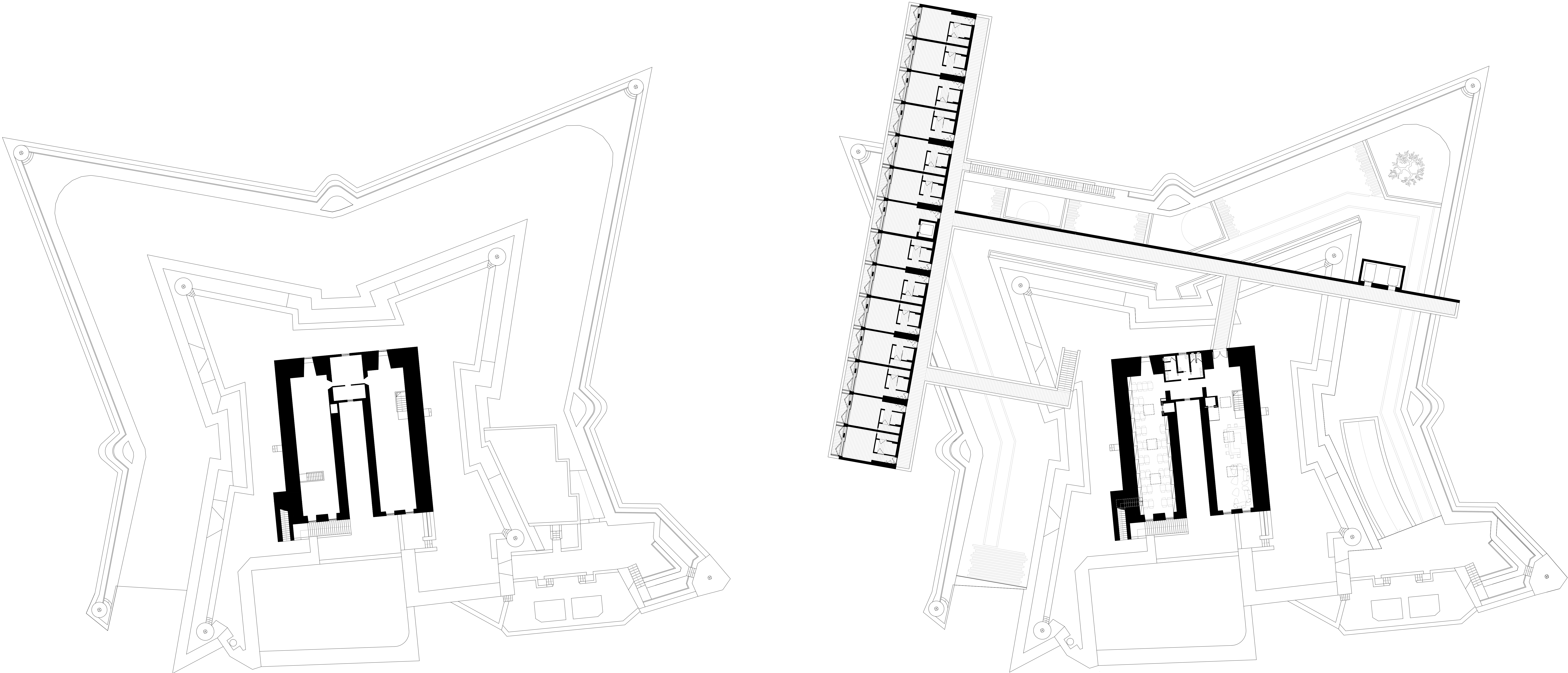
Apêndice III: Piso 1

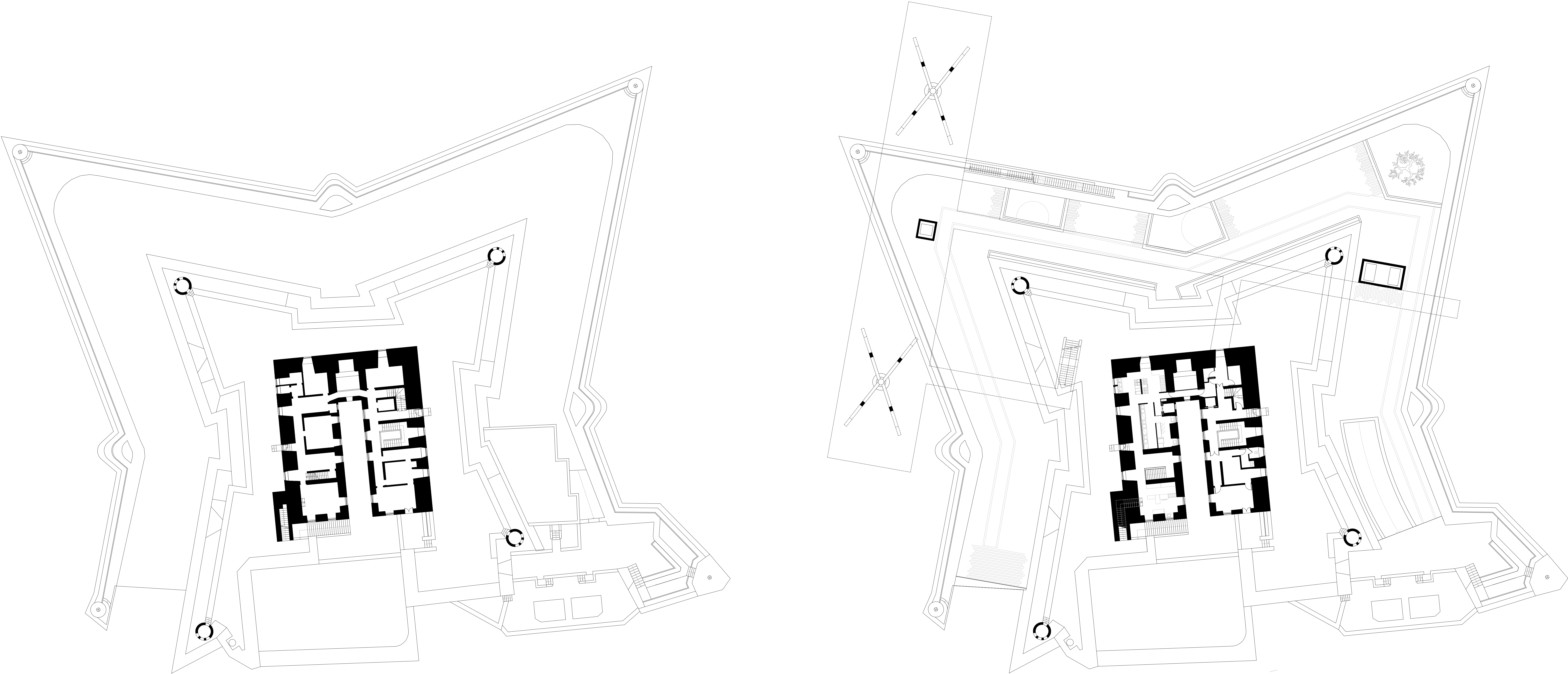
Apêndice IV: Piso 2, escala 1/200

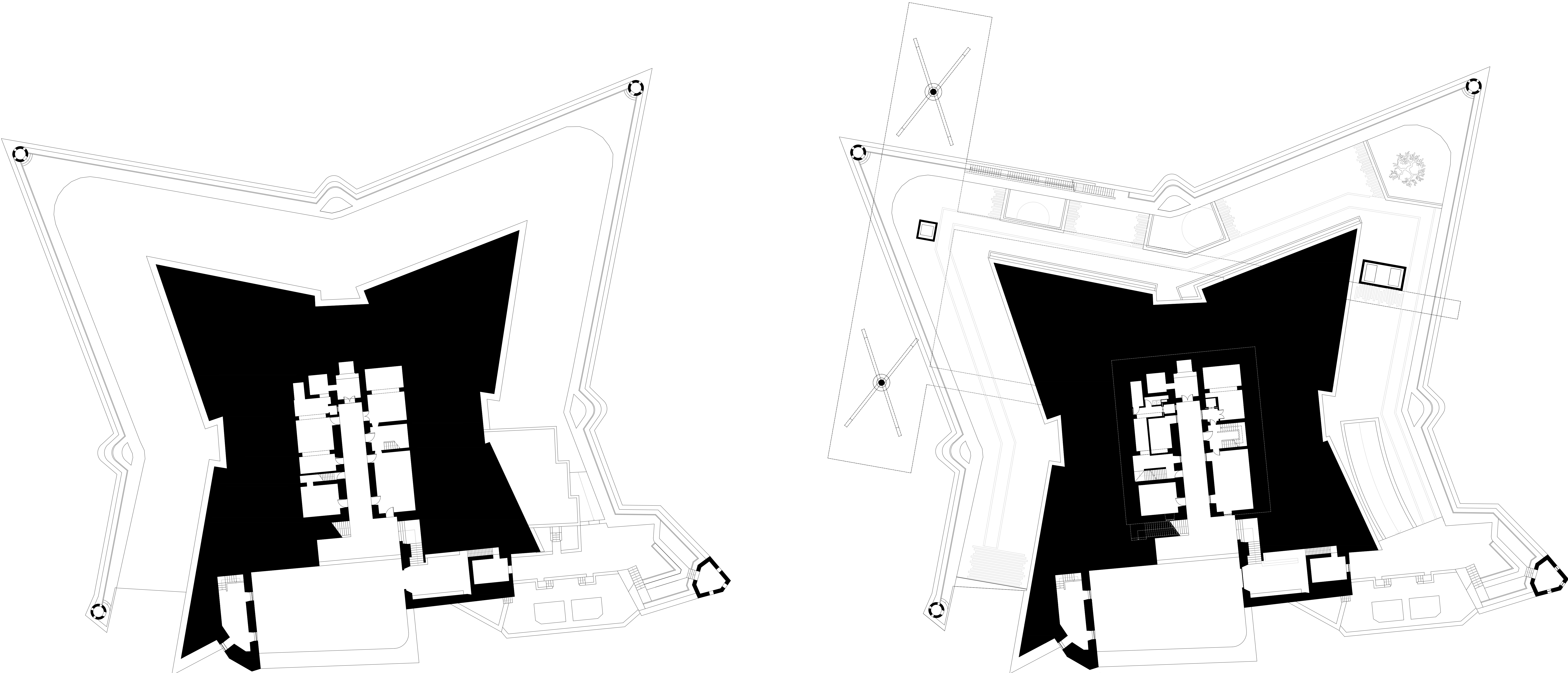
Apêndice V: Piso 3, escala 1/200

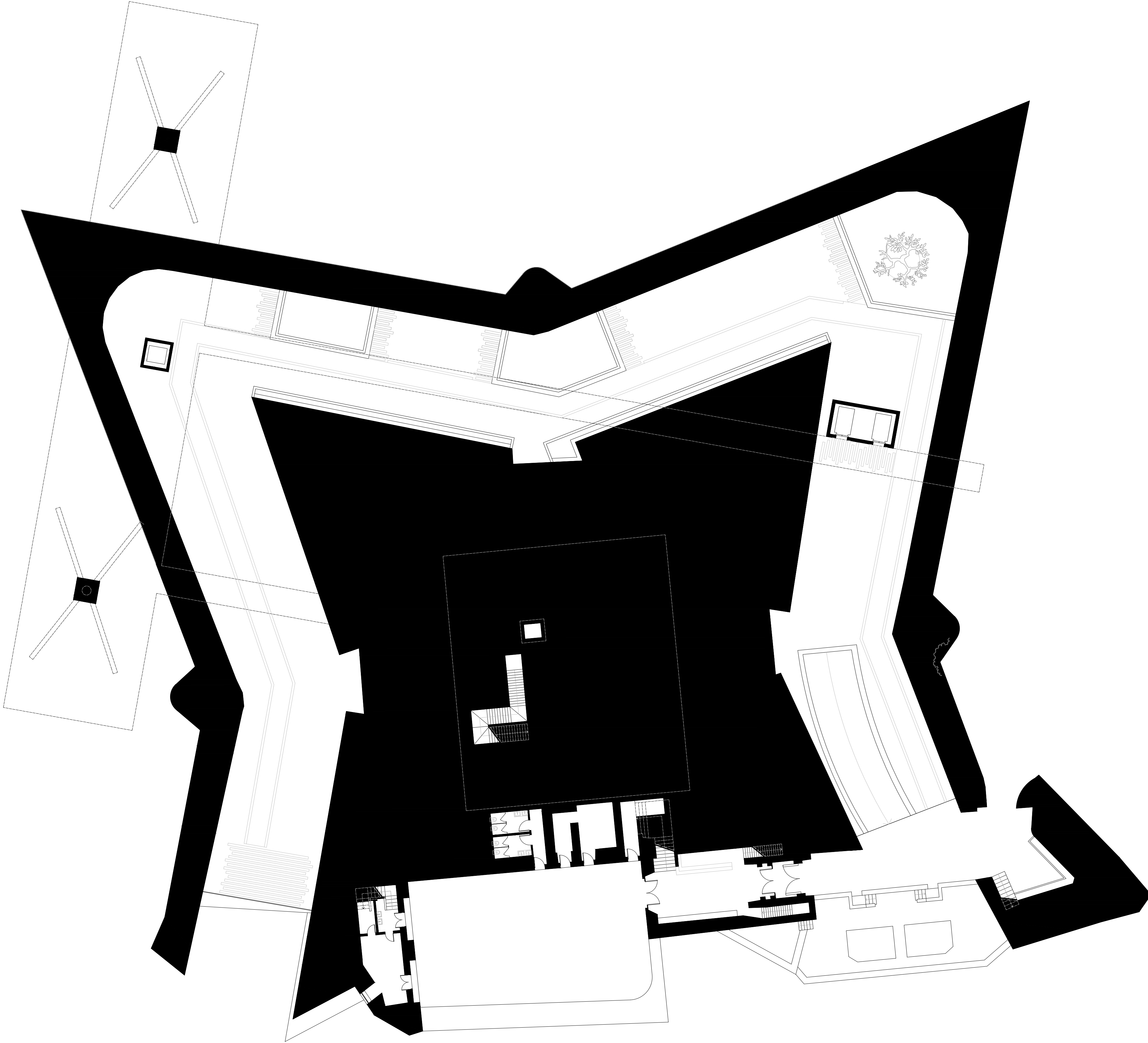
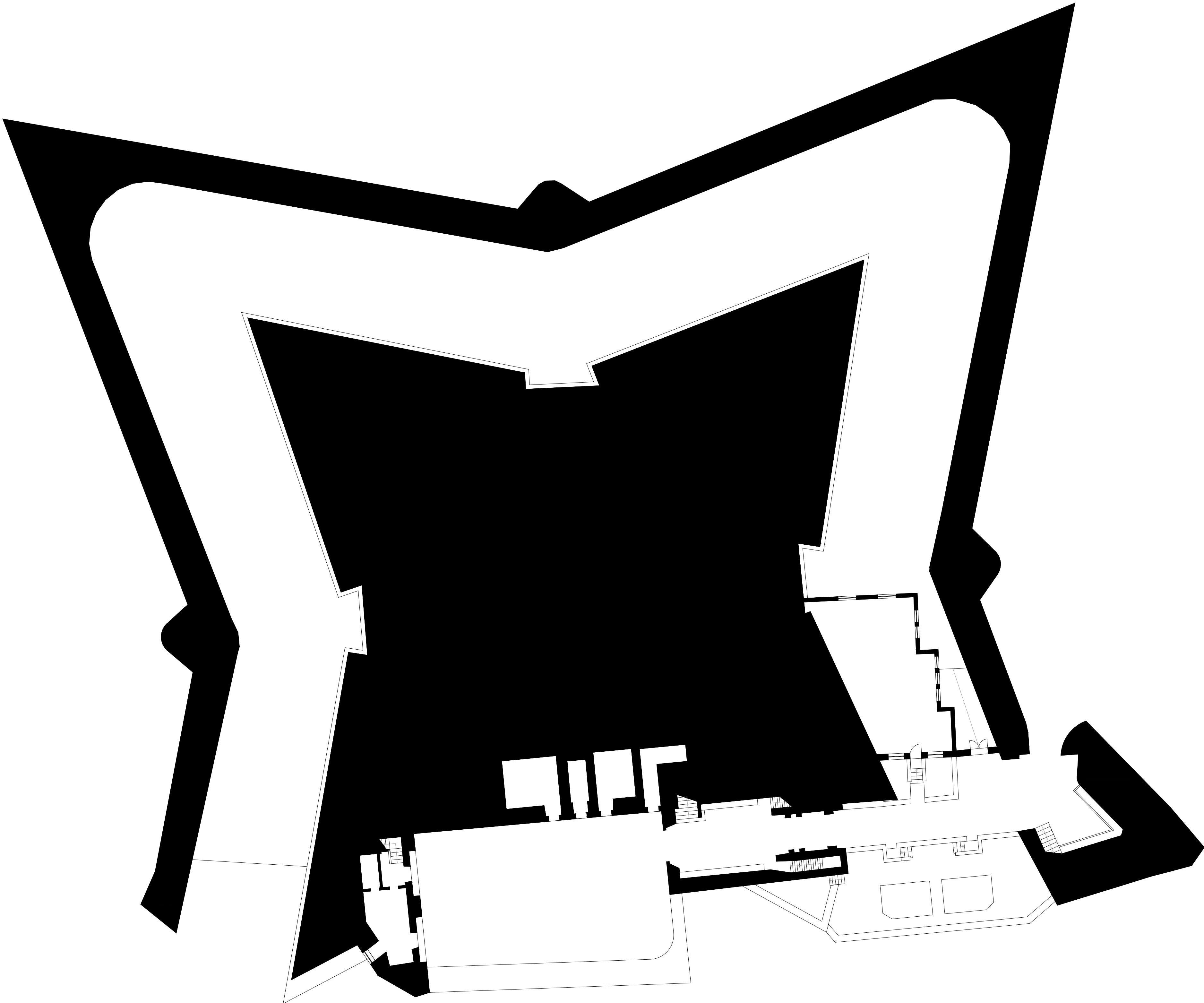
Apêndice VI: Cobertura, escala 1/200





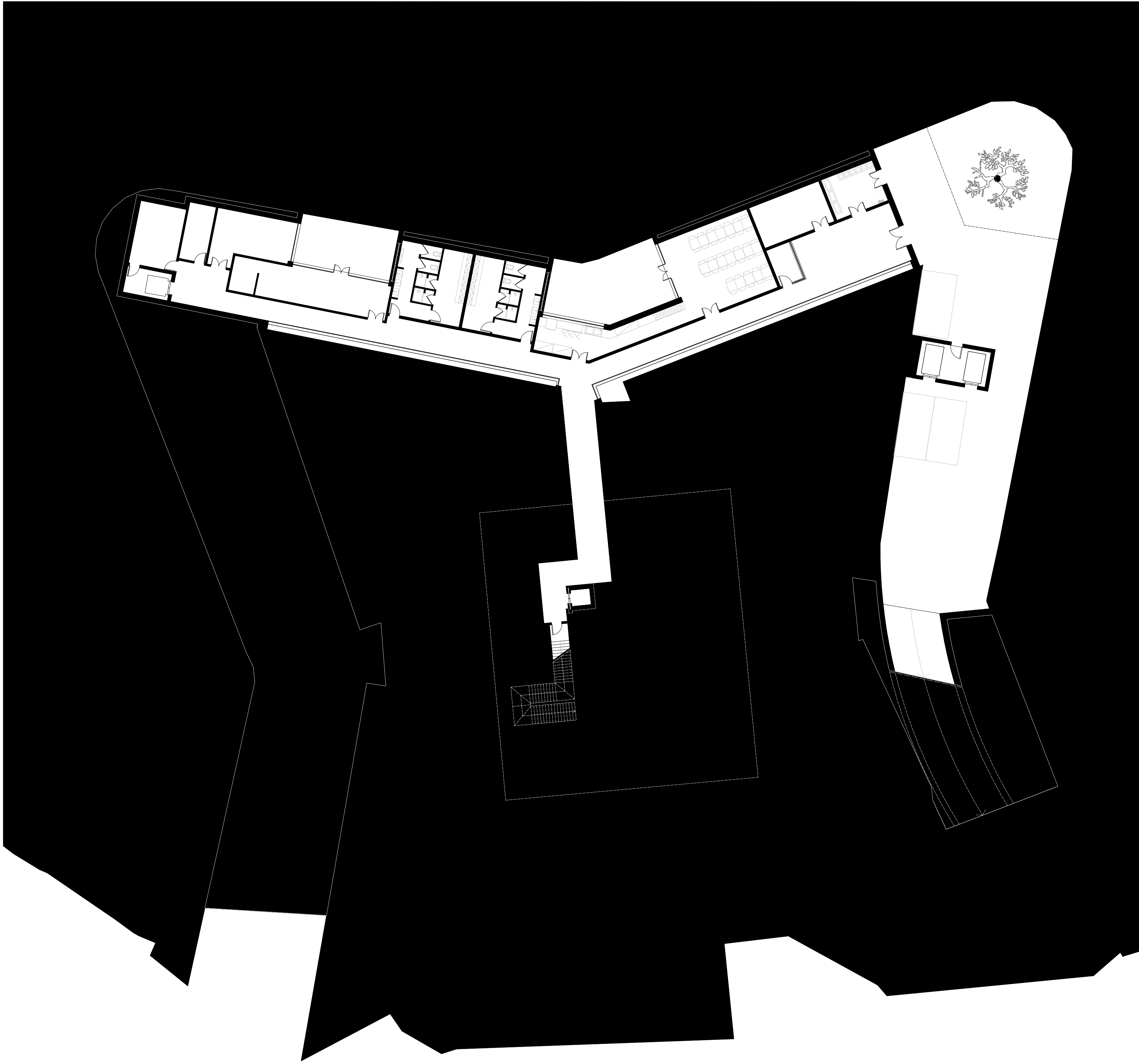
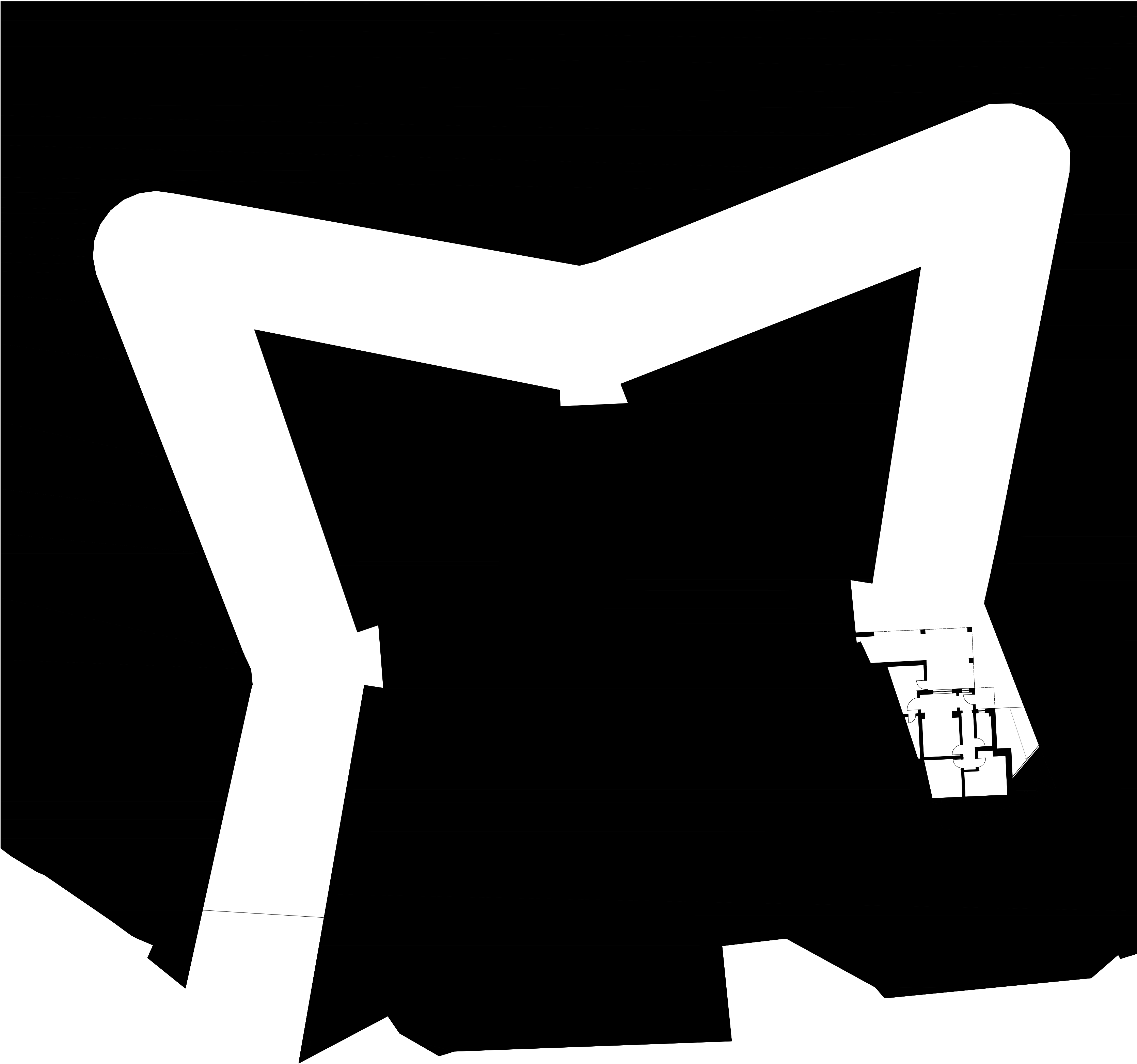






8.1. Plantas

Apêndice I: Piso -1, planta atual e planta de proposta, escala 1/200



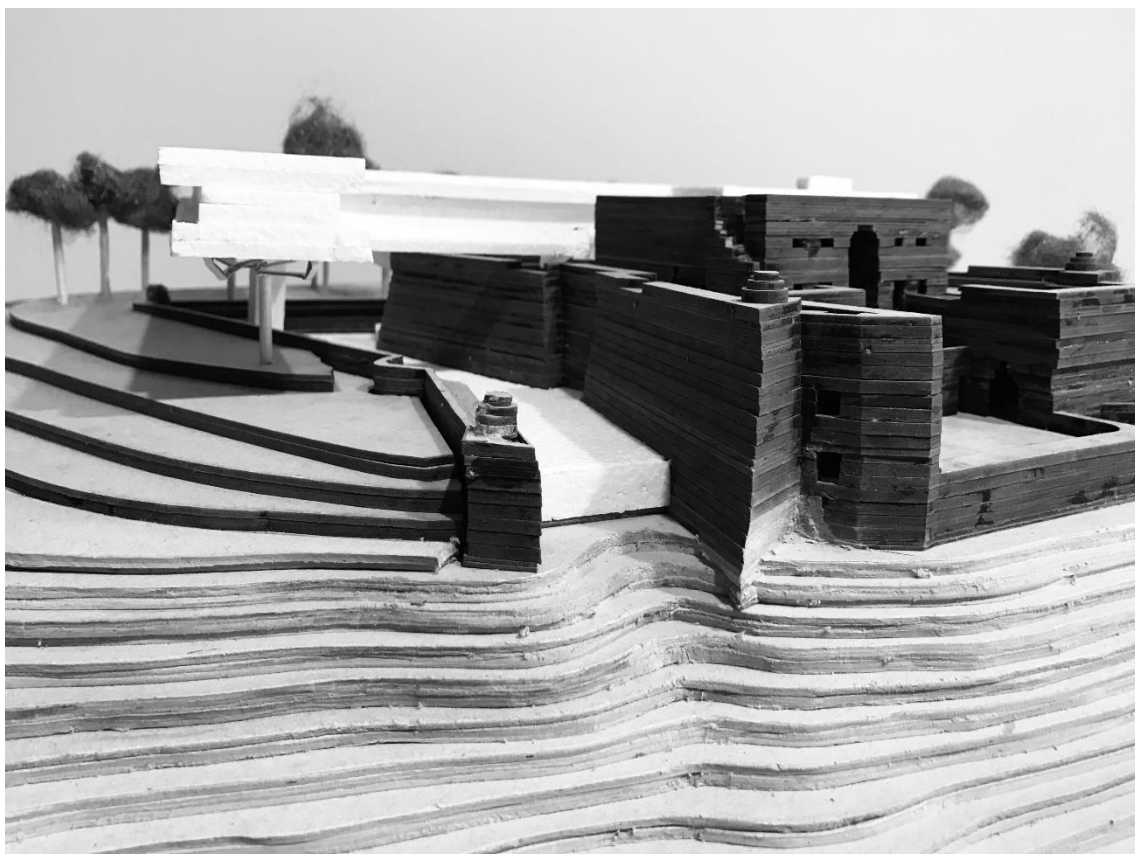
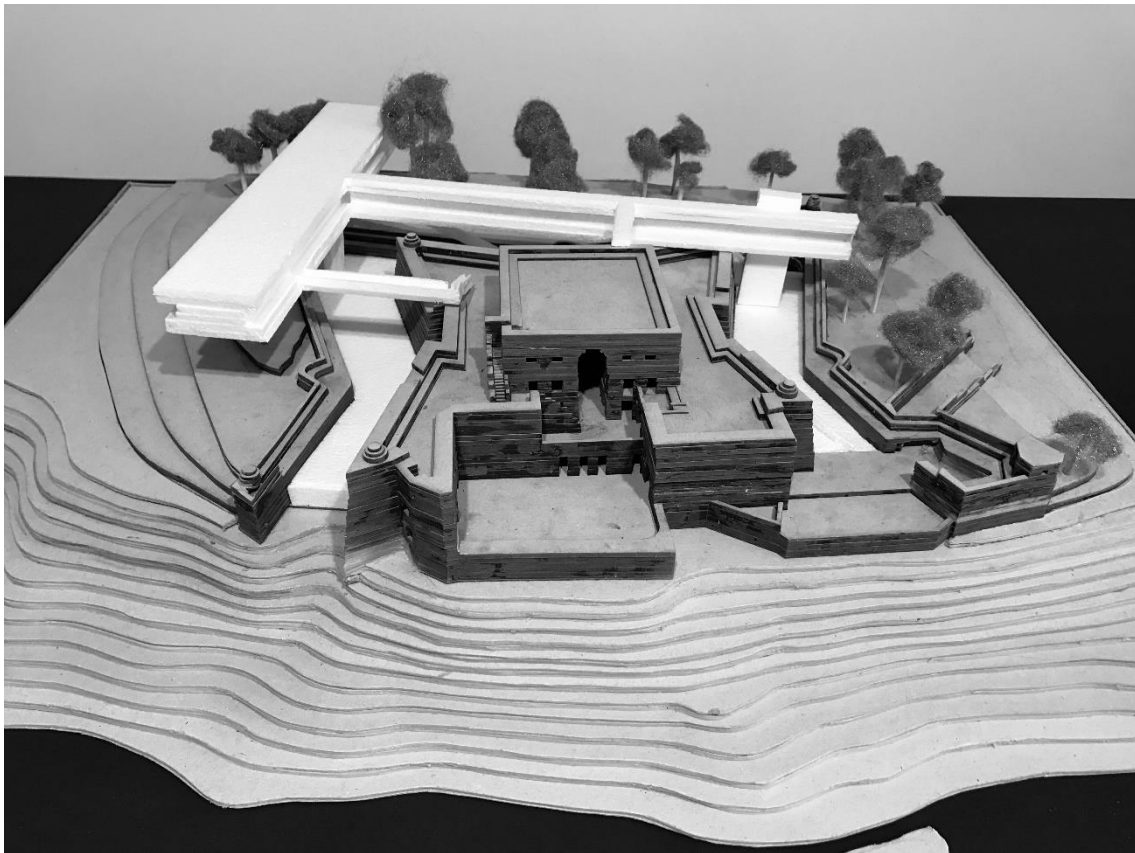
8.2. Maquetas

Apêndice VII: Maqueta da Proposta, escala 1/200

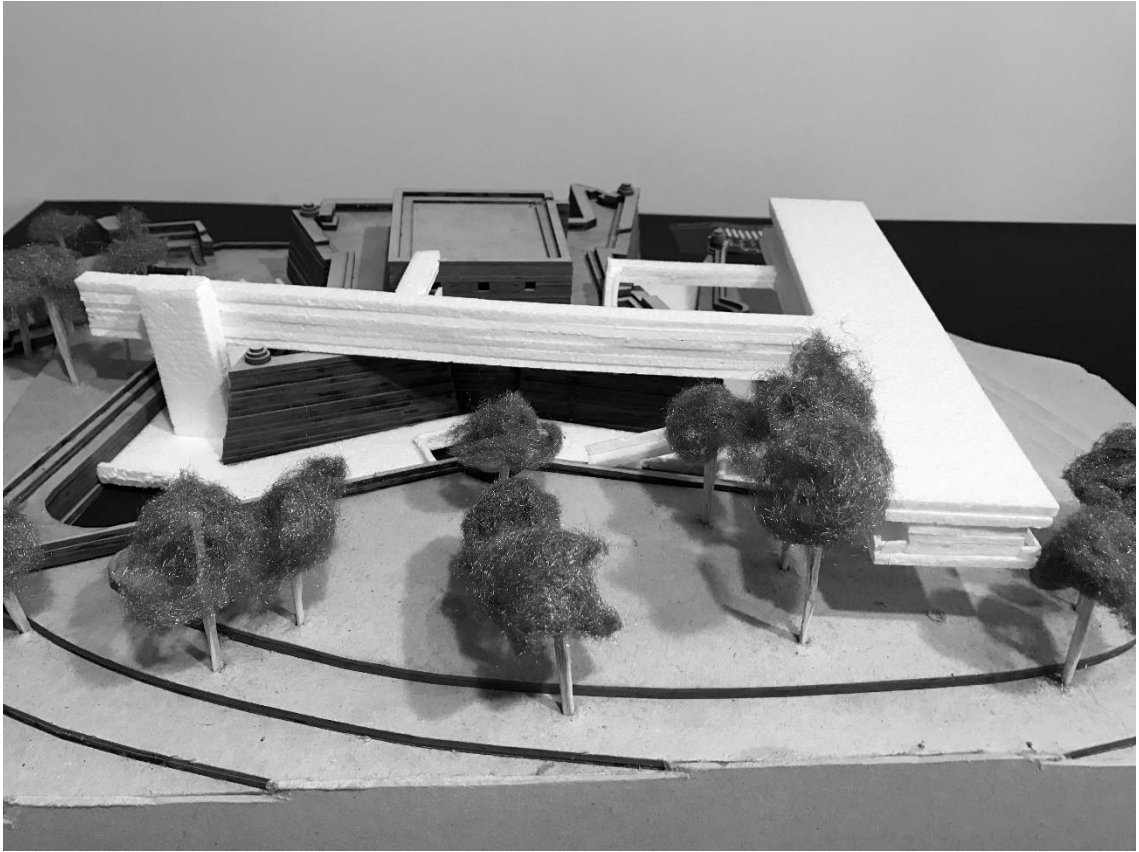
Apêndice VIII: Maqueta do Quarto, escala 1/50

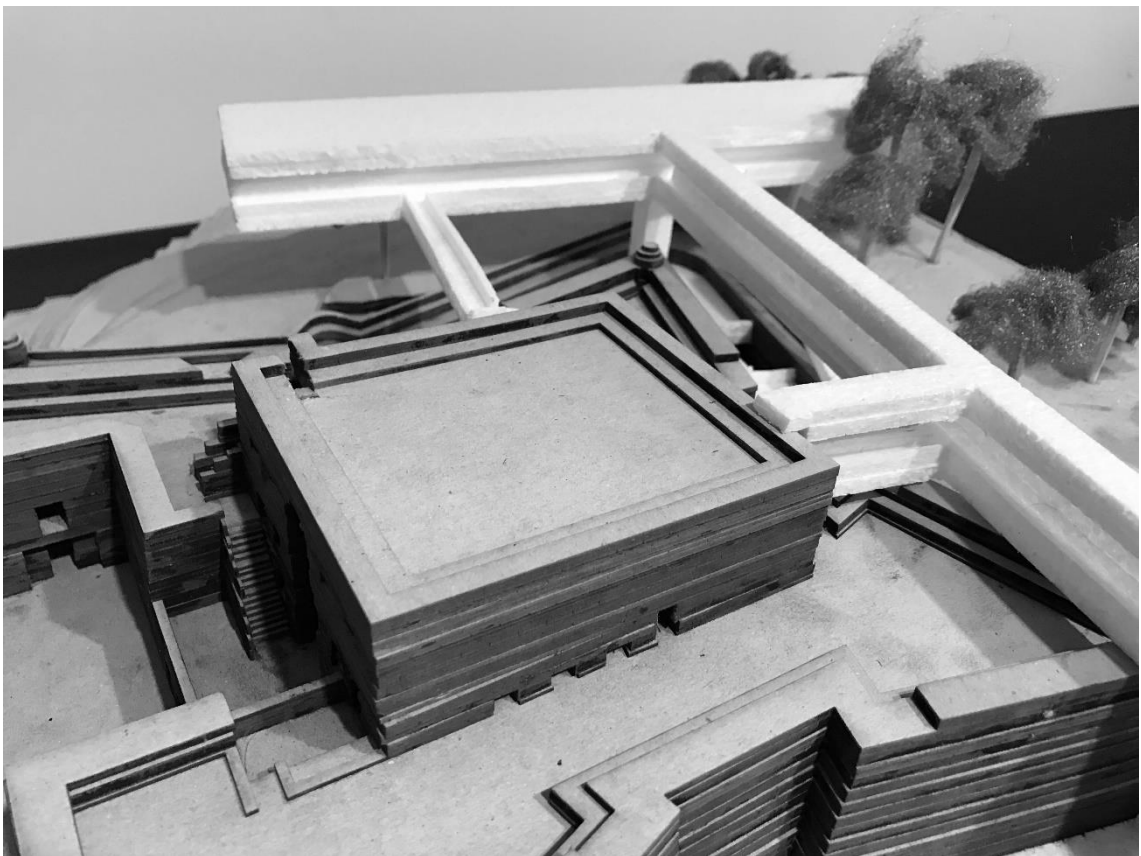
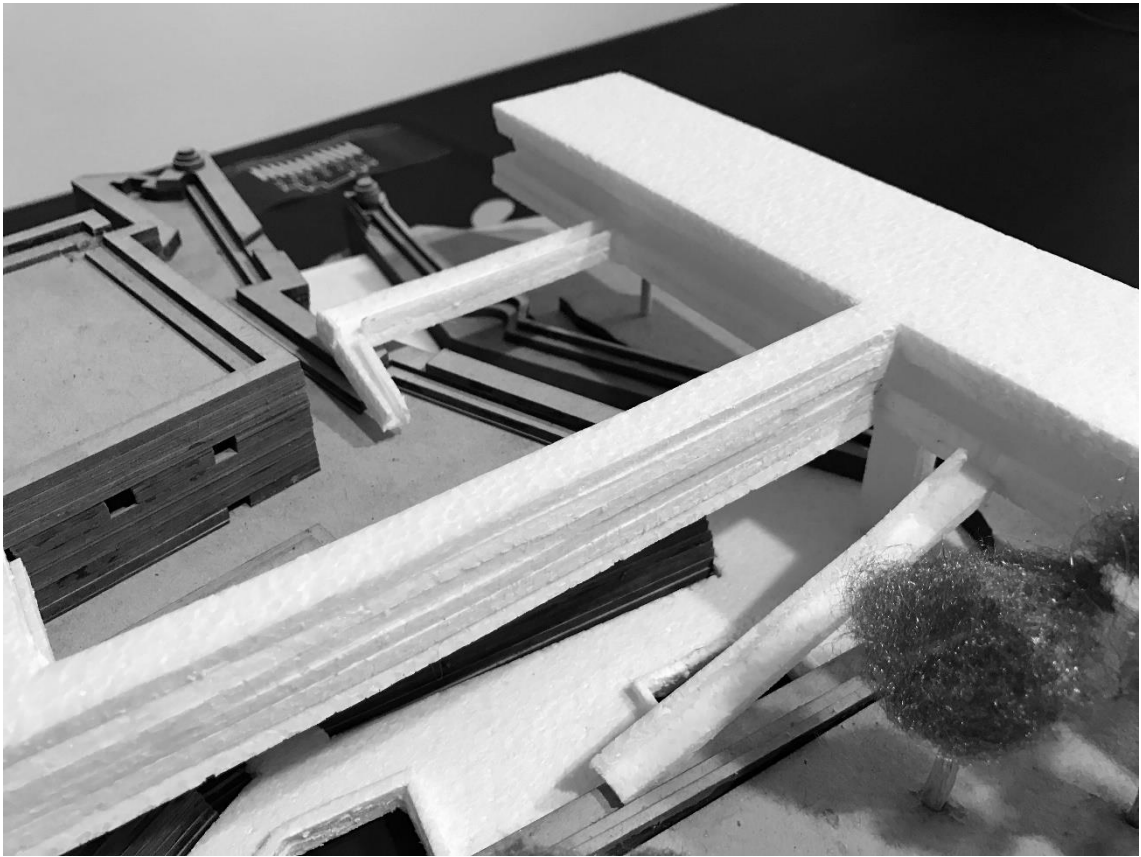
8.2. Maquetas

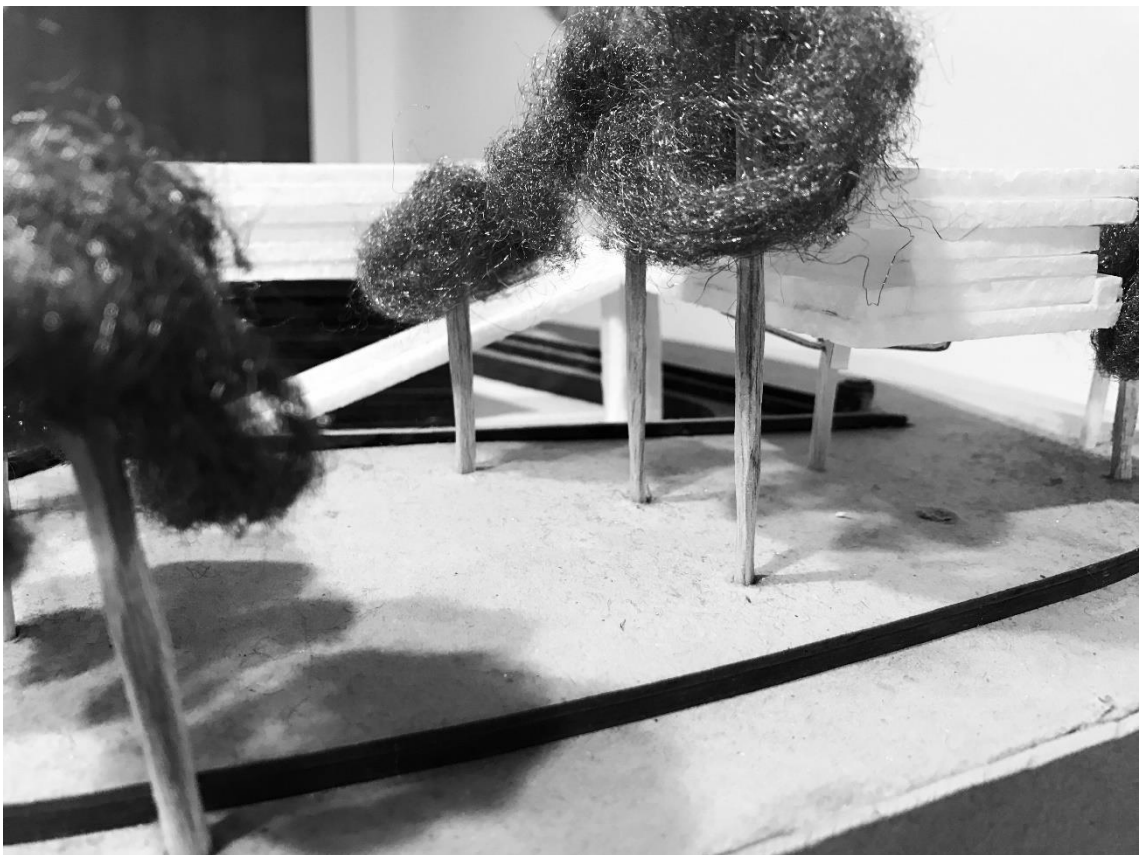
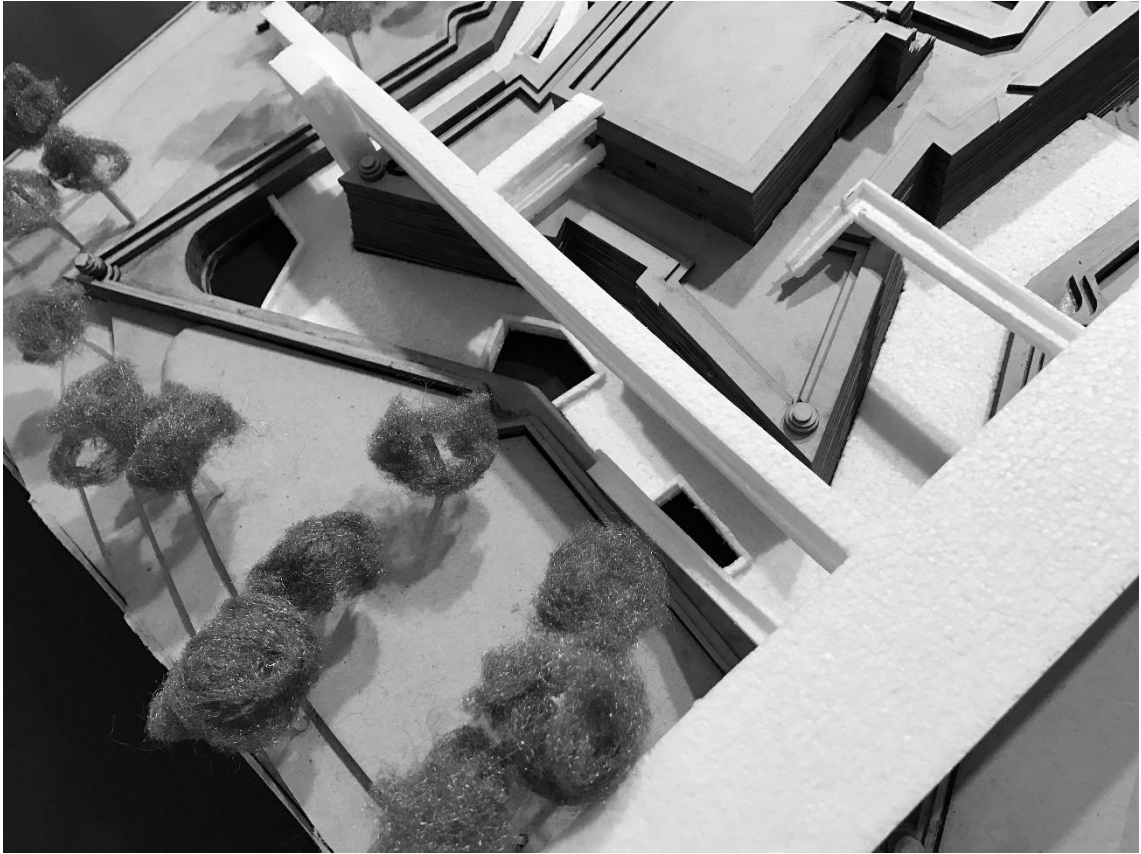
Apêndice VII: Maqueta da Proposta, escala 1/200





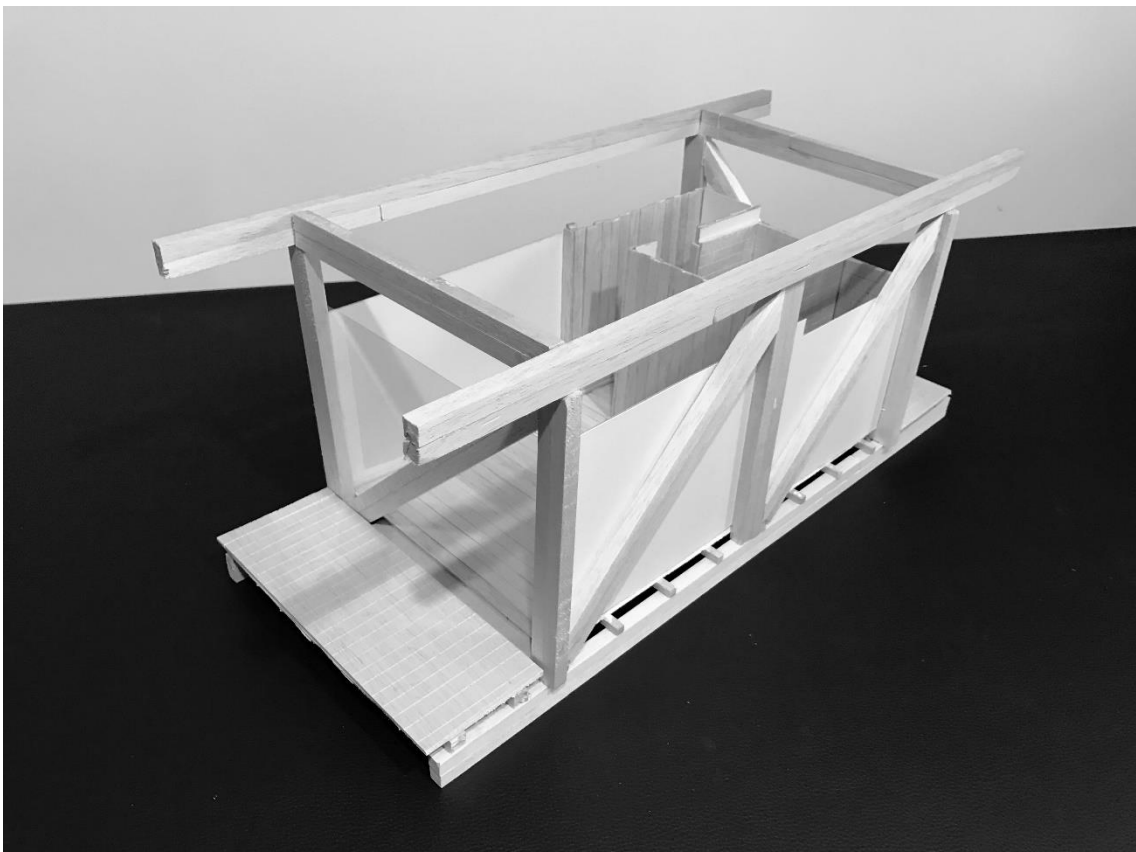
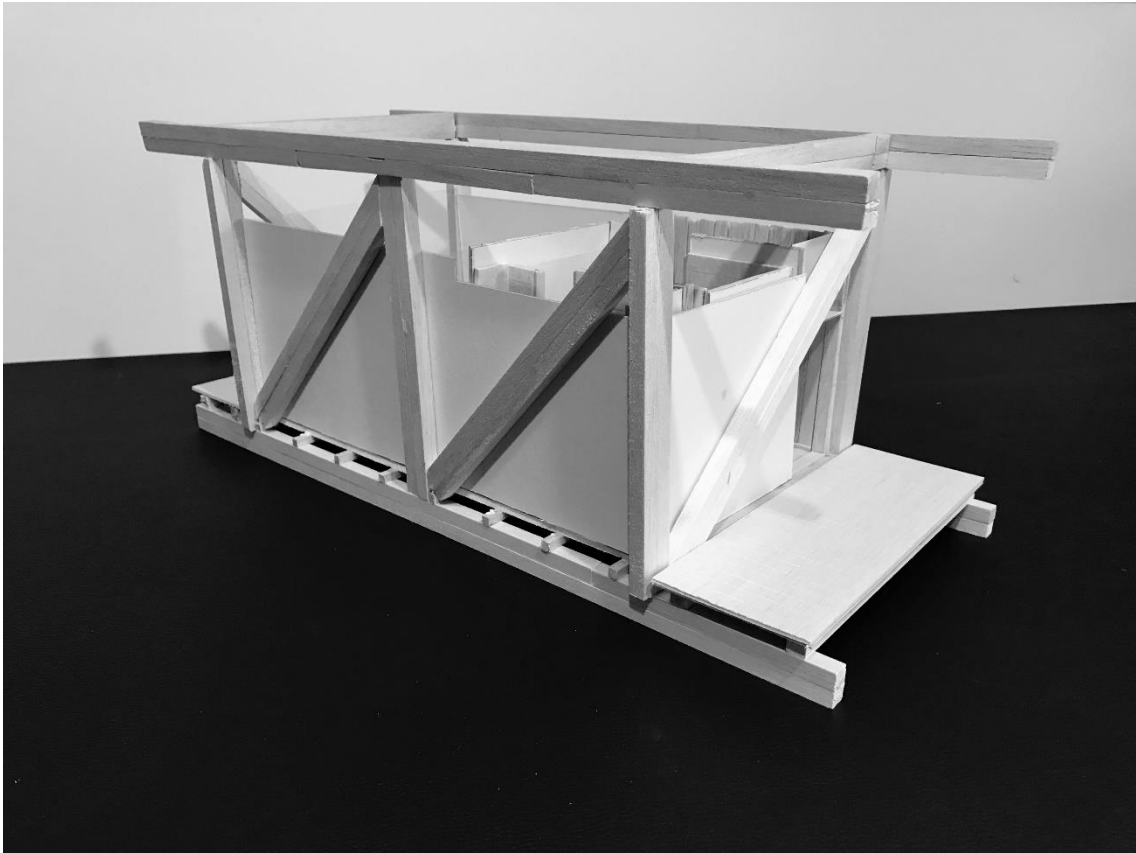


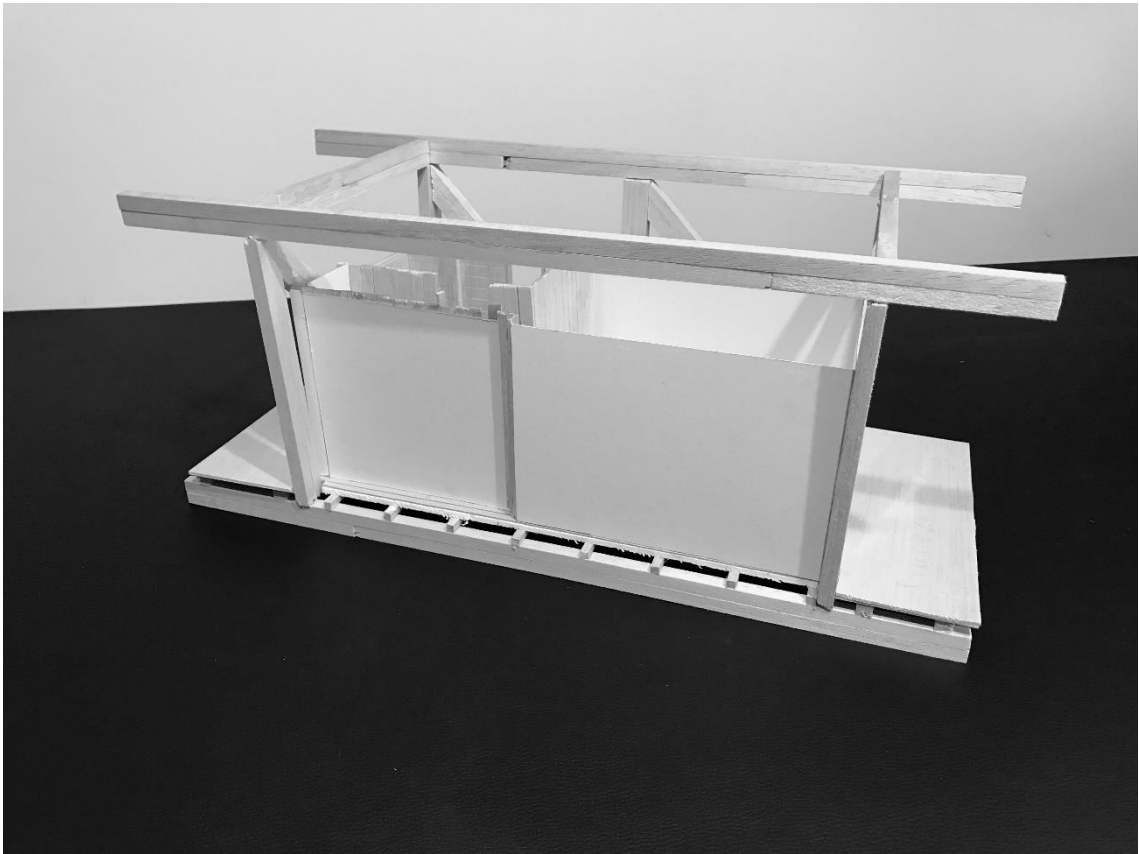


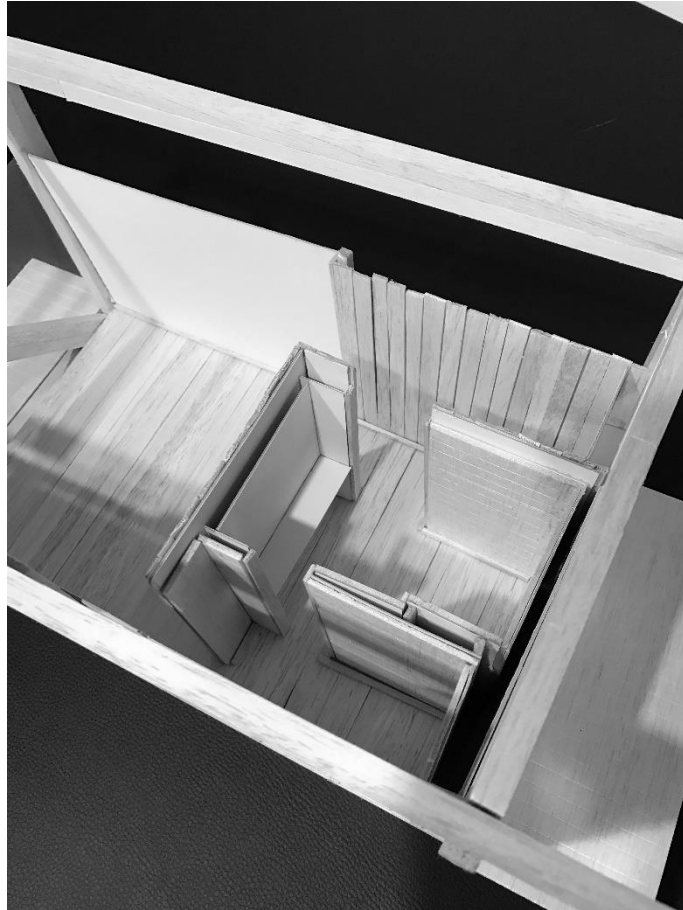


8.2. Maquetas

Apêndice VII: Maqueta da Proposta, escala 1/200







8.3. Painéis de apresentação do Projeto

Apêndice IX: Painei 1

Apêndice X: Painei 2

Apêndice XI: Painei 3

Apêndice XII: Painei 4

Apêndice XIII: Painei 5

Apêndice XIV: Painei 6

Apêndice XV: Painei 7

Apêndice XVI: Painei 8

Apêndice XVII: Painei 9

Apêndice XVIII: Painei 10

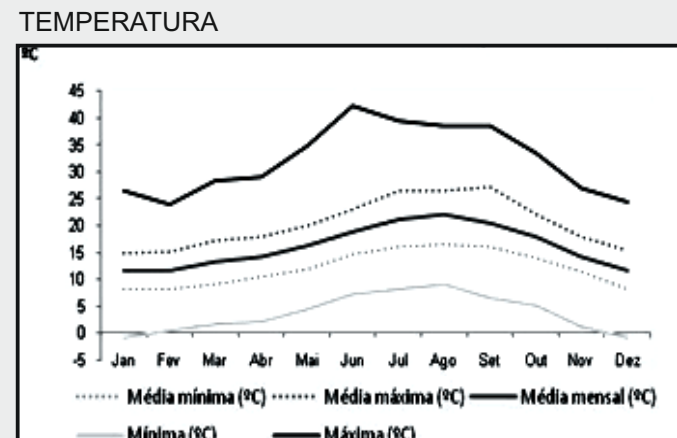
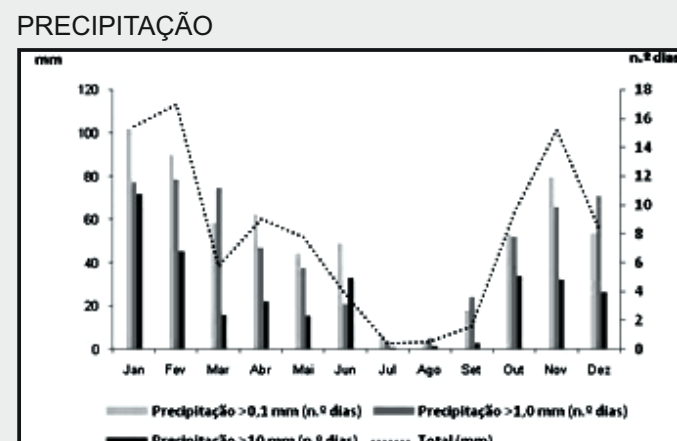
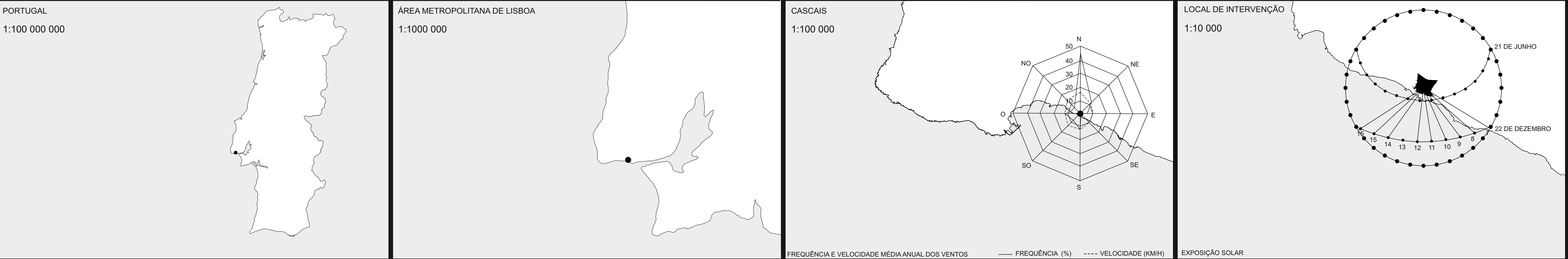
Apêndice XIX: Painei 11

Apêndice XX: Painei 12

LOCALIZAÇÃO: CASCAIS, PORTUGAL



Universidade de Lisboa | Faculdade de Arquitetura
Orientado: André Alexandre Silva Mota | Número: 20111572 | Orientador: José Nuno Beirão



Cascais está localizada na Costa Ocidental portuguesa, no ponto extremo da Europa Continental, a apenas 20 km de Lisboa e do seu aeroporto internacional.

Limitada a norte pelo concelho de Sintra, a sul e a ocidente pelo oceano e a oriente pelo concelho de Oeiras, erguida em 1364 pelo Rei D. Pedro, já depois de terem passado os romanos e árabes.

As altas temperaturas médias que se fazem sentir no verão e a exposição prolongada do sol, são factores de grande interesse não só nacional mas também internacional, em contrapartida a precipitação, é bastante fraca nestes meses, o que origina a um verão bastante seco.

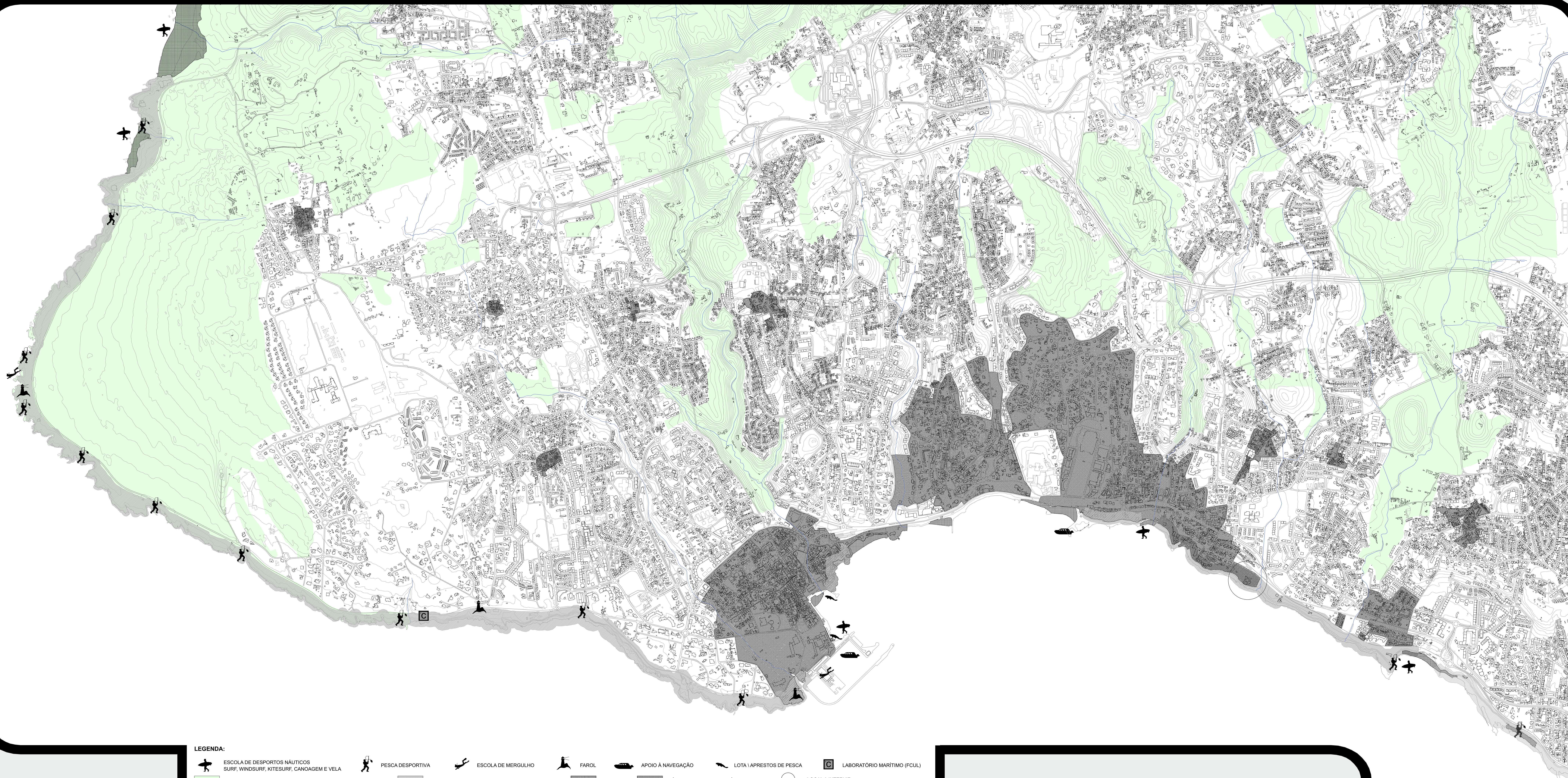
A localização privilegiada é um grande motivo para a realização de grandes eventos culturais, gastronómicos, desportivos, musicais e ainda de indústria automóvel, cativando a atenção de muitos.

Segundo dados estatísticos (2015) ao se conhecer cascais e seus costumes a tendência é voltar.

O património que Cascais detém é bastante vasto e com grande potencial, muito dele aproveitado para os novos tempos, mas ainda existe muito por conservar, excluindo os segredos que o mar que banha a costa

Cascais tem ganho bastantes prémios no que diz respeito ao turismo revelando como um dos melhores destinos.

Em 2014, cascais foi considerado o sétimo melhor destino de praia do sul da europa, bem como integrante do top 100 dos melhores destinos sustentáveis do mundo.



LEGENDA:



ESCOLA DE DESPORTOS NÁUTICOS
SUIRE WINDSUIRE KITESUIRE CANOAGEM E VELA




PESCA DESPORTIVA



ESCOLA DE MERGULHO



FAROL 



APOIO À NAVEGAÇÃO



LOTA \ APRESTOS DE PESCA



LABORATÓRIO MARÍTIMO (FCUL)

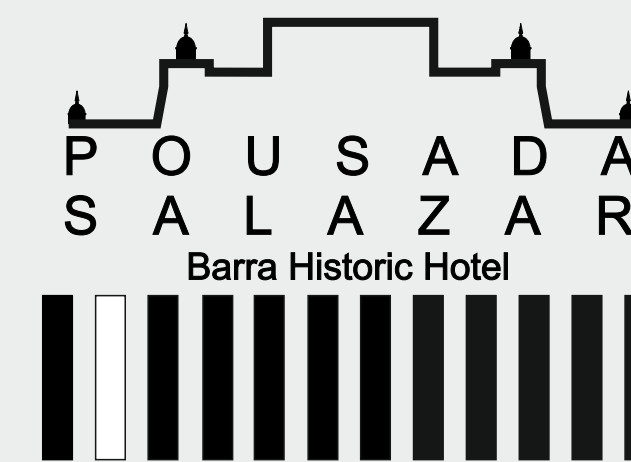




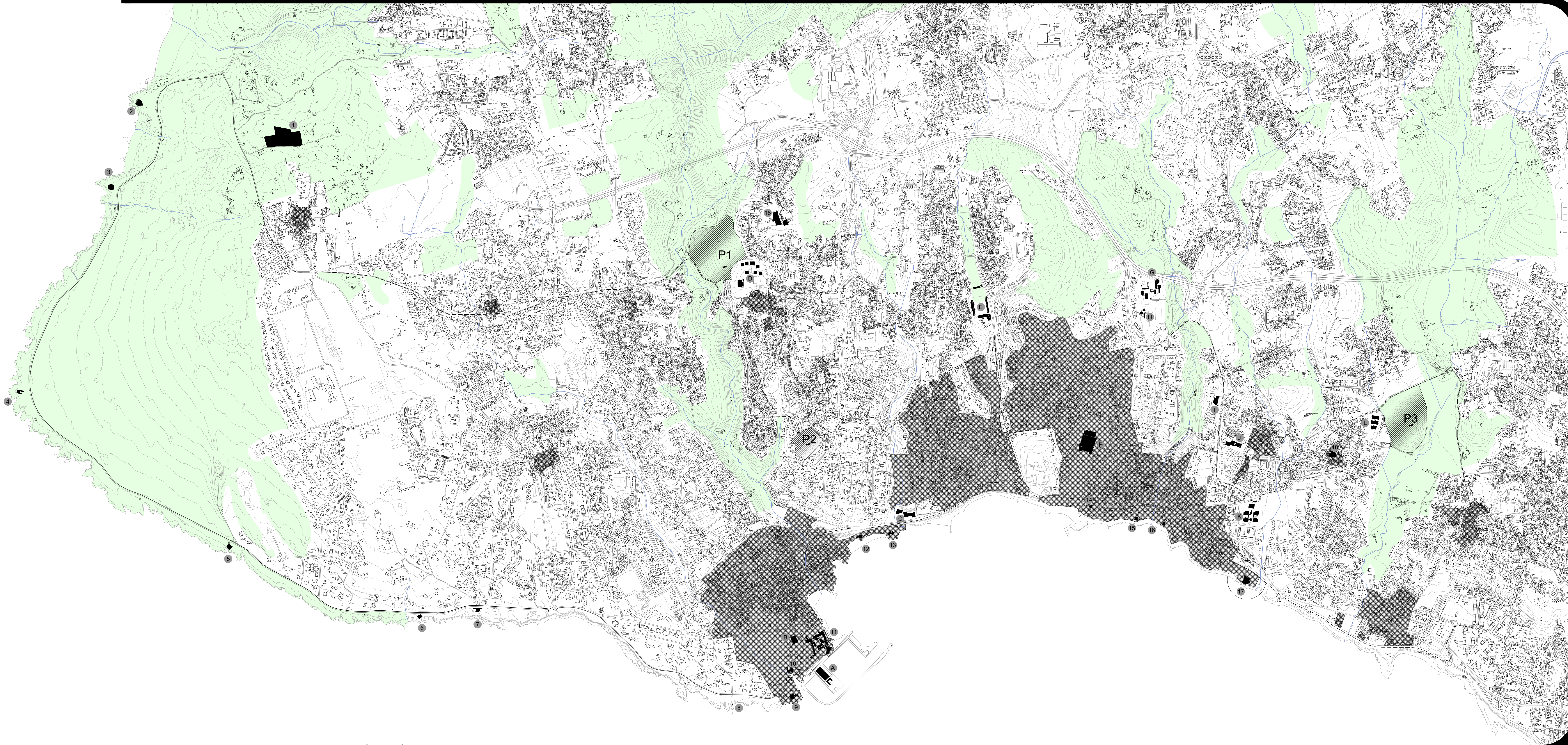


 ESCALA: 1:10 000

ANÁLISE



Universidade de Lisboa | Faculdade de Arquitetura
Orientado: André Alexandre Silva Mota | Número: 20111572 | Orientador: José Nuno Beirão



PLANO ESTRATÉGICO

LOCAIS DE INTERESSE HISTÓRICO - TURÍSTICO

- 1 ESTAÇÃO LUSITANA - CONJUNTO DE RUÍNAS DOS CASAIS VELHOS 2 BATERIA ALTA AO NORTE DA PRAIA DOCE 3 FORTÉ DA CRISMINA 4 FORTÉ DE SÃO BRÁS DE SANKETE 5 FORTÉ DE SÃO JORGE DOS OITAVOS 6 FORTÉ DE NOSSA SENHORA DA GUIA 7 FAROL DA GUIA 8 FORTÉ NOVO (RUÍNAS) 9 FORTÉ DE SANTA MARTA
10 PALÁCIO DO CONDE DE CASTRO DE GUIMARÃES 11 FORTÉ DE NOSSA SENHORA DA LUZ E TORRE DE SANTO ANTONIO 12 PALÁCIO DOS DUQUES DE PALMELA 13 CHALET FAIAL 14 COCHEIRA E CAVALARIÇA DA CASA DE ANTONIO SANTOS JORGE - CAVALARIÇAS DE SANTOS JORGE 15 FORTÉ DE SÃO PEDRO 16 FORTÉ DE SÃO TEODÓSIO OU CADAVEIRA
17 FORTALEZA DE SANTO ANTONIO DA BARRA - REABILITAÇÃO E CRIAÇÃO DE UNIDADE DE ALOJAMENTO 18 NECRÓPOLE NEOLÍTICA DE ALAPRAIA

LOCAIS DE INTERESSE PÚBLICO - CIDADINO

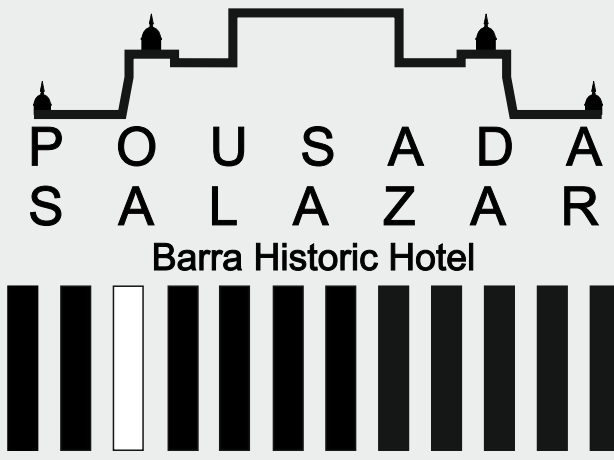
- A MARINA DE CASCAIS B CENTRO CULTURAL DE CASCAIS C ESTORIL SOL - ARQUITETURA DE REFERÊNCIA D AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DE ALVIDE E GRUPO DESPORTIVO ESTORIL-PRAIAS F CASINO DO ESTORIL G ESCOLA SUPERIOR DE HOTELARIA E TURISMO DO ESTORIL H CLUBE DE TENIS DO ESTORIL I SANTUÁRIO NOSSA SENHORA DA BOA NOVA
J ESCOLA 2,3 DA GALIZA K ESCOLA SECUNDÁRIA DE SÃO JOÃO DO ESTORIL L AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DA ALAPRAIA M SOLO RURAL N LEITOS DOS CURSOS DE ÁGUA O MIRADOURO - ZONA DE INTERESSE PAISAGÍSTICO COM PROPOSTA DE EQUIPAMENTO DE APOIO - P1, P2 E P3 P NÚCLEOS URBANOS HISTÓRICOS Q LOCAL A INTERVIR

— CICLOVIA EXISTENTE - 10 195 KM — — — — — CICLOVIA PROPOSTA - 22 560 KM

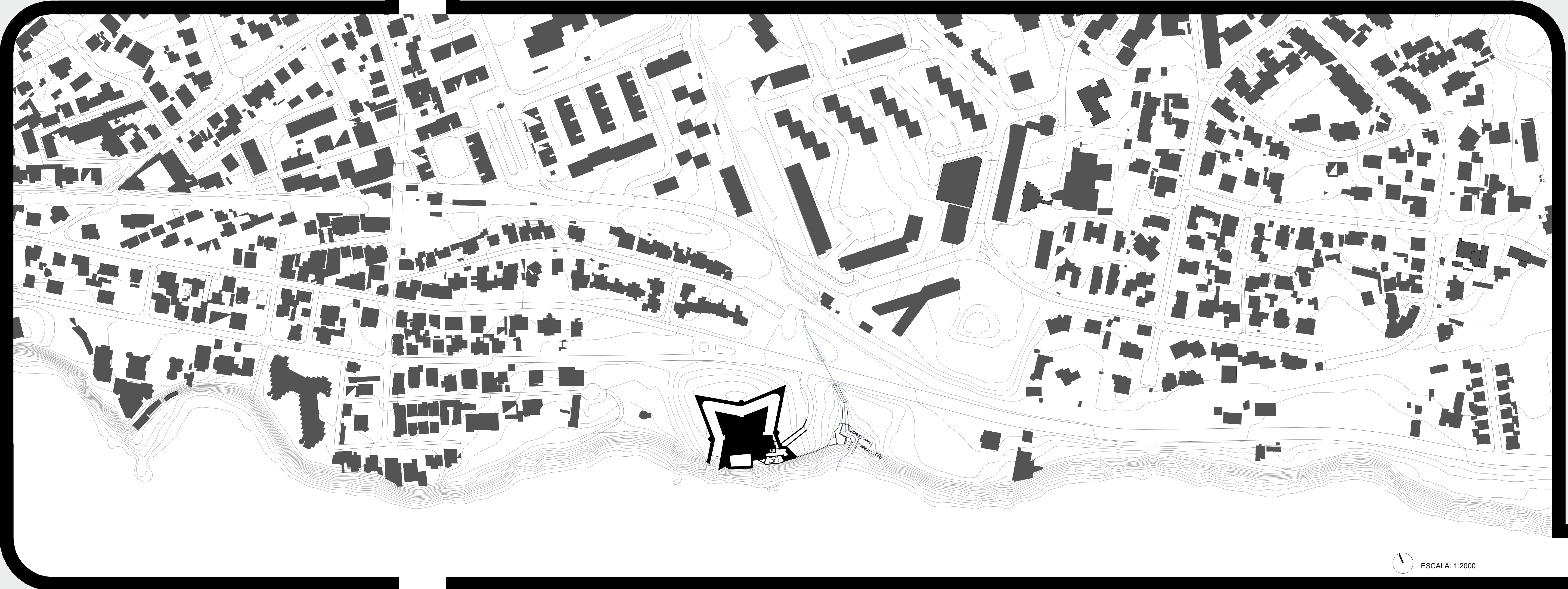
ESCALA: 1:10 000



PERFIL LONGITUDINAL / ALÇADO SUL
ESCALA: 1:200



Universidade de Lisboa | Faculdade de Arquitetura
Orientado: André Alexandre Silva Mota | Número: 20111572 | Orientador: José Nuno Beirão



ESCALA: 1:2000



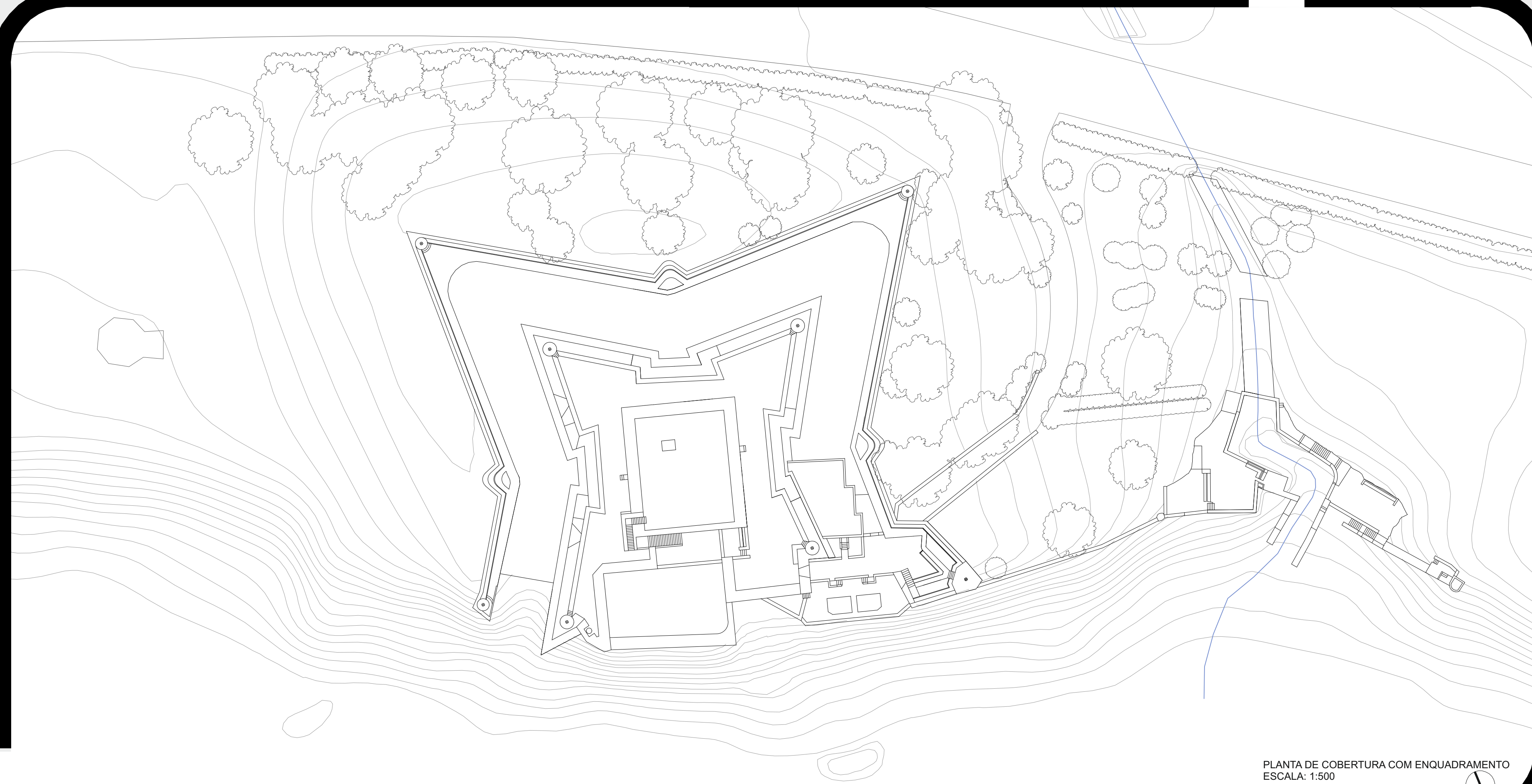
CORTE BBPERFIL TRANSVERSAL
ESCALA: 1:200



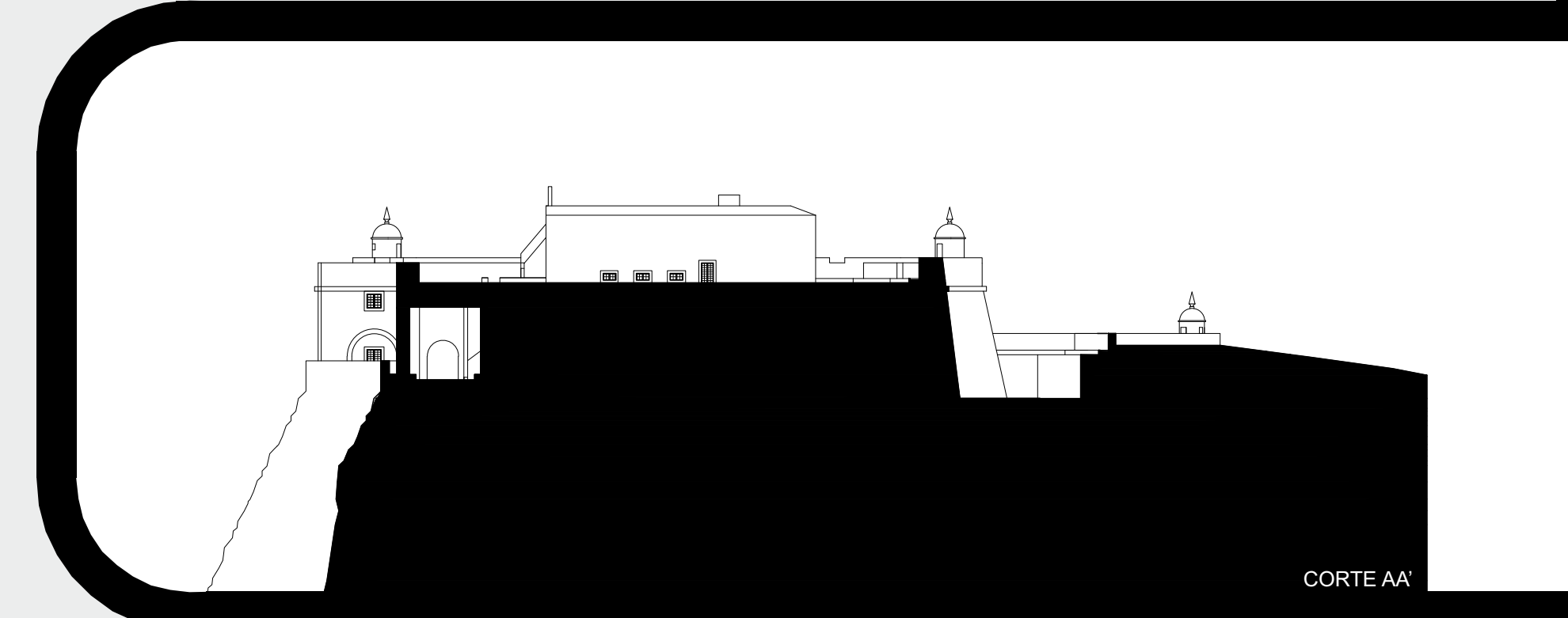
Cartografia da linha de Cascais - Fortaleza de Santo António da Barra
(Arquivo histórico de Cascais, 1912)



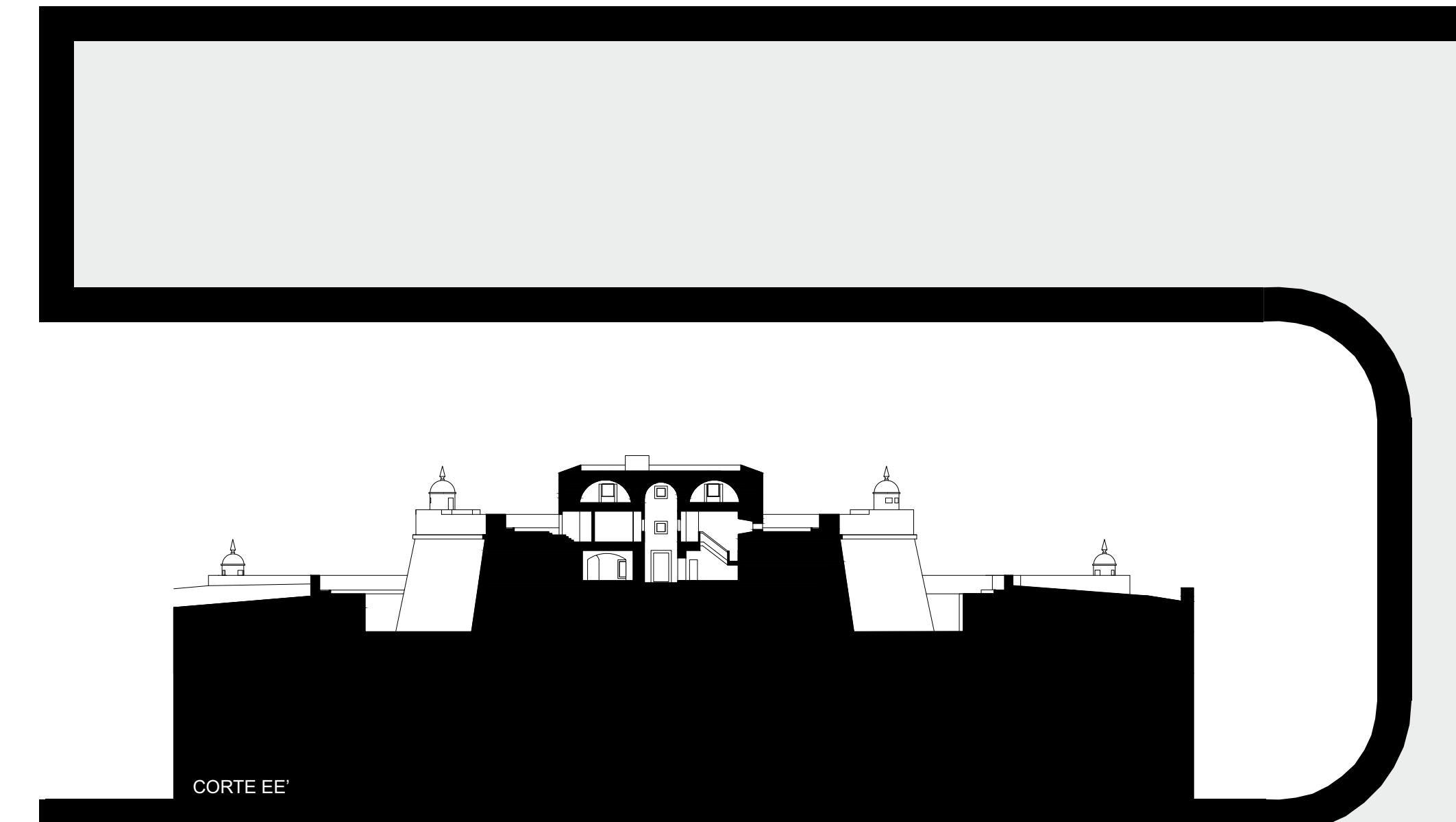
O EXISTENTE



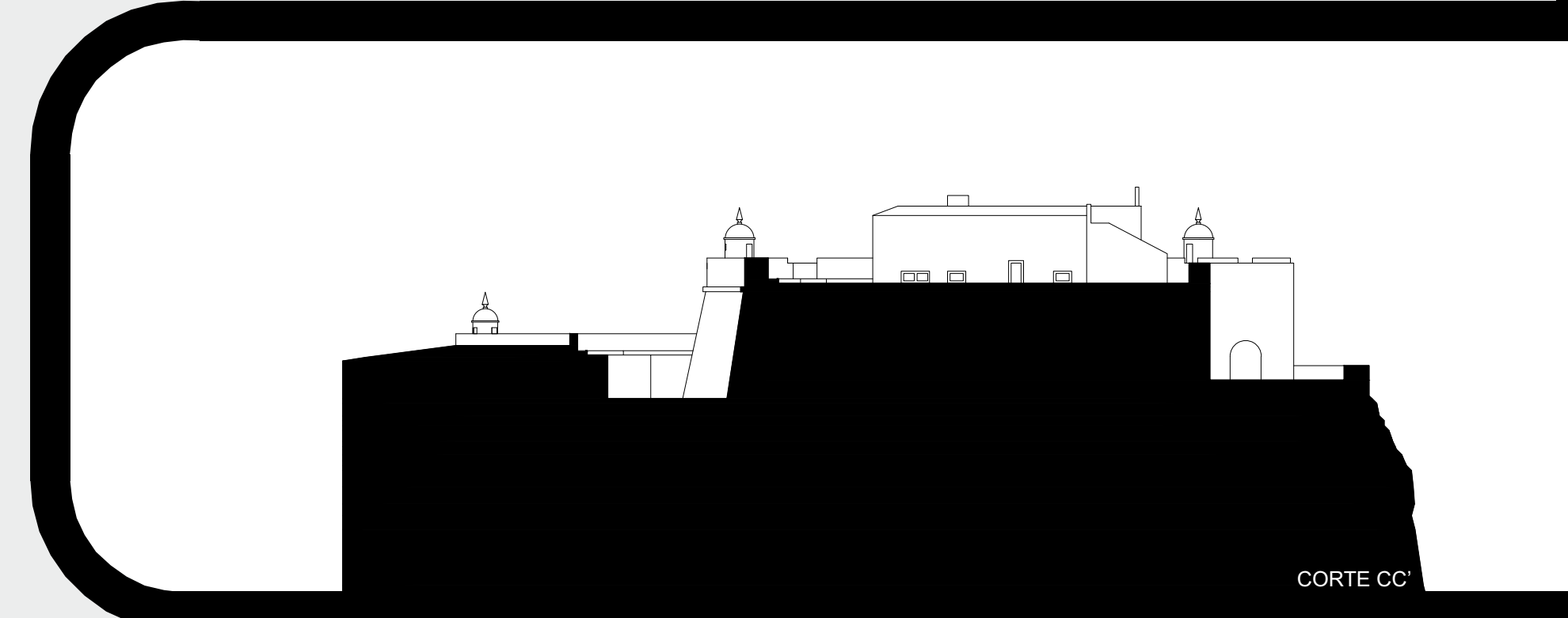
PLANTA DE COBERTURA COM ENQUADRAMENTO
ESCALA: 1:500



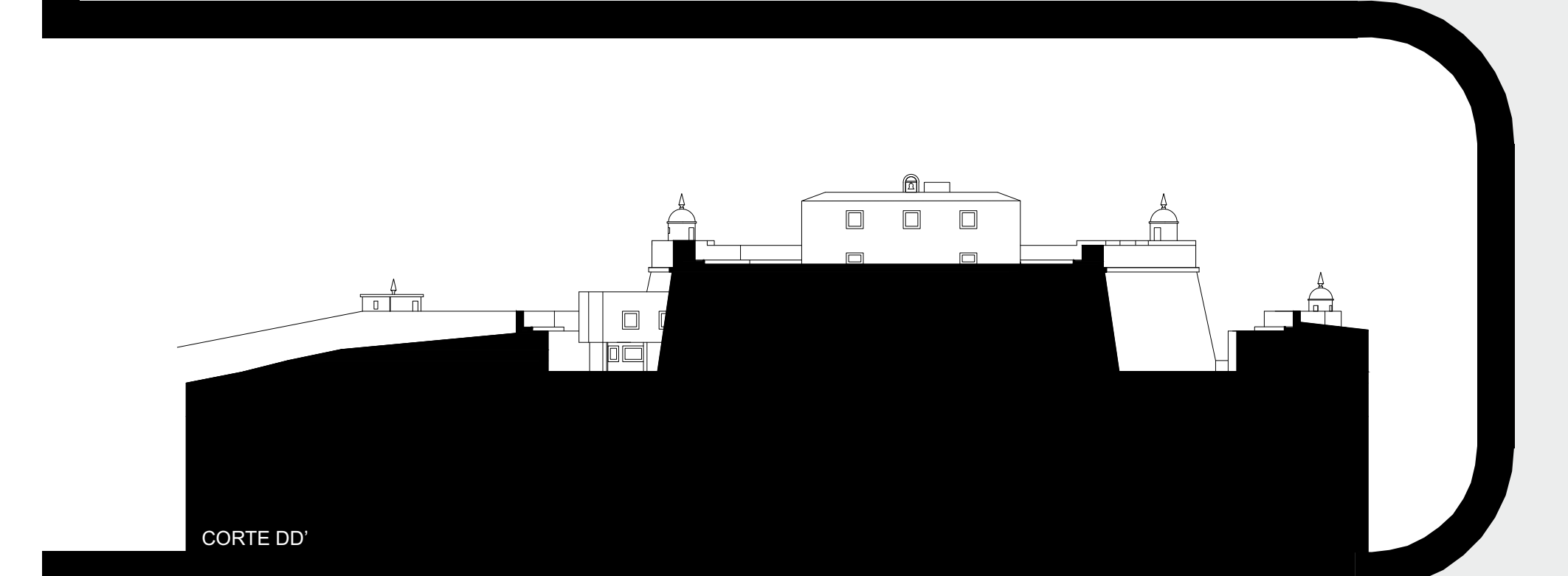
CORTE AA'



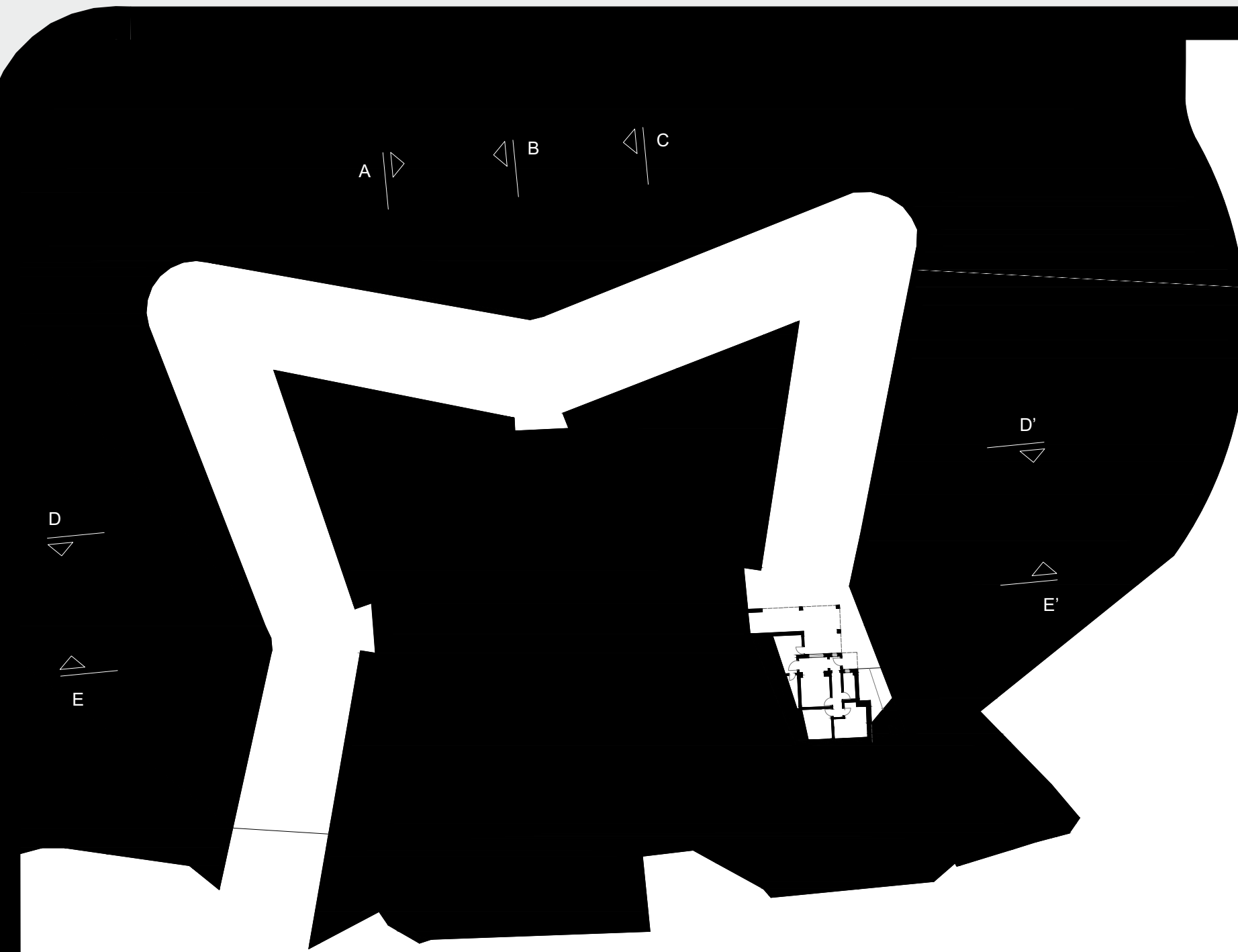
CORTE EE'



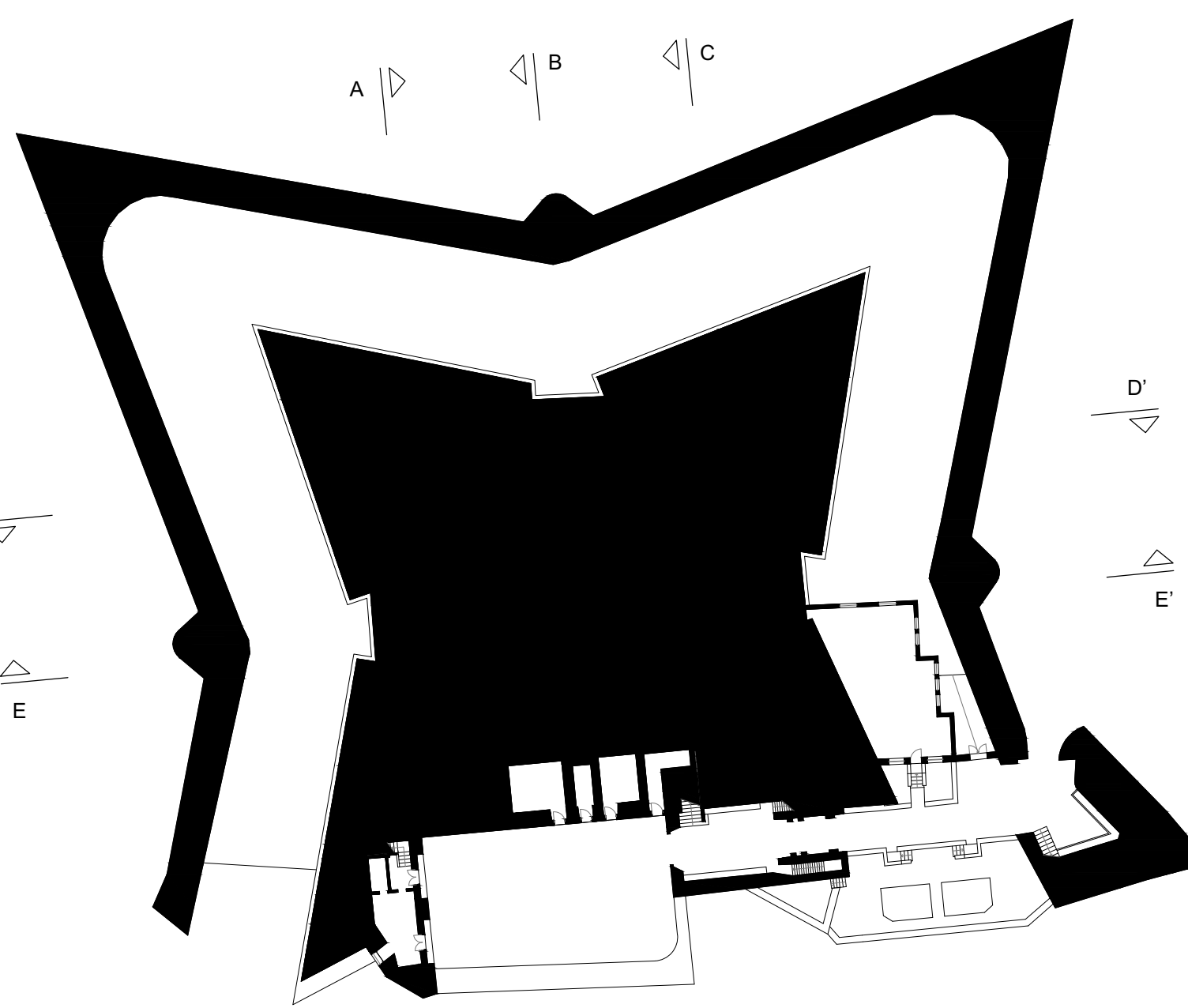
CORTE CC'



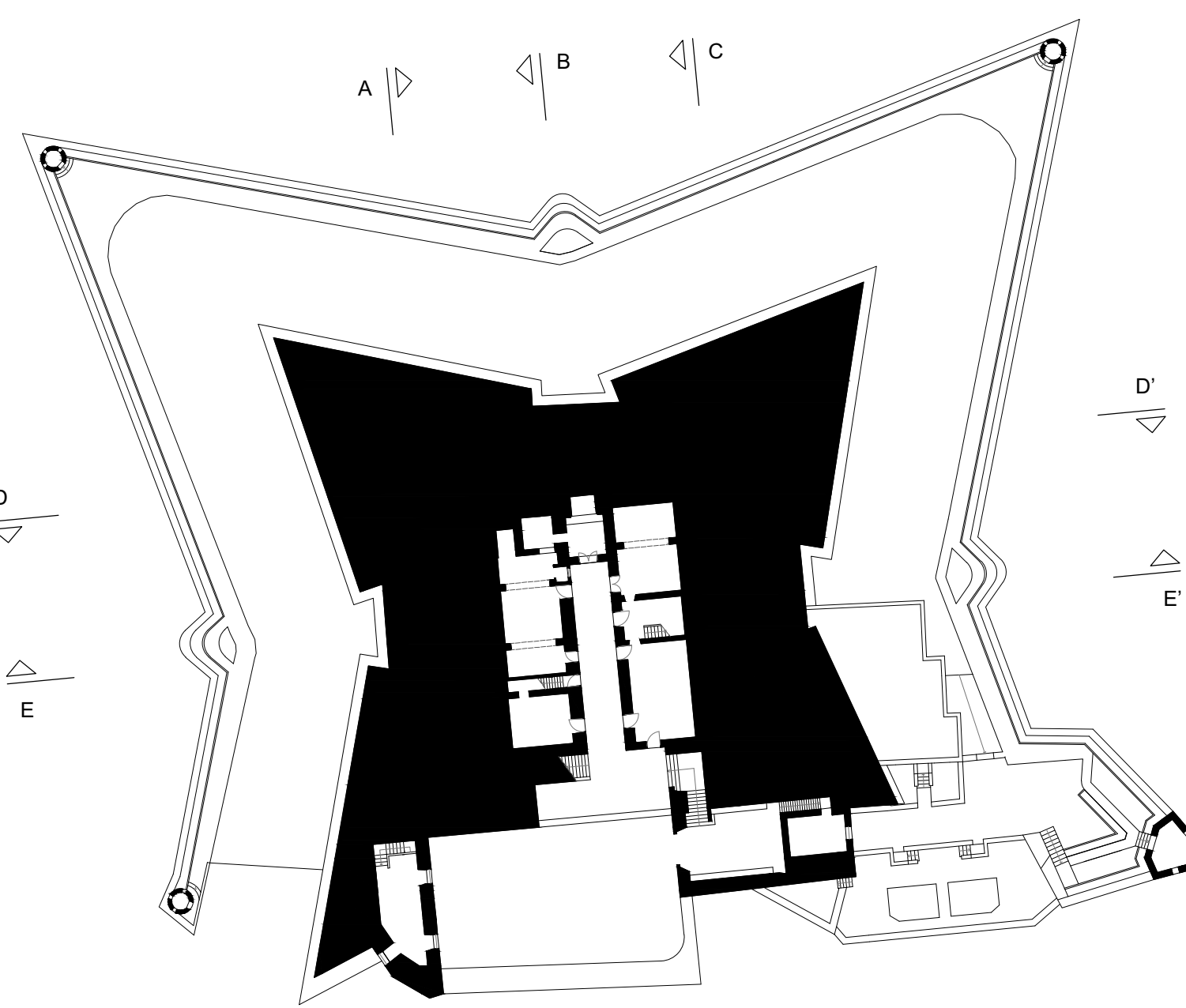
CORTE DD'



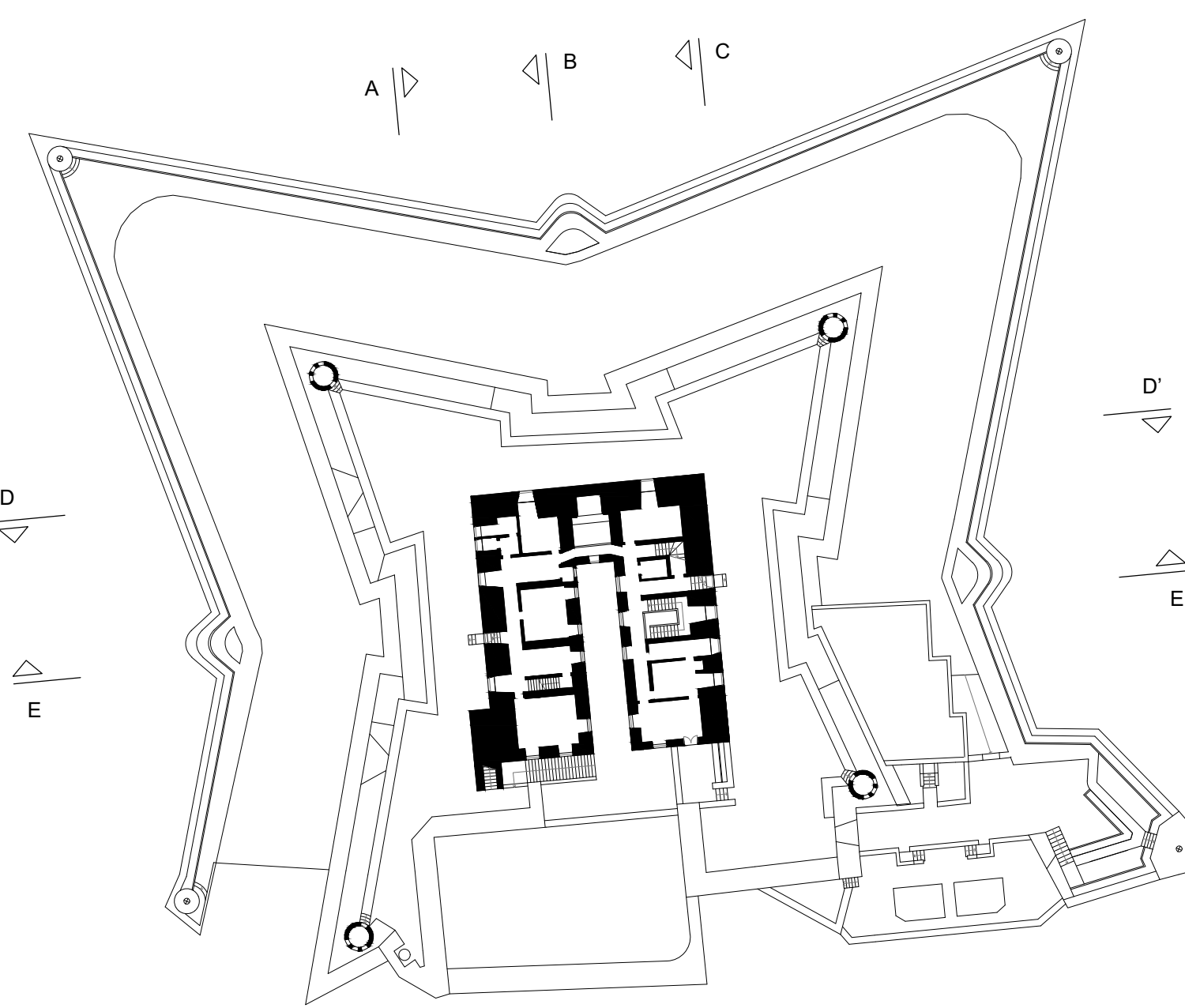
PISO -1
ESCALA: 1:500



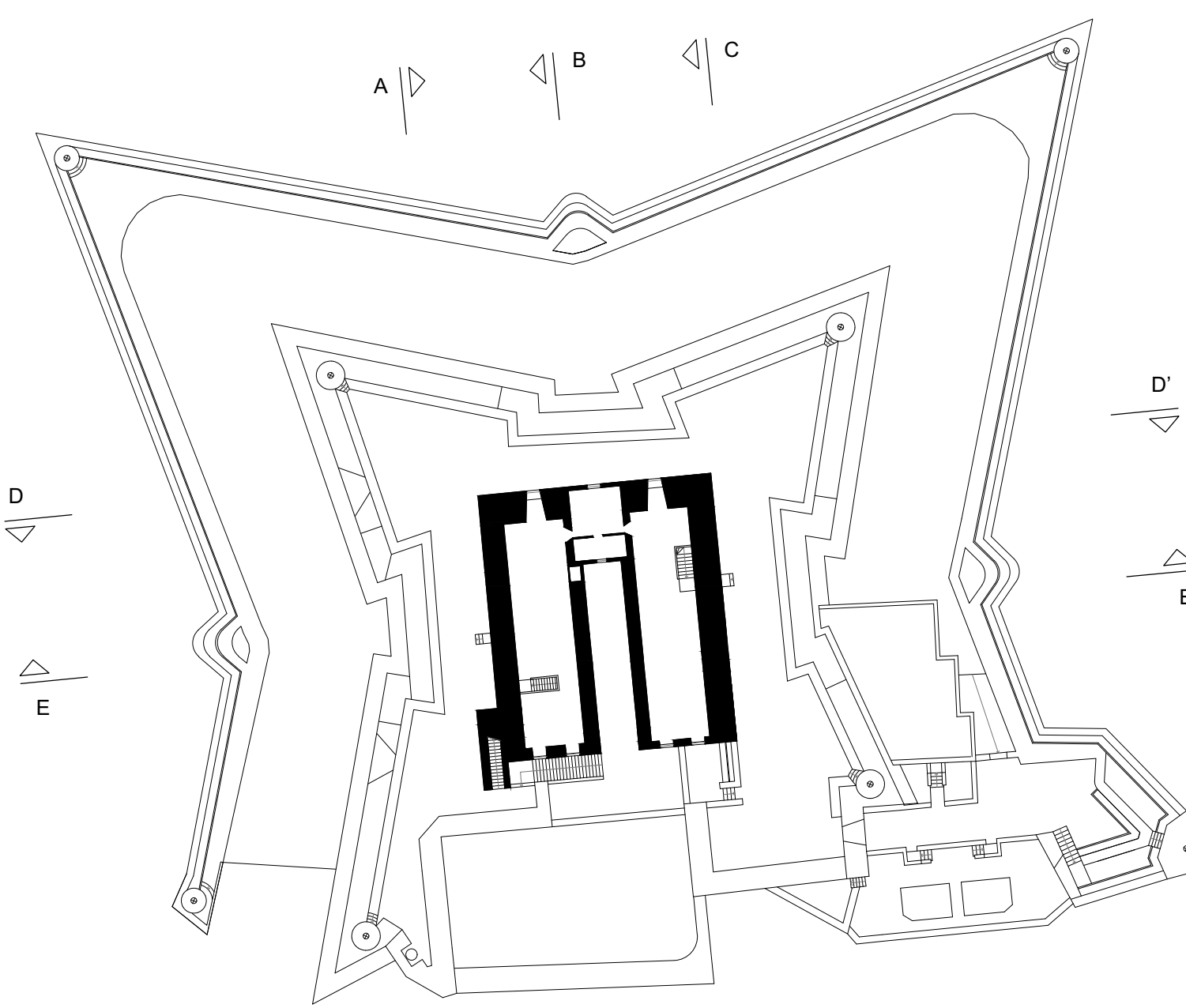
PISO 0
ESCALA: 1:500



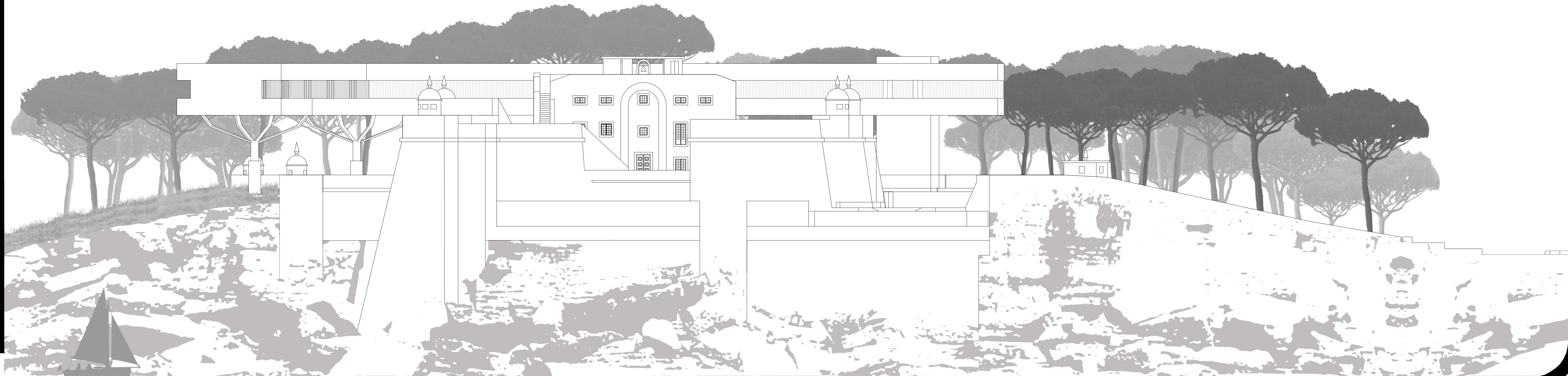
PISO 1
ESCALA: 1:500



PISO 2
ESCALA: 1:500



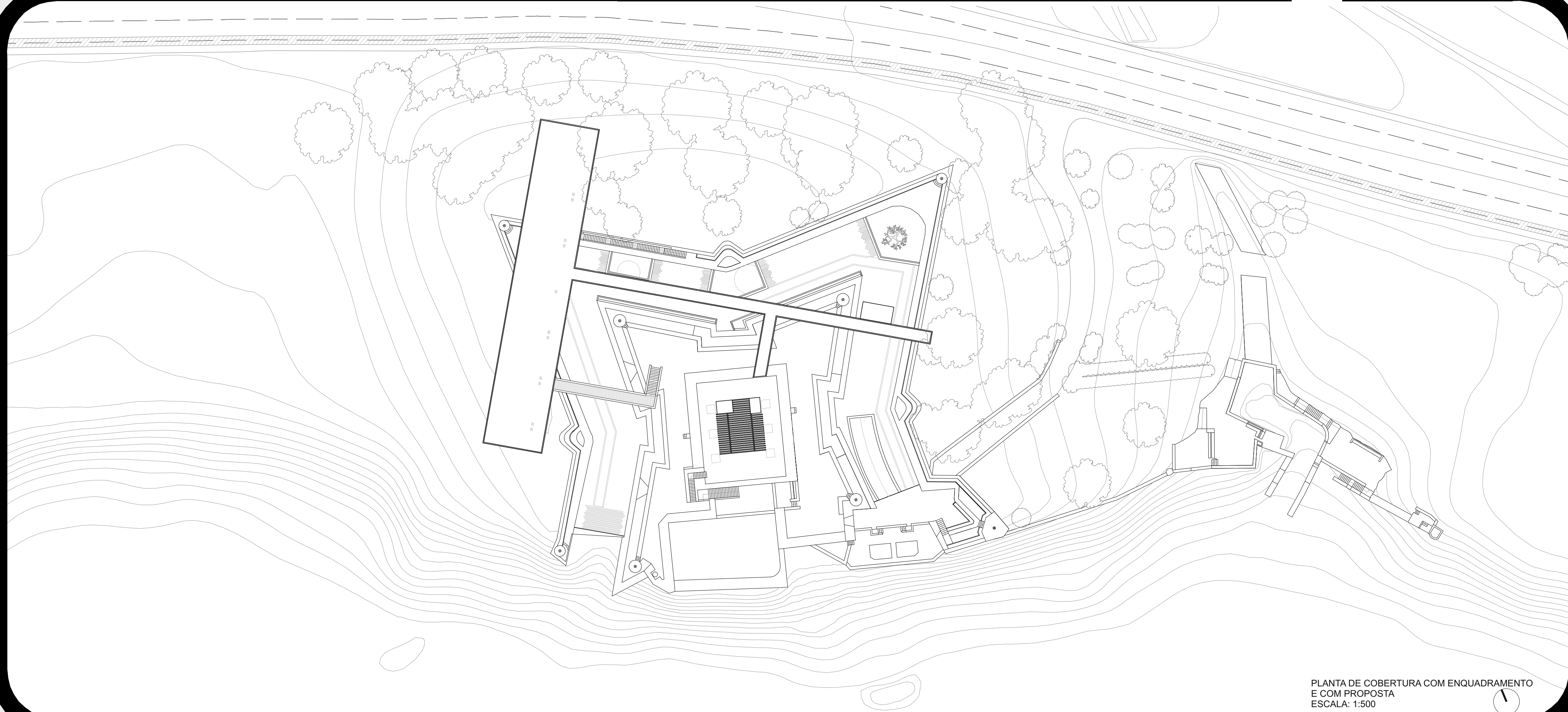
PISO 3
ESCALA: 1:500



PERFIL LONGITUDINAL / ALÇADO SUL C/ PROPOSTA
ESCALA: 1:200

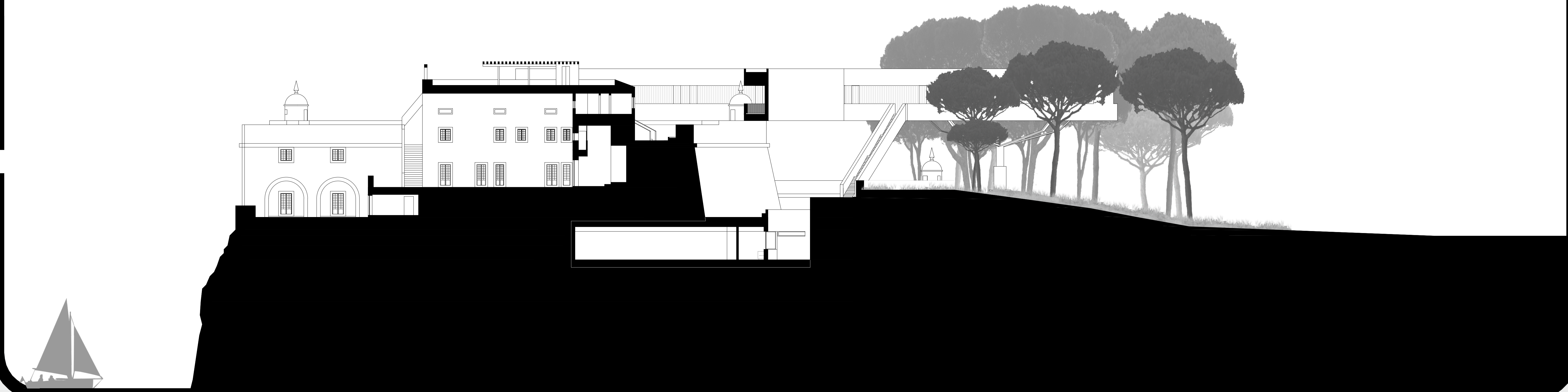


Universidade de Lisboa | Faculdade de Arquitetura
Orientado: André Alexandre Silva Mota | Número: 20111572 | Orientador: José Nuno Beirão



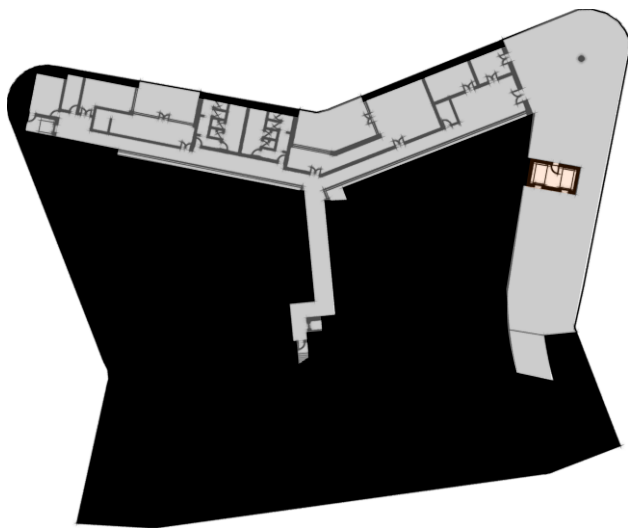
PLANTA DE COBERTURA COM ENQUADRAMENTO
E COM PROPOSTA
ESCALA: 1:500

| | Designação | Áreas | Total |
|---------------------------|--|---|--|
| Fortaleza | Laboratório | 20 m ² | 1014,81 m ² |
| | Sala 1 | 29,50 m ² | |
| | Sala 2 | 14,71 m ² | |
| | Sala 3 | 21,46 m ² | |
| | Sala 4 | 31,68 m ² | |
| | Sala 5 | 41,24 m ² | |
| | Sala 7 | 20,68 m ² | |
| | Sala 8 | 17 m ² | |
| | Armazém | 9,90 m ² | |
| | Armazém | 20,80 m ² | |
| | Restaurante e Bar | 210,37 m ² | |
| | Cozinha e respetivas zonas de serviço | 144,90 m ² | |
| Novo Objeto Arquitetónico | Lavandaria House keeping Bainheiros Refeitório do pessoal Economato Zona de lixos | 417 m ² | 675,19 m ² 1690 m ² |
| | 13 Quartos | 30 m ² x 13 = 390 m ² | |
| | Ofícios | 30 m ² | |
| | Galeria / circulação | 255,19 m ² | |

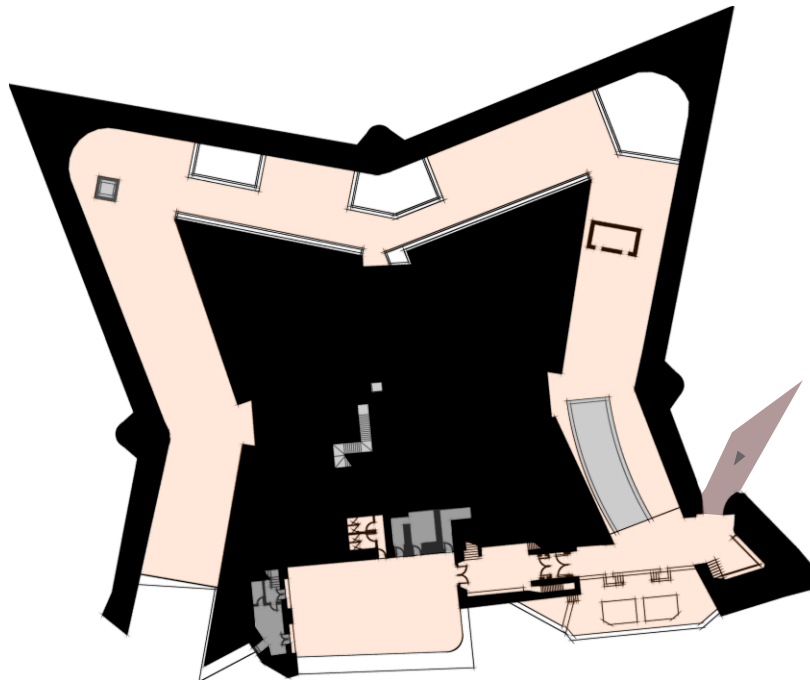


CORTE BB / PERFIL TRANSVERSAL C/ PROPOSTA
ESCALA: 1:200

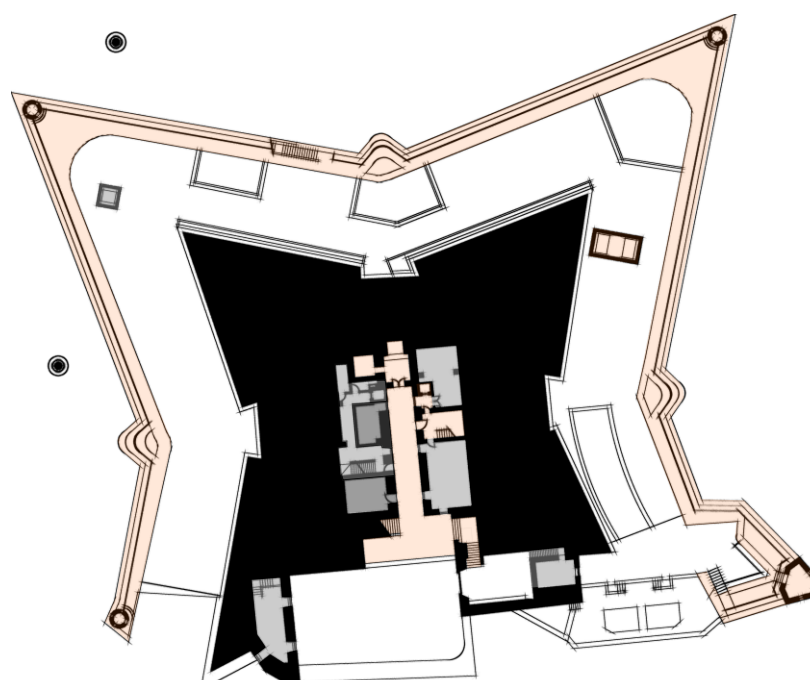
PISO -1



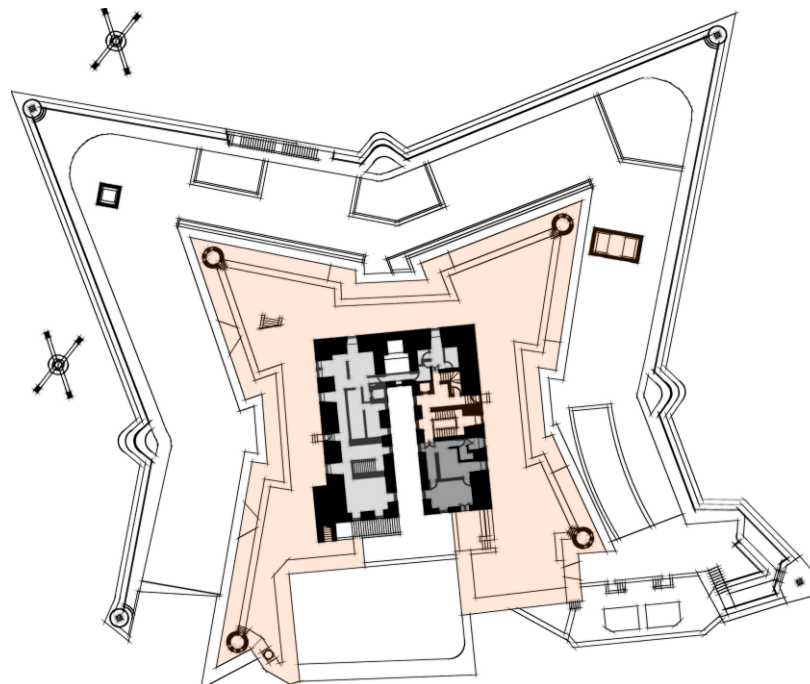
Piso 0



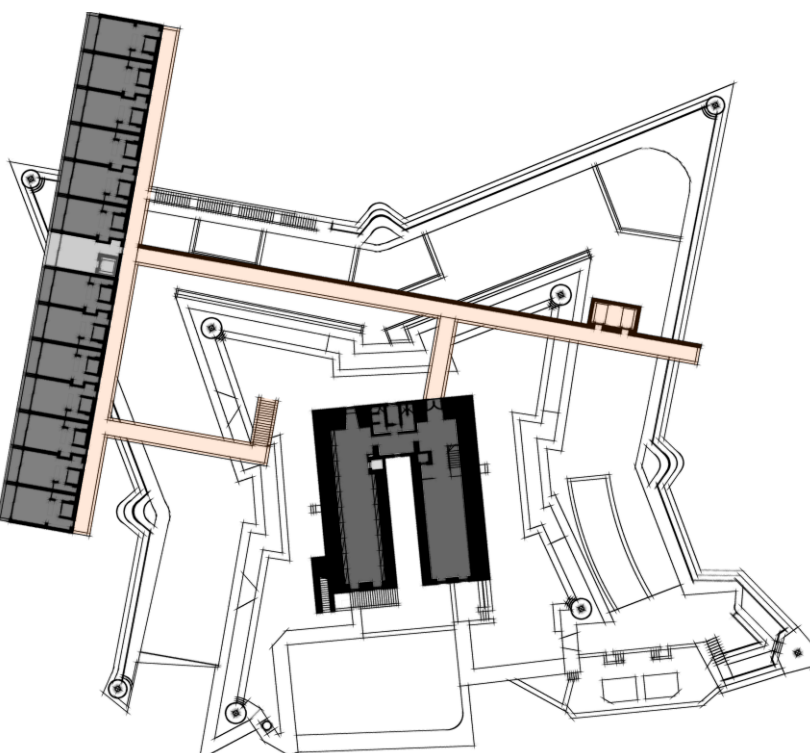
Piso 1



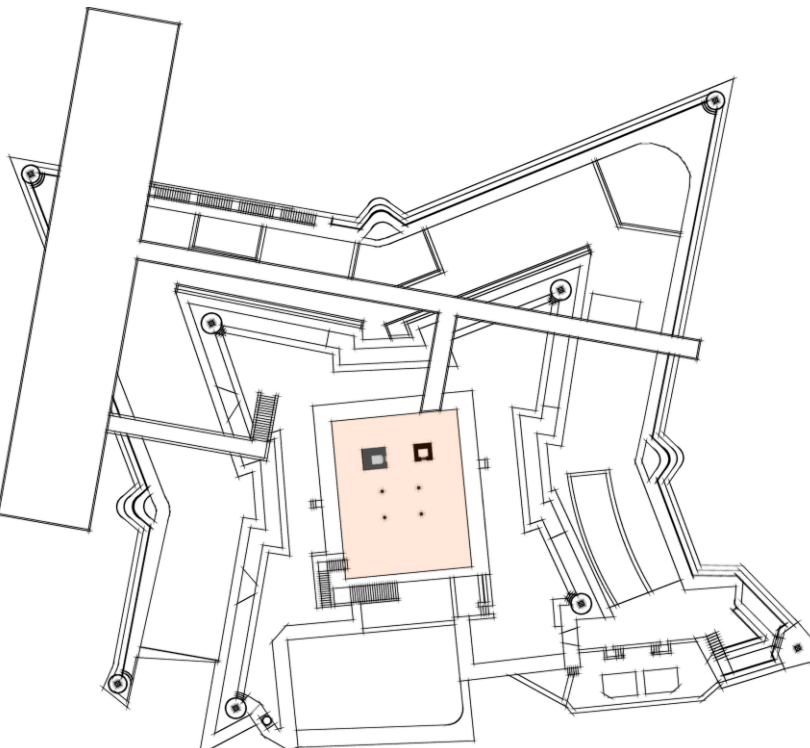
Piso 2



Piso 3



Piso 4



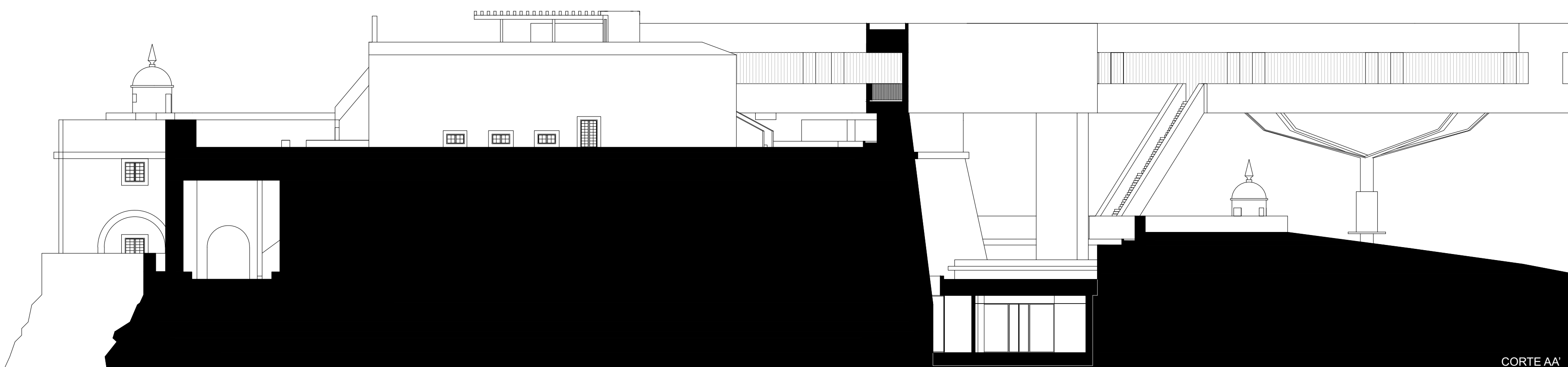
COBERTURA

Destinado a uso privado (restaurante e quartos)
Destinado a uso privado (escala de mergulho e restauro)
Destinado a uso privado (funcionários)
Destinado a uso semipúblico
Destinado a uso público

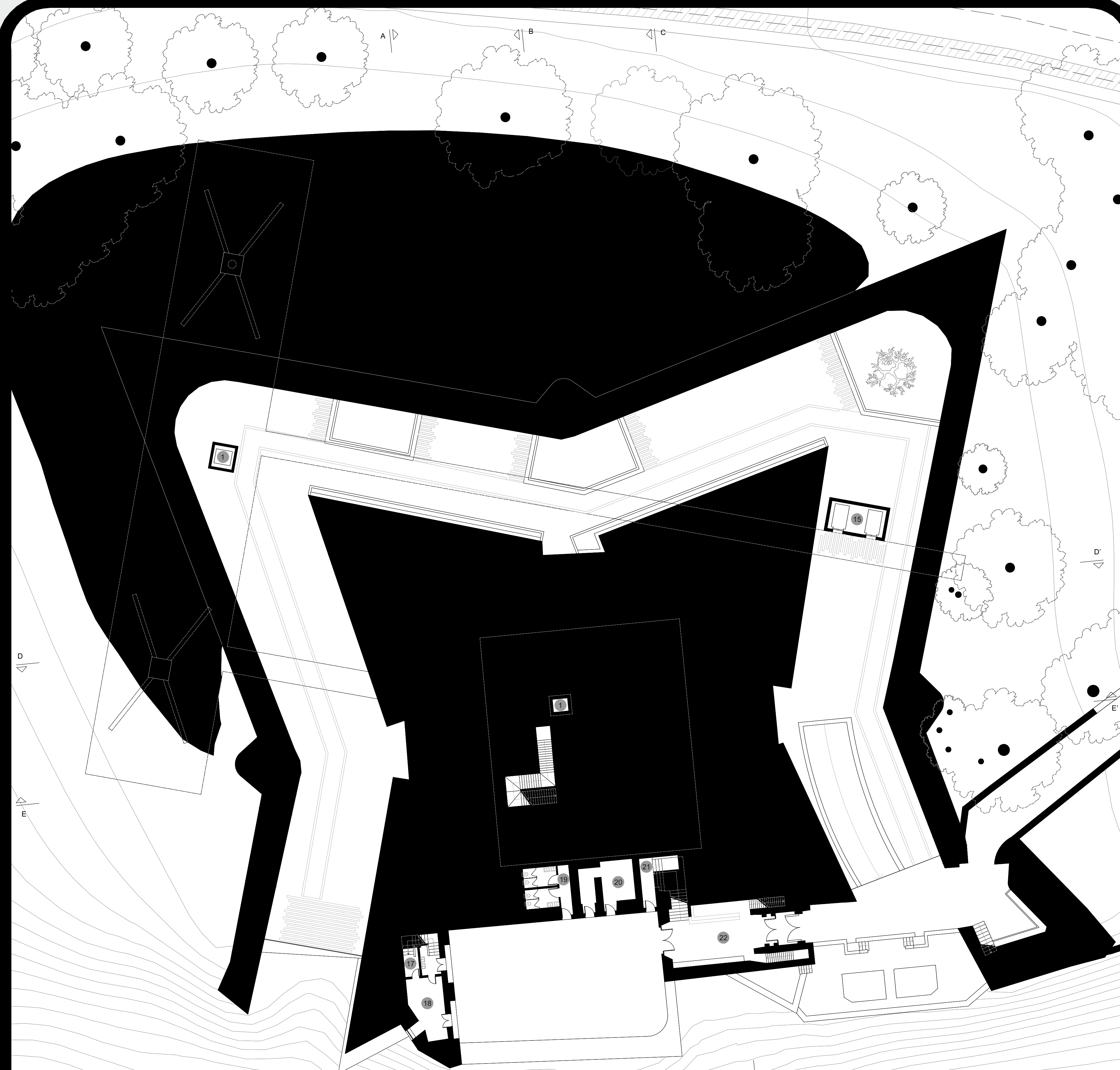
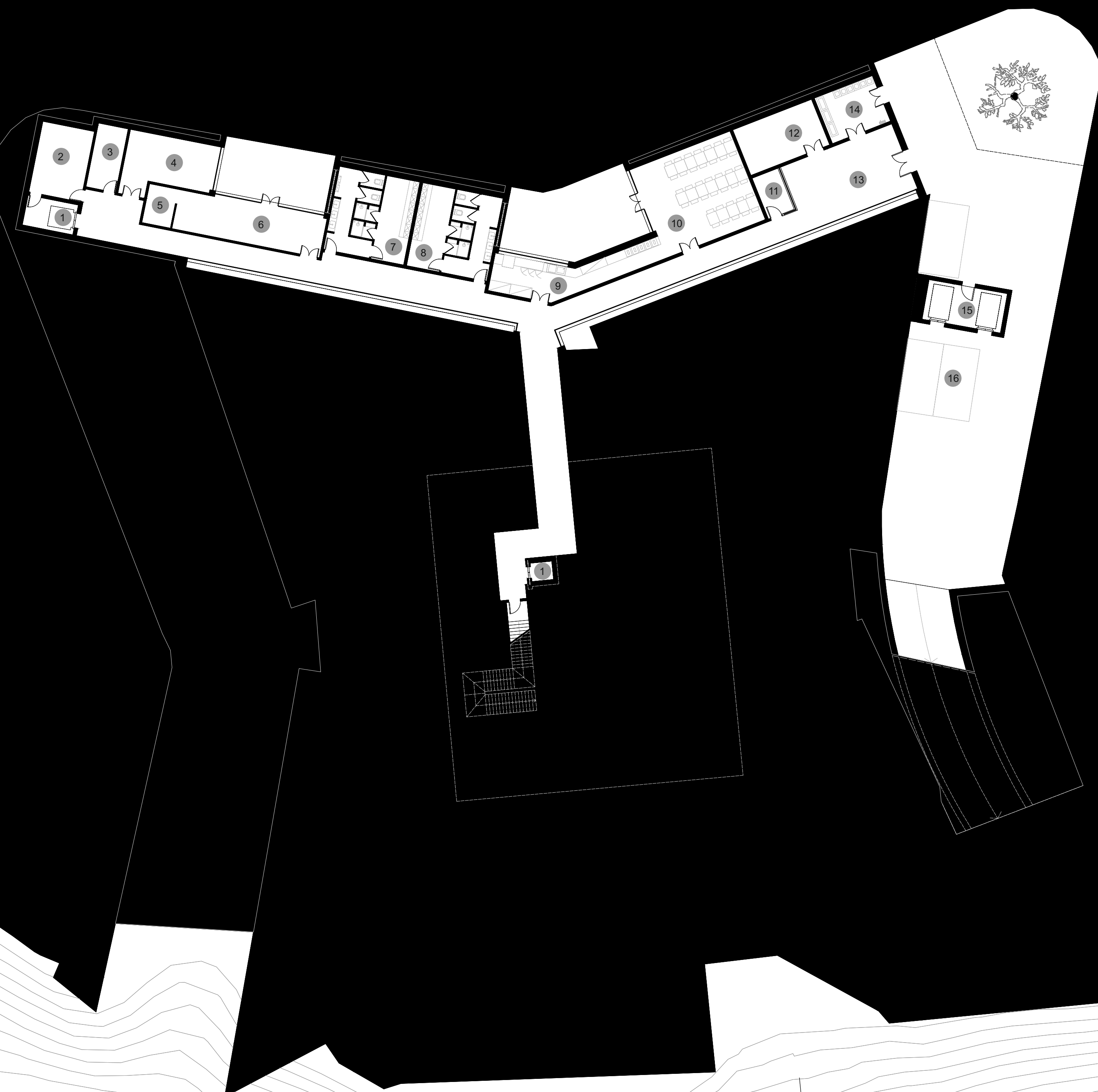
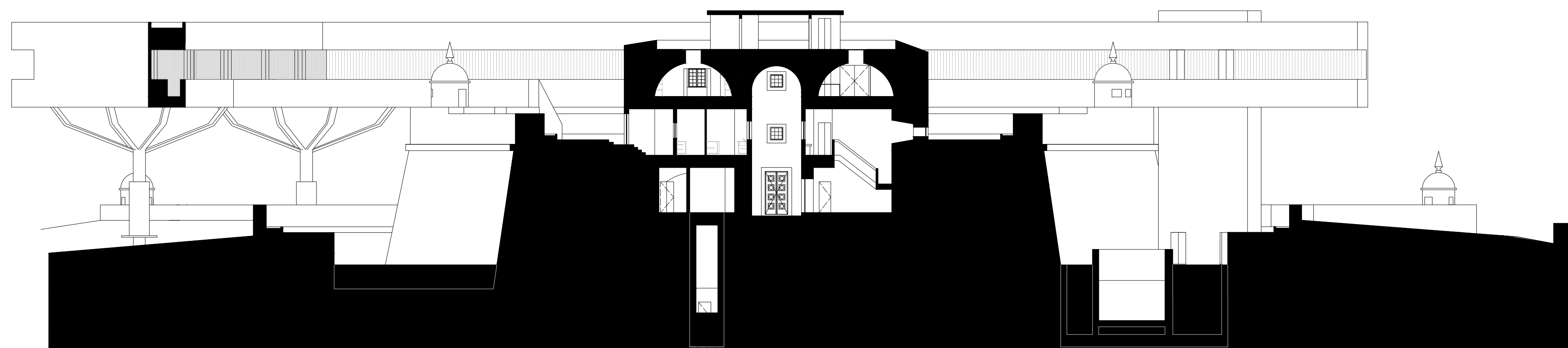
- LEGENDA:
- | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
|----|--|----|----------------------|----|-------------|----|-------------------|----|-----------------|----|------------|----|---------------------|----|--------------------|----|----------------------|----|-------------|----|--------------------------------|----|-----------|----|------------------------|----|-----------------|----|-------------------------------|----|--|----|--------------|
| 1 | ELEVADOR DE SERVIÇO | 2 | OFICINA / MANUTENÇÃO | 3 | ARRUMOS | 4 | HOUSE KEEPING | 5 | ROUPEIRO | 6 | LAVANDARIA | 7 | BALNEÁRIO MASCULINO | 8 | BALNEÁRIO FEMININO | 9 | COPA DE APOIO | 10 | REFEITÓRIO | 11 | CONTROLO E/S | 12 | ECONOMATO | 13 | RECEÇÃO DE MERCADORIAS | 14 | LIXOS E LAVAGEM | 15 | ELEVADOR DESTINADO A CLIENTES | | | | |
| 16 | 2 LUGARES DE ESTACIONAMENTO PARA DEFICIENTES | 17 | ARRUMOS | 18 | LABORATÓRIO | 19 | I.S. PÚBLICAS | 20 | ARMAZÉM | 21 | ARMAZÉM | 22 | RECEÇÃO | 23 | BACK OFFICE | 24 | SEGURANÇA | 25 | SALA 1 | 26 | ARCA FIGORIFICA | 27 | SALA 2 | 28 | SALA 3 | 29 | SALA 4 | 30 | SALA 5 | 31 | COZINHA (ZONAS DE CONVEÇÃO, CONFEÇÃO E EMPRATAMENTO) | 32 | COZINHA FRIA |
| 33 | ZONA DE CONFEÇÃO (CARNES, PEIXE E LEGUMES) | 34 | COPA LIMPA | 35 | COPA SUJA | 36 | GABINETE DO CHEFE | 37 | GABINETE DO F&B | 38 | SALA 6 | 39 | SALA 7 | 40 | ZONA DE OFÍCIOS | 41 | QUARTO (13 UNIDADES) | 42 | RESTAURANTE | 43 | I.S. EQUIPADA PARA DEFICIENTES | 44 | BAR | 45 | TERRAÇO | | | | | | | | |



Universidade de Lisboa | Faculdade de Arquitetura
Orientado: André Alexandre Silva Mota | Número: 20111572 | Orientador: José Nuno Beirão



CORTE AA

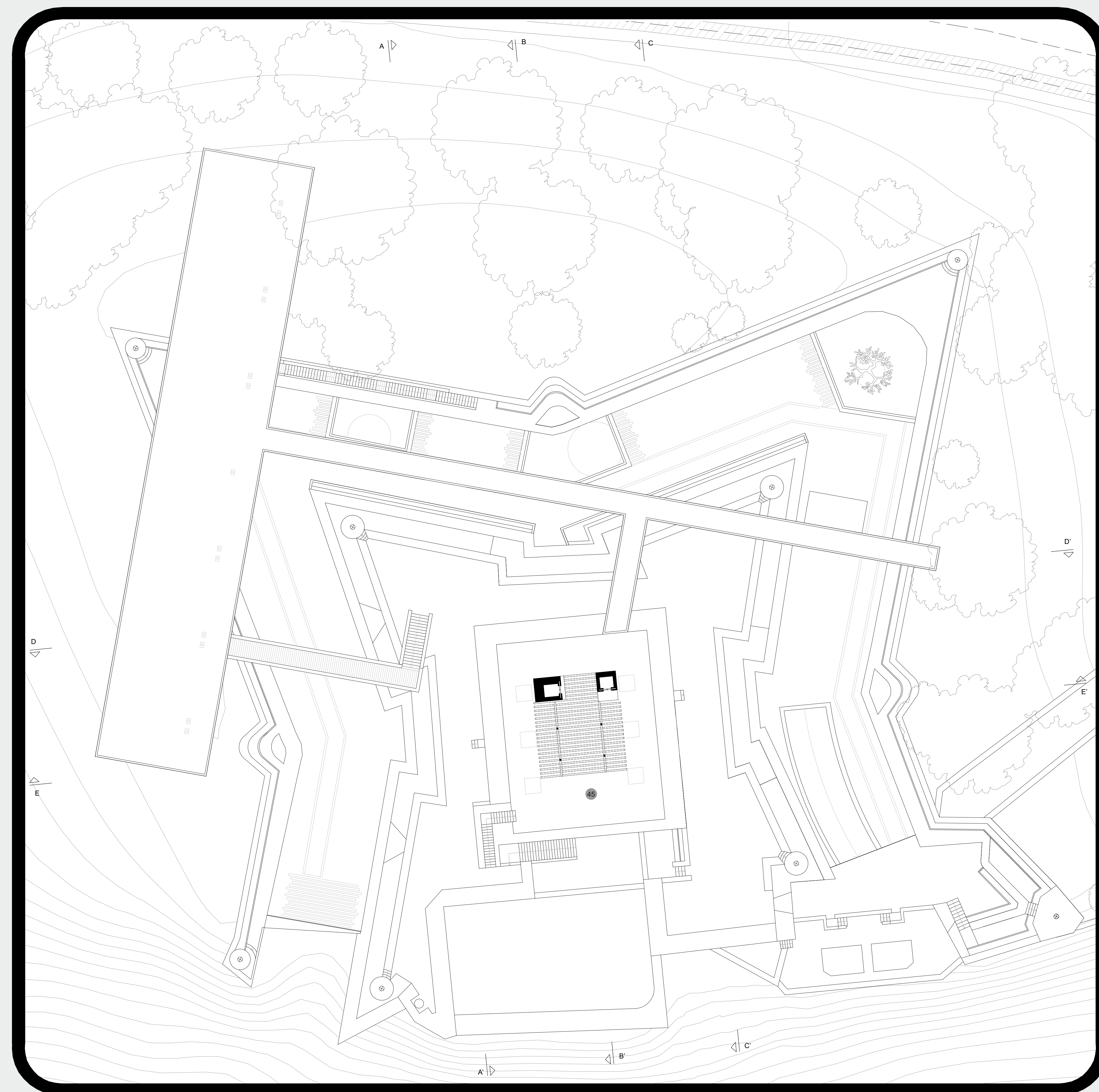
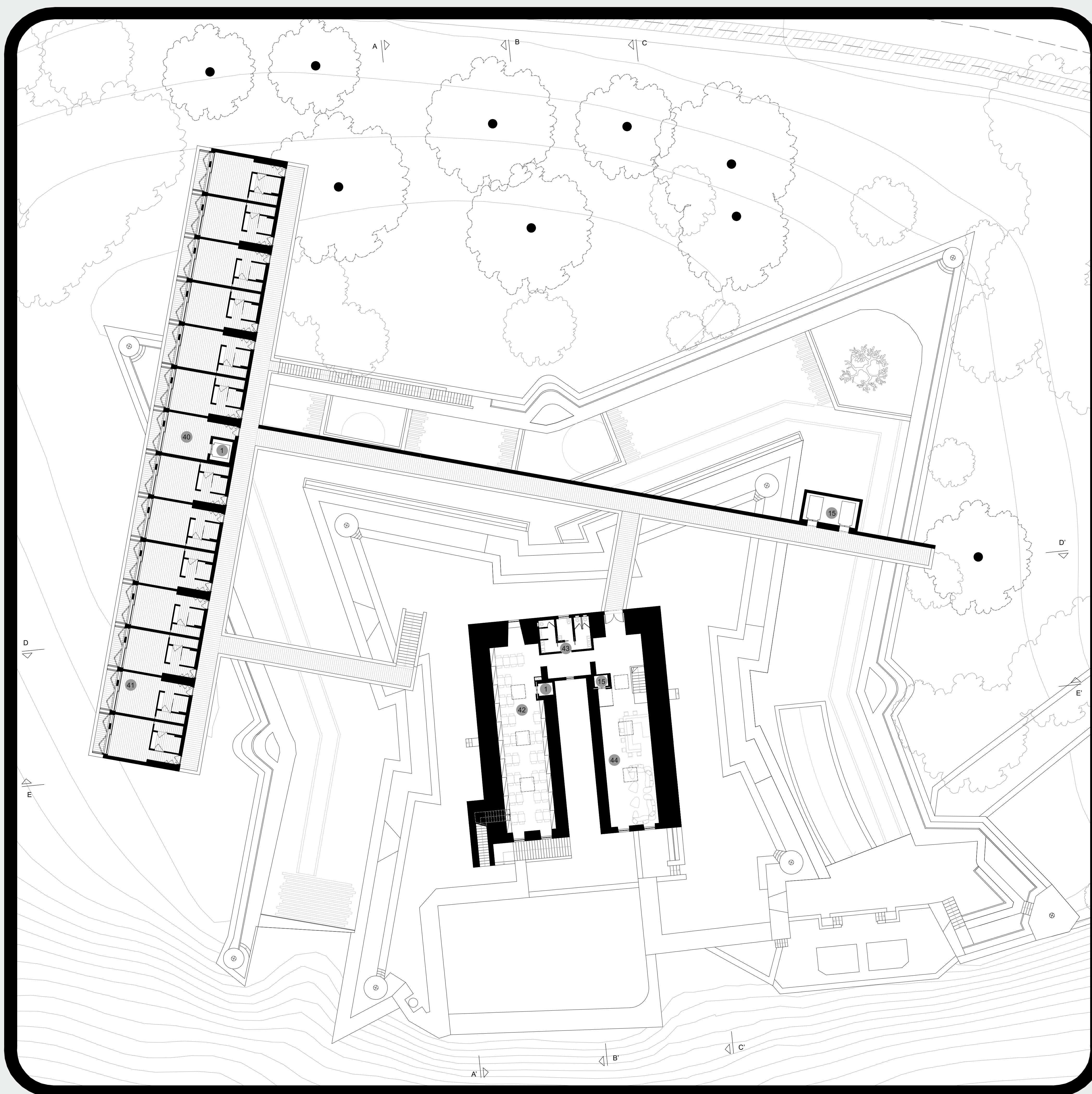


| | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
|--|----|----------------------|----|-------------|----|-------------------|----|-----------------|----|------------|----|---------------------|----|--------------------|----|----------------------|----|-------------|----|--------------------------------|----|-----------|----|------------------------|----|-----------------|----|-------------------------------|----|---|----|--------------|
| ELEVADOR DE SERVIÇO | 2 | OFICINA / MANUTENÇÃO | 3 | ARRUMOS | 4 | HOUSE KEEPING | 5 | ROUPEIRO | 6 | LAVANDARIA | 7 | BALNEÁRIO MASCULINO | 8 | BALNEÁRIO FEMININO | 9 | COPA DE APOIO | 10 | REFEITÓRIO | 11 | CONTROLE E/S | 12 | ECONOMATO | 13 | RECEÇÃO DE MERCADORIAS | 14 | LIXOS E LAVAGEM | 15 | ELEVADOR DESTINADO A CLIENTES | | | | |
| 2 LUGARES DE ESTACIONAMENTO PARA DEFICIENTES | 17 | ARRUMOS | 18 | LABORATÓRIO | 19 | I.S. PÚBLICAS | 20 | ARMAZÉM | 21 | ARMAZÉM | 22 | RECEÇÃO | 23 | BACK OFFICE | 24 | SEGURANÇA | 25 | SALA 1 | 26 | ARCA FOTOGRAFICA | 27 | SALA 2 | 28 | SALA 3 | 29 | SALA 4 | 30 | SALA 5 | 31 | COZINHA (ZONAS DE CONVECÇÃO, CONFEÇÃO E EMPRATAMENTO) | 32 | COZINHA FRIA |
| ZONA DE CONFEÇÃO (CARNES, PEIXE E LEGUMES) | 33 | COPA LIMPA | 34 | COPA SUJA | 35 | GABINETE DO CHEFE | 36 | GABINETE DO F&B | 37 | SALA 6 | 38 | SALA 7 | 39 | ZONA DE OFÍCIOS | 40 | QUARTO (13 UNIDADES) | 41 | RESTAURANTE | 42 | I.S. EQUIPADA PARA DEFICIENTES | 43 | BAR | 44 | TERRAÇO | 45 | | | | | | | |

Universidade de Lisboa | Faculdade de Arquitetura
Orientado: André Alexandre Silva Mota | Número: 20111572 | Orientador: José Nuno Beirão



- POUSADAS
SALAZAR
Barra Historic Hotel

[illegible]

LEGENDA:

1

ELEVADOR DE SERVIÇO

2

OFICINA / MANUTENÇÃO

3

ARRUMOS

4

HOUSE KEEPING

5

ROUPEIRO

6

LAVANDARIA

7

BALNEÁRIO MASCULINO

8

BALNEÁRIO FEMININO

9

COPA DE APOIO

10

REFEITÓRIO

11

CONTROLO E/S

12

ECONOMATO

13

RECEÇÃO DE MERCADORIAS

14

LIXOS E LAVAGEM

15

ELEVADOR DESTINADO A CLIENTES

16

2 LUGARES DE ESTACIONAMENTO PARA DEFICIENTES

17

ARRUMOS

18

LABORATÓRIO

19

I.S. PÚBLICAS

20

ARMAZÉM

21

ARMAZÉM

22

RECEÇÃO

23

BACK OFFICE

24

SEGURANÇA

25

SALA 1

26

ARCA FIGORIFICA

27

SALA 2

28

SALA 3

29

SALA 4

30

SALA 5

31

COZINHA (ZONAS DE CONVEÇÃO, CONFEÇÃO E EMPRATAMENTO)

32

COZINHA FRIA

33

ZONA DE CONFEÇÃO (CARNES, PEIXE E LEGUMES)

34

COPA LIMPA

35

COPA SUJA

36

GABINETE DO CHEFE

37

GABINETE DO F&B

38

SALA 6

39

SALA 7

40

ZONA DE OFÍCIOS

41

QUARTO (13 UNIDADES)

42

RESTAURANTE

43

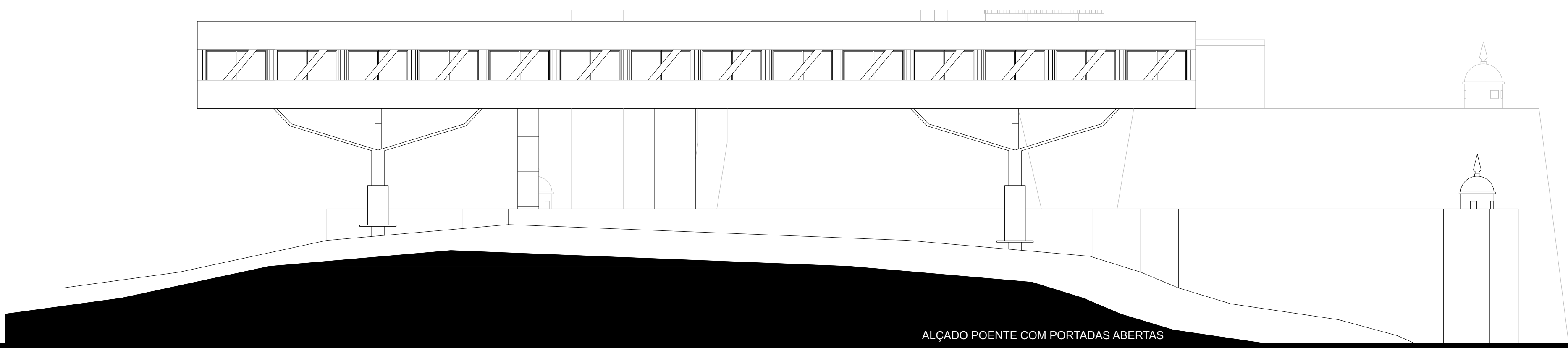
I.S. EQUIPADA PARA DEFICIENTES

44

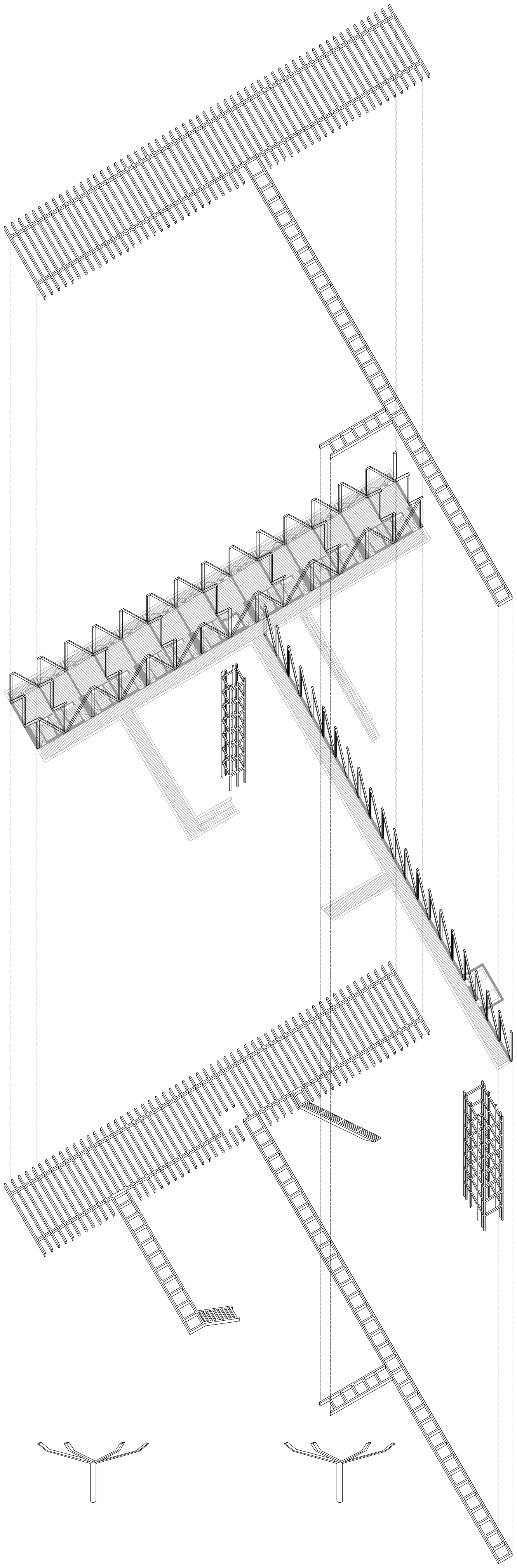
BAR

45

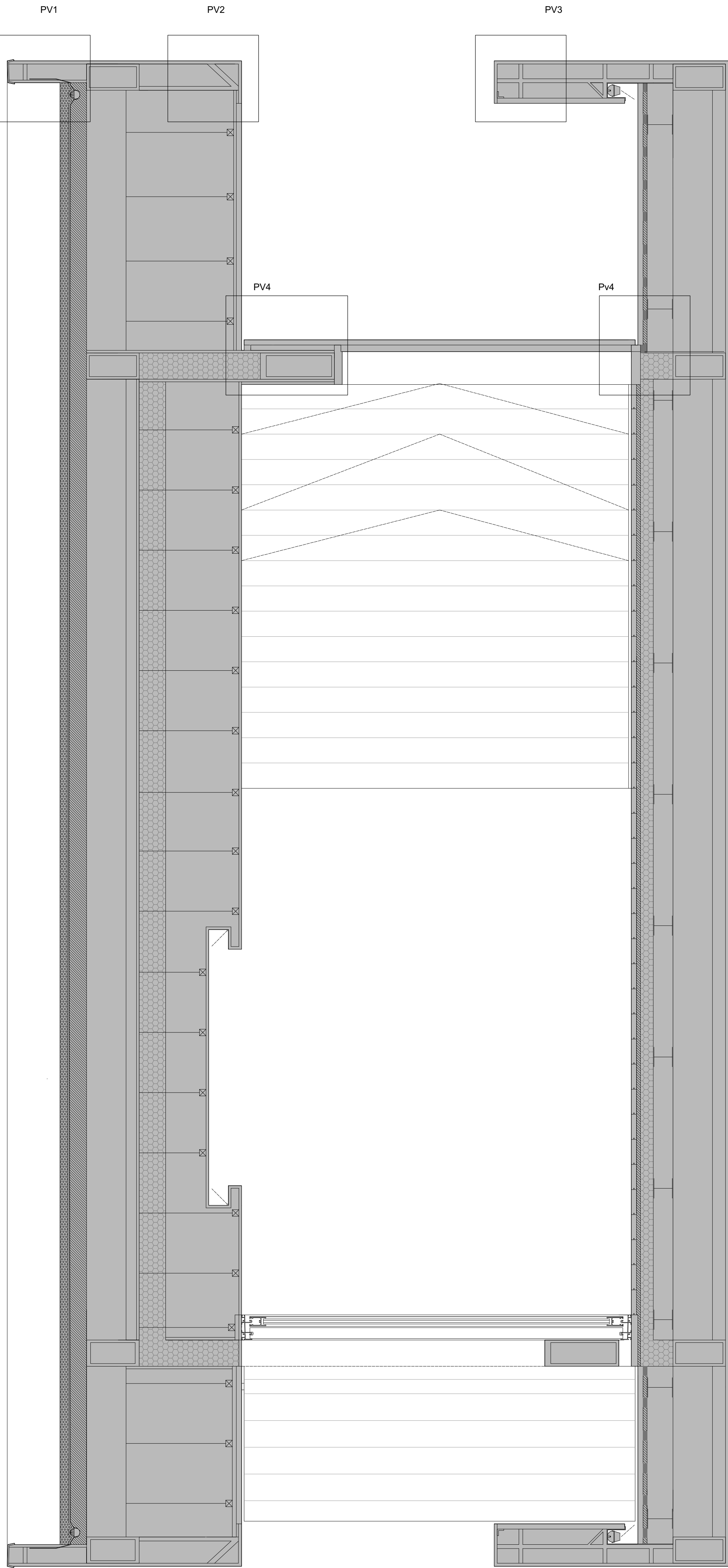
TERRAÇO



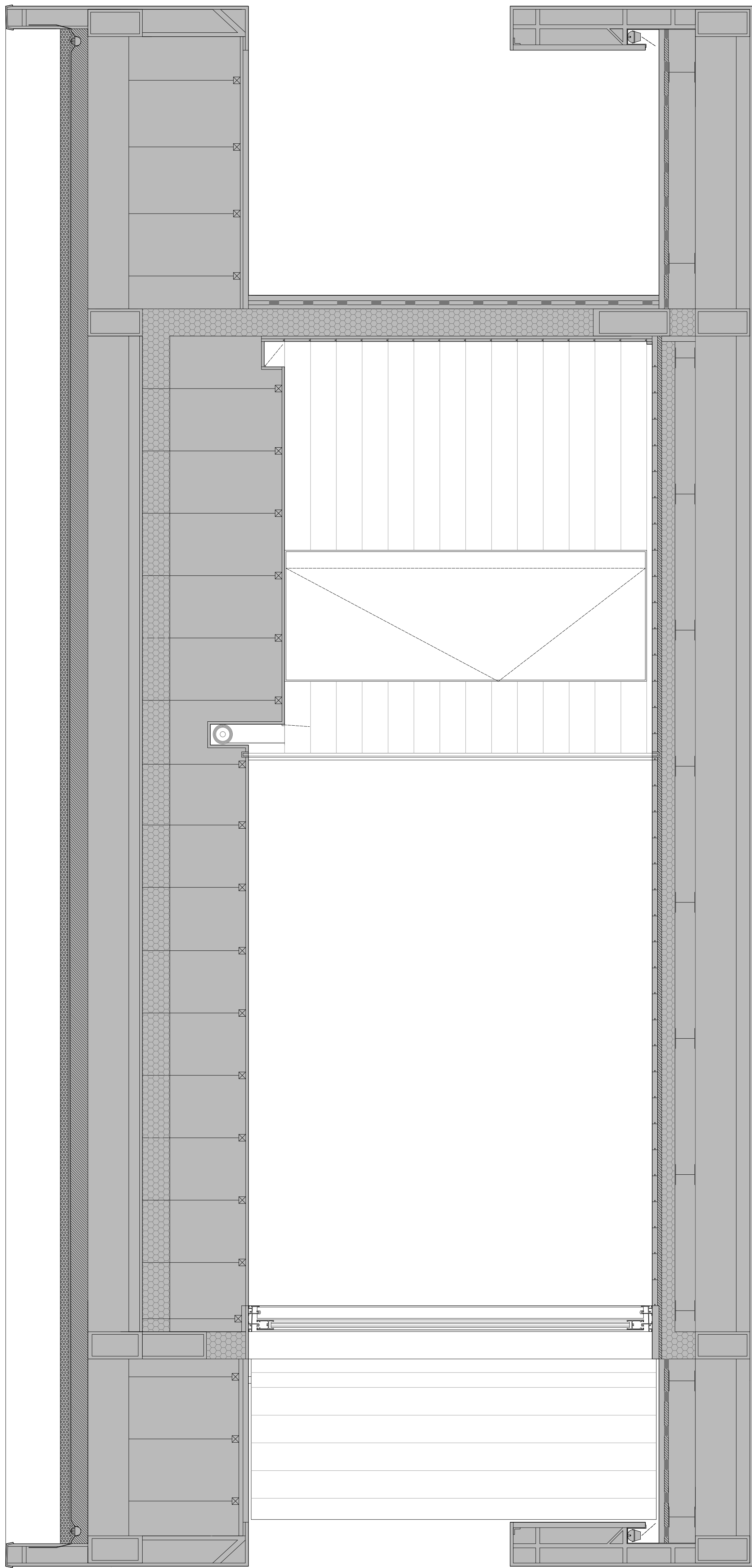
SOLUÇÃO CONSTRUTIVA



PORMENORES CONSTRUTIVOS

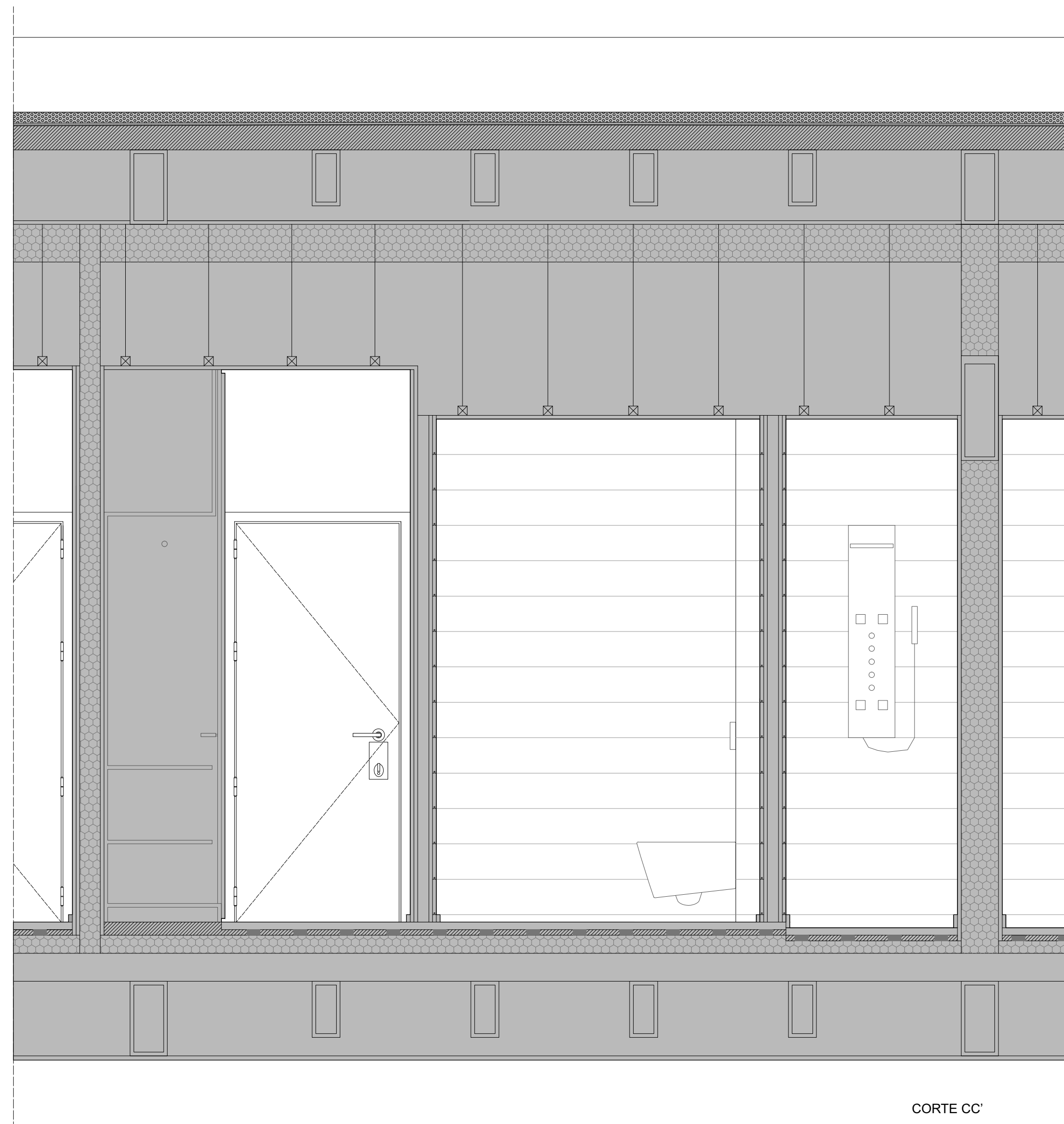


CORTE AA

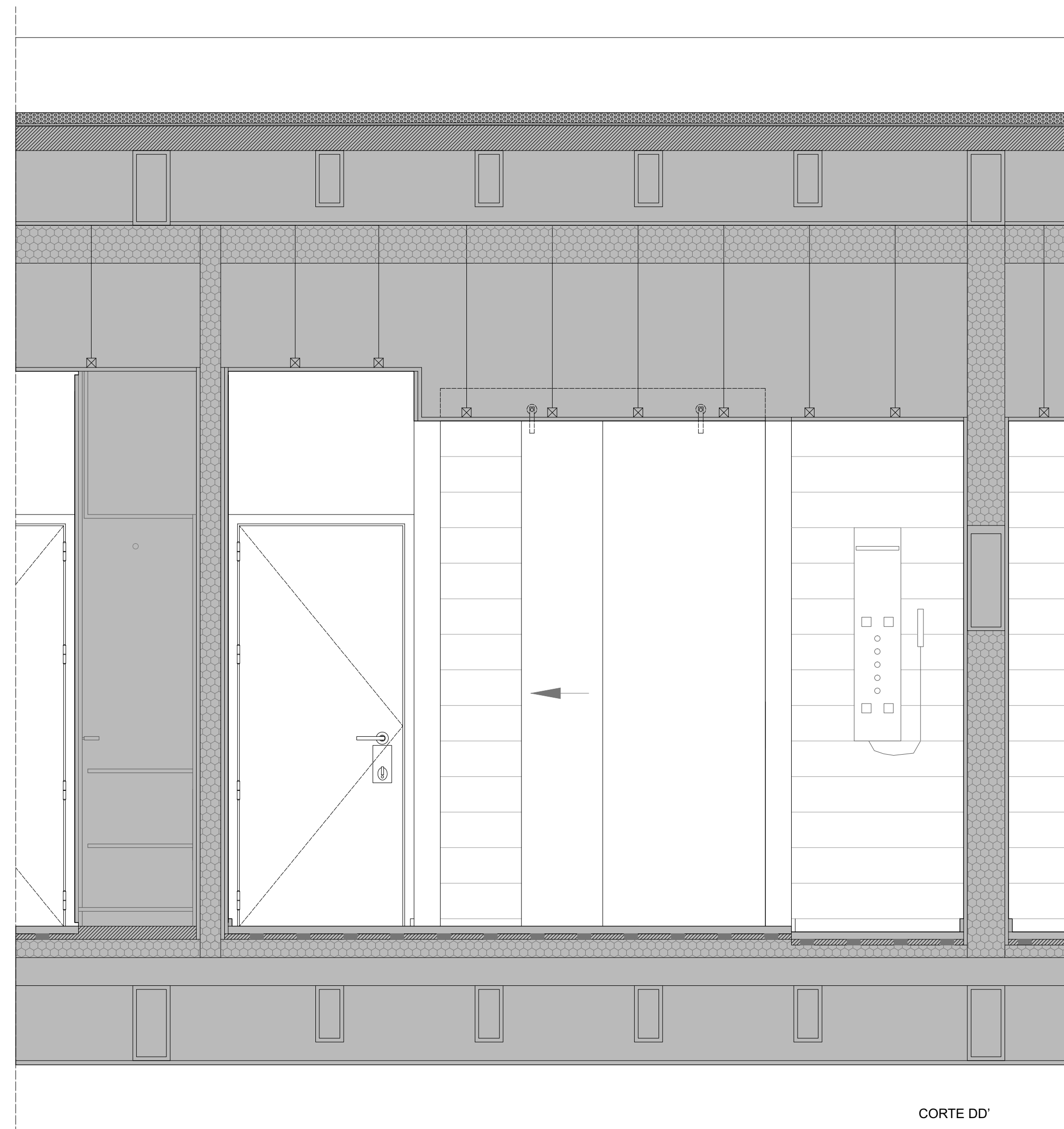


CORTE BB

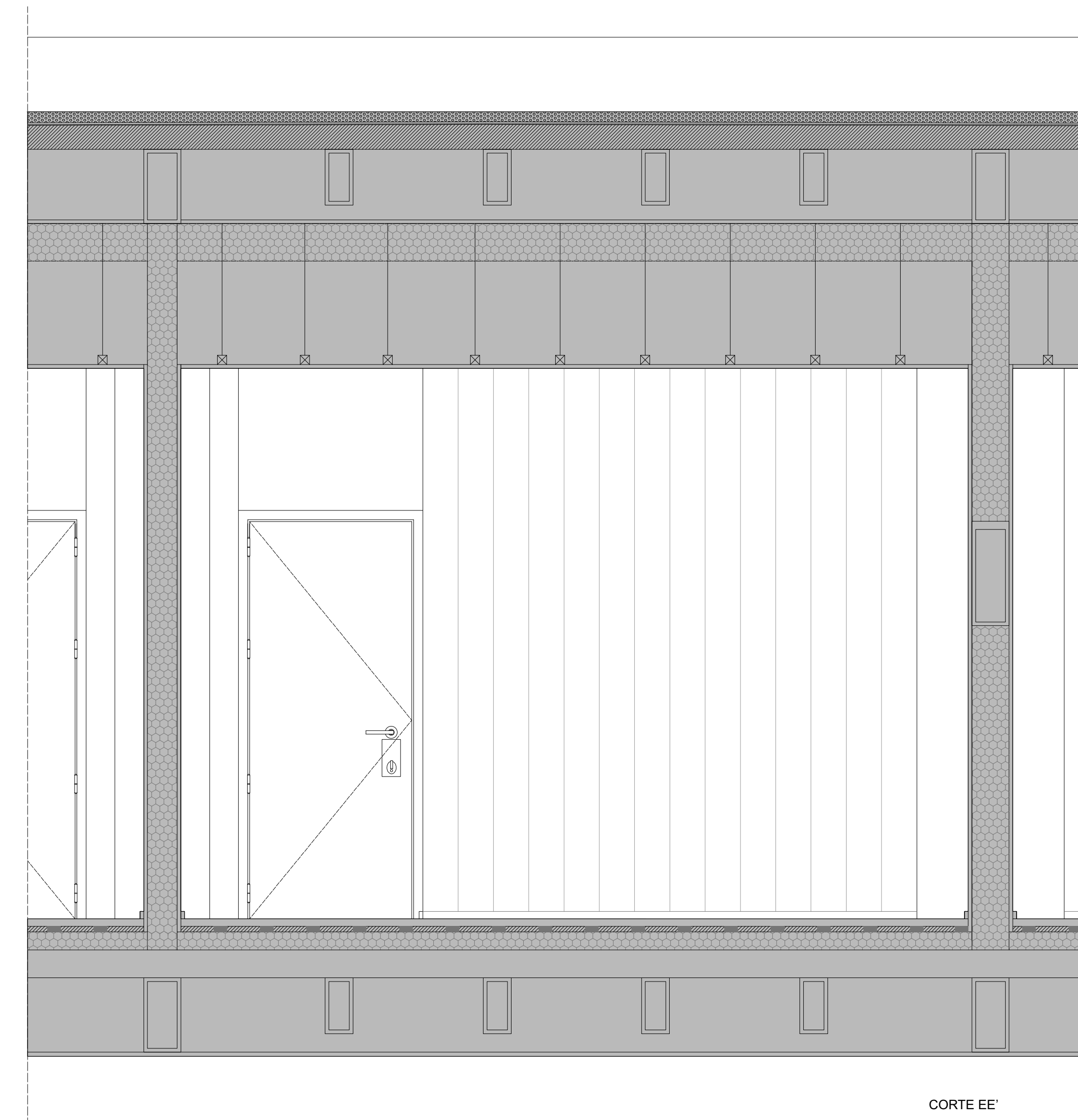
PORMENORES CONSTRUTIVOS



CORTE CC'



CORTE DD'

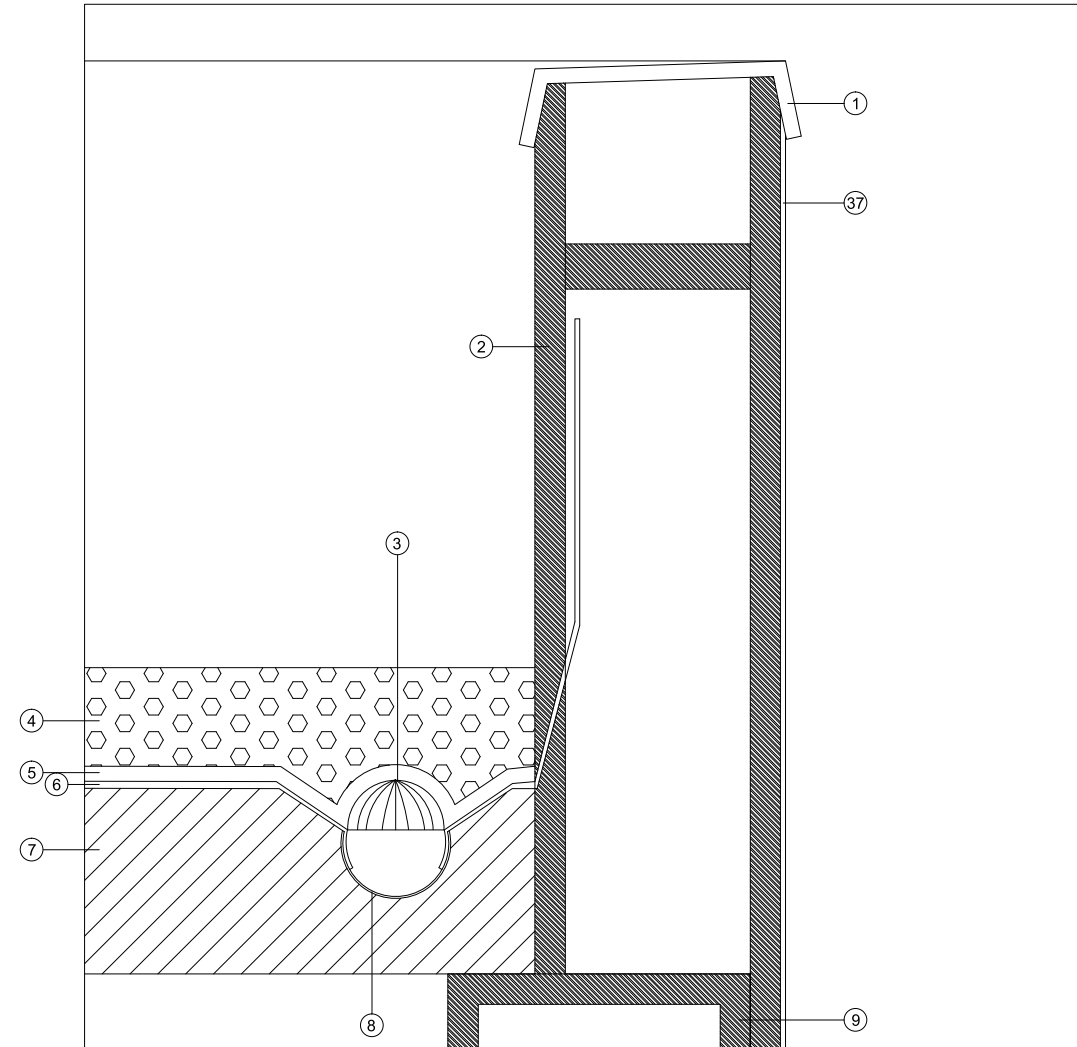


CORTE EE'

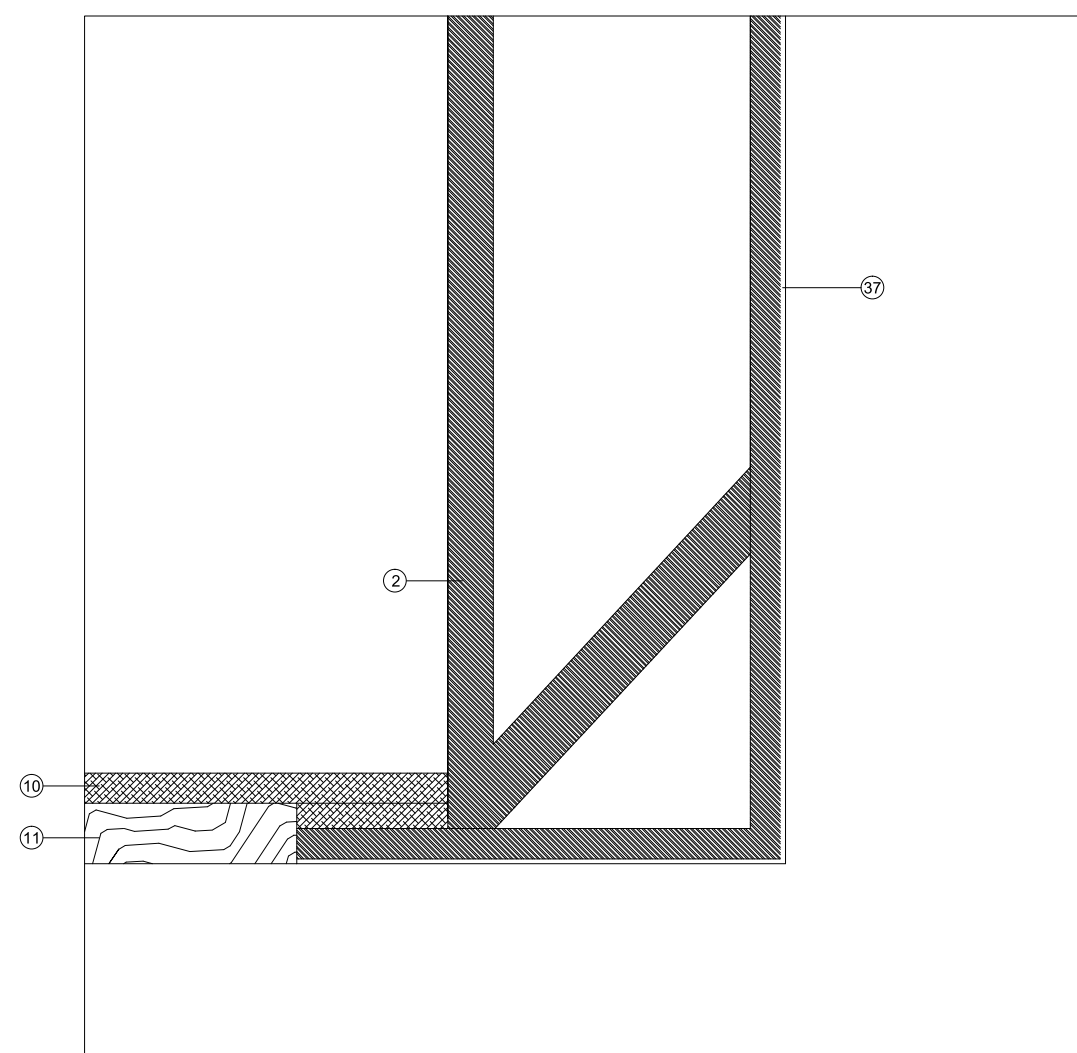
ESCALA 1:20



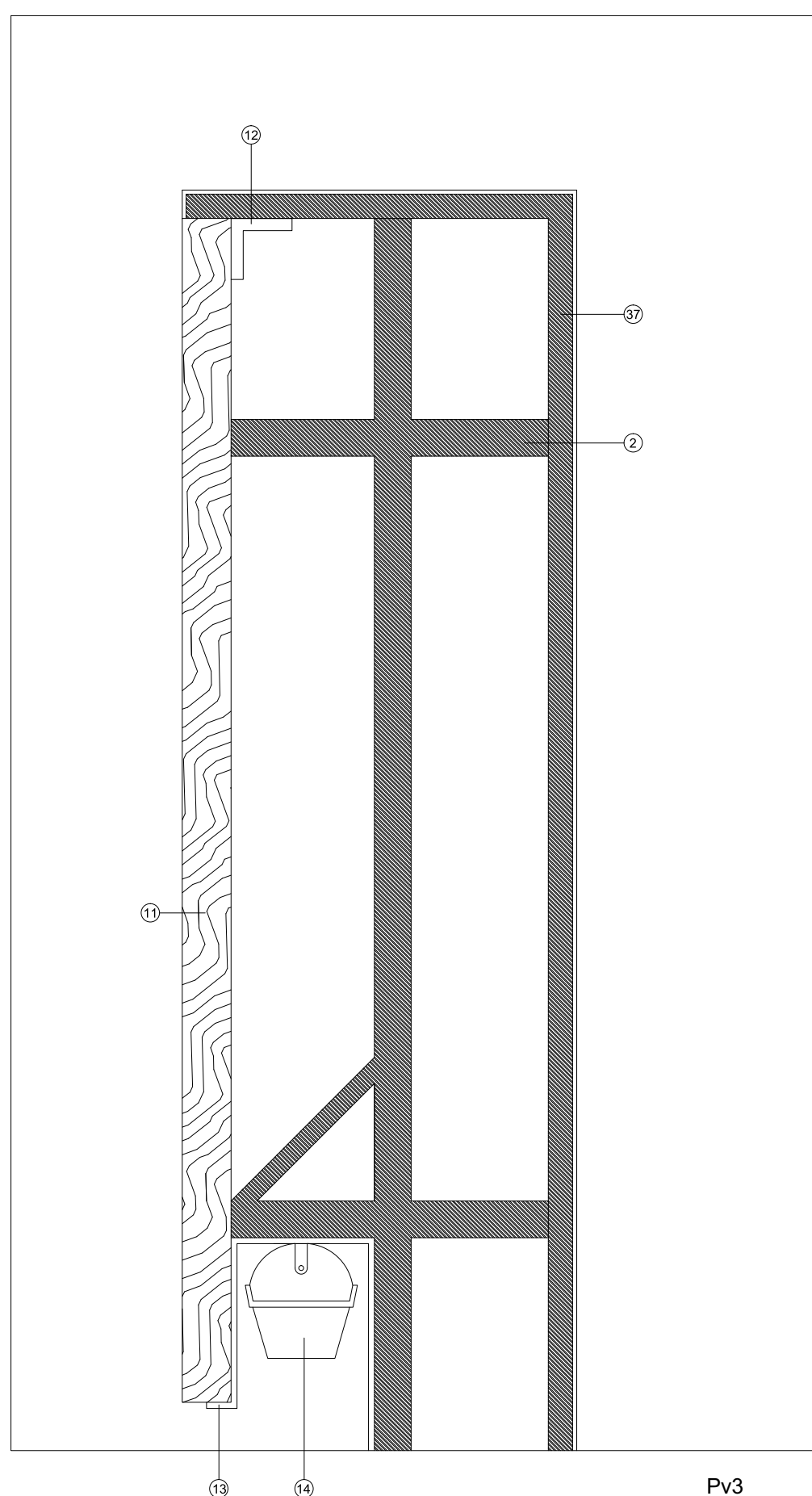
PORMENORES CONSTRUTIVOS



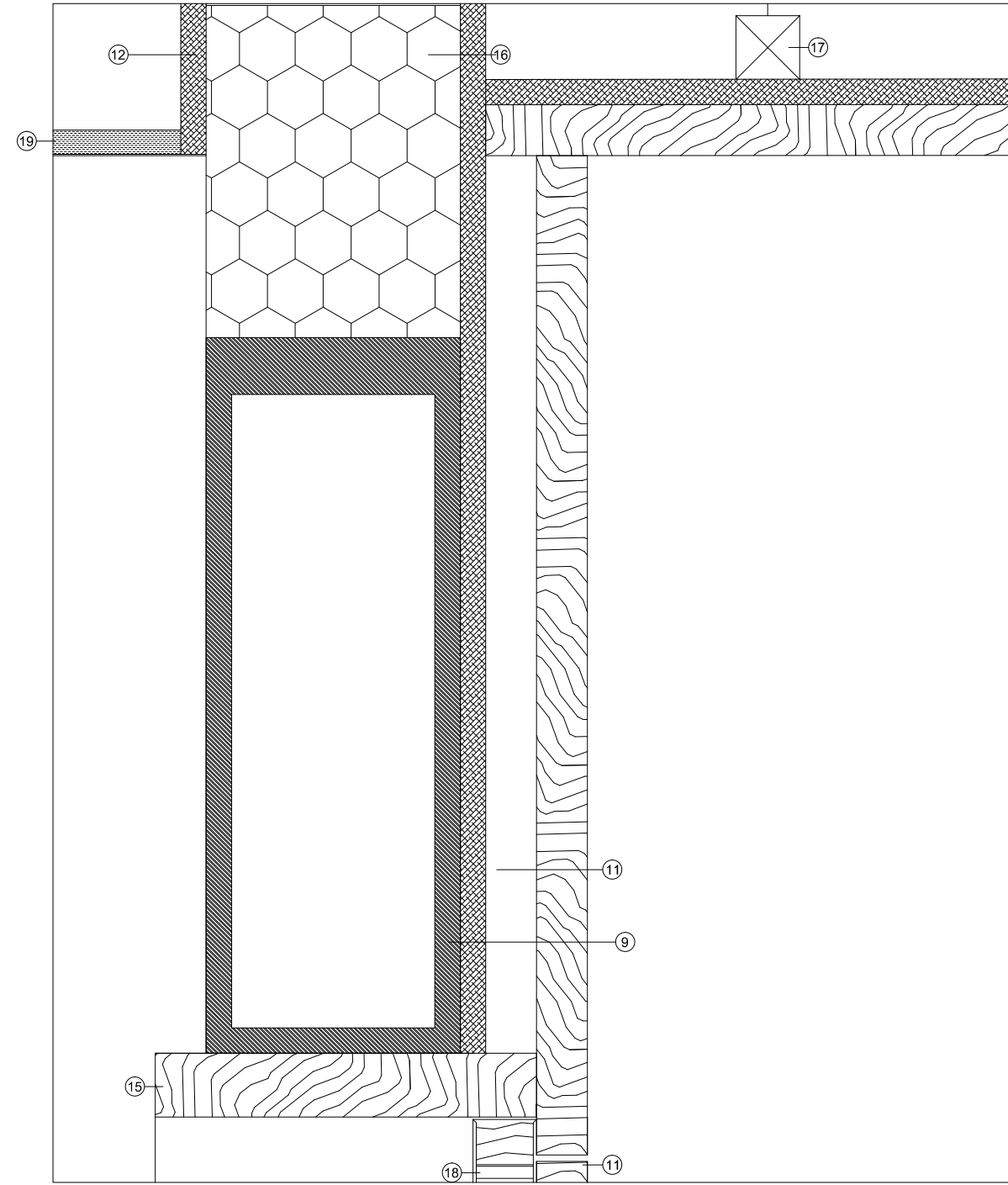
PV 1



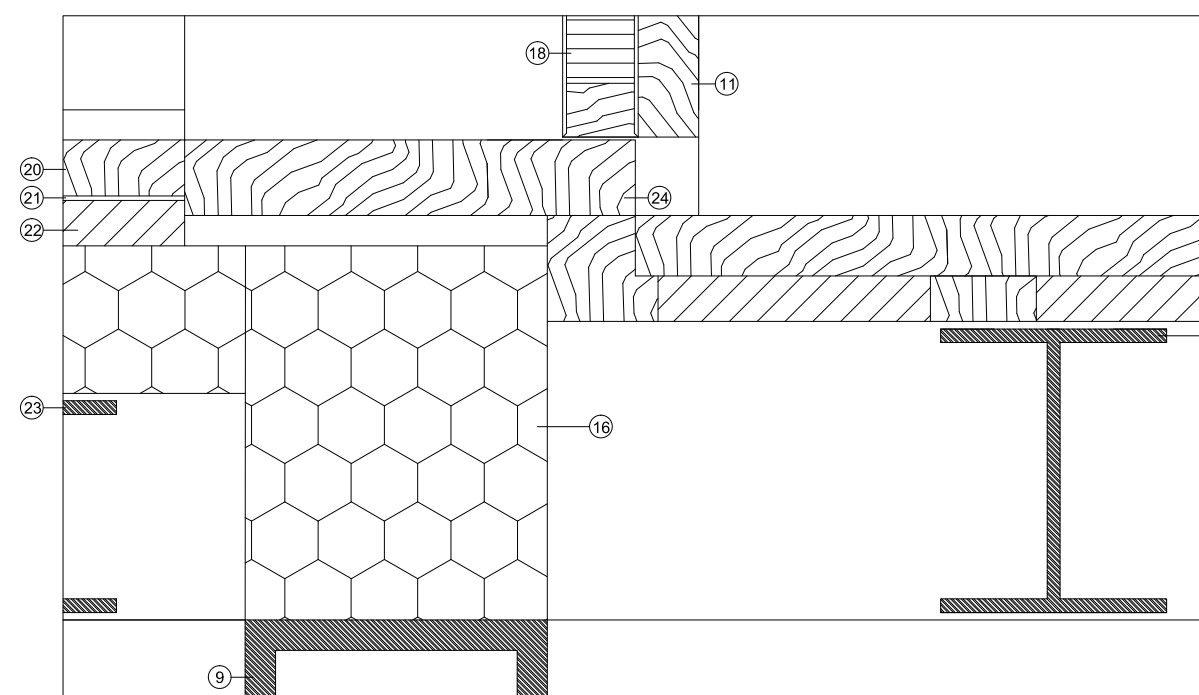
PV 2



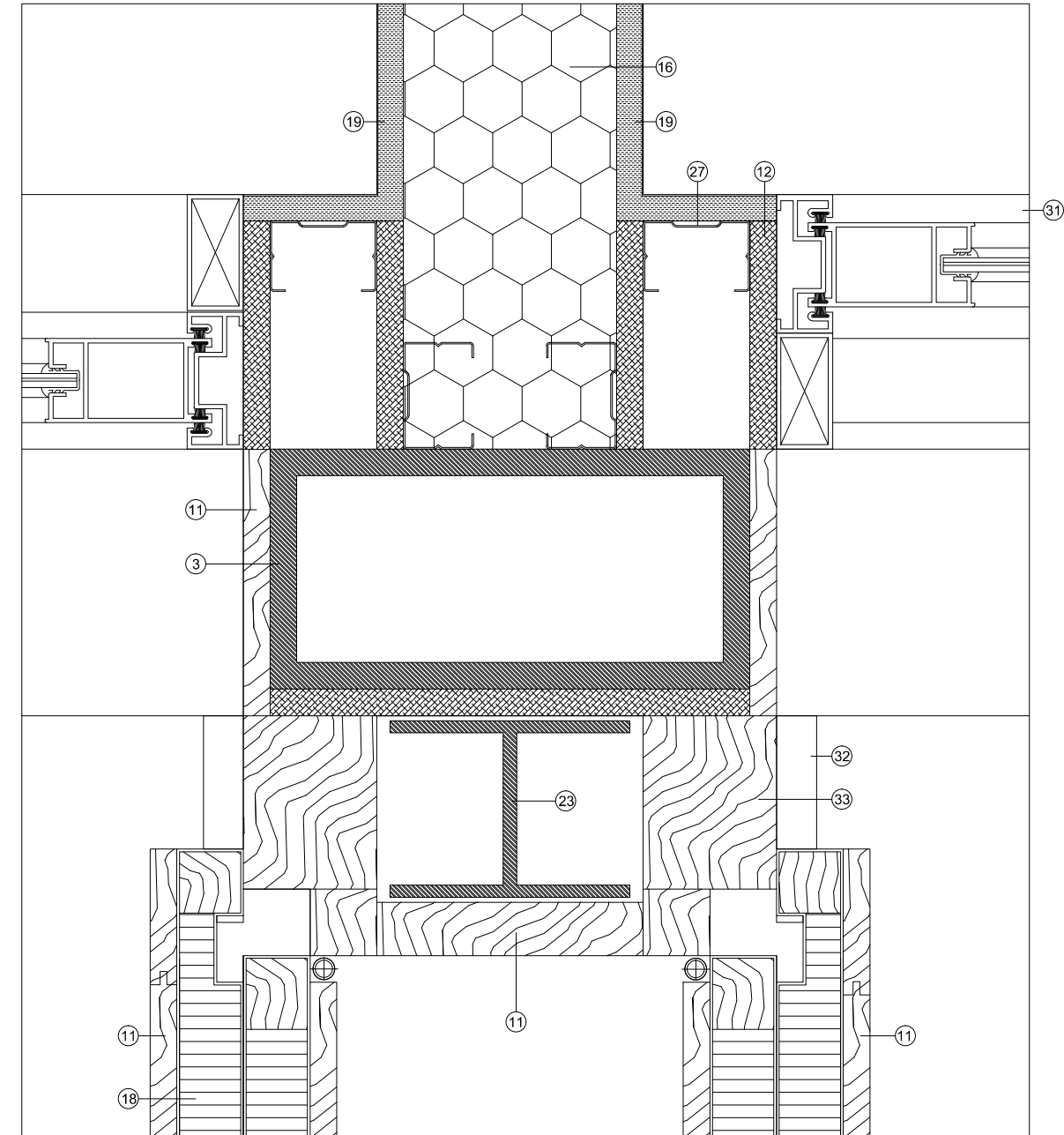
PV 3



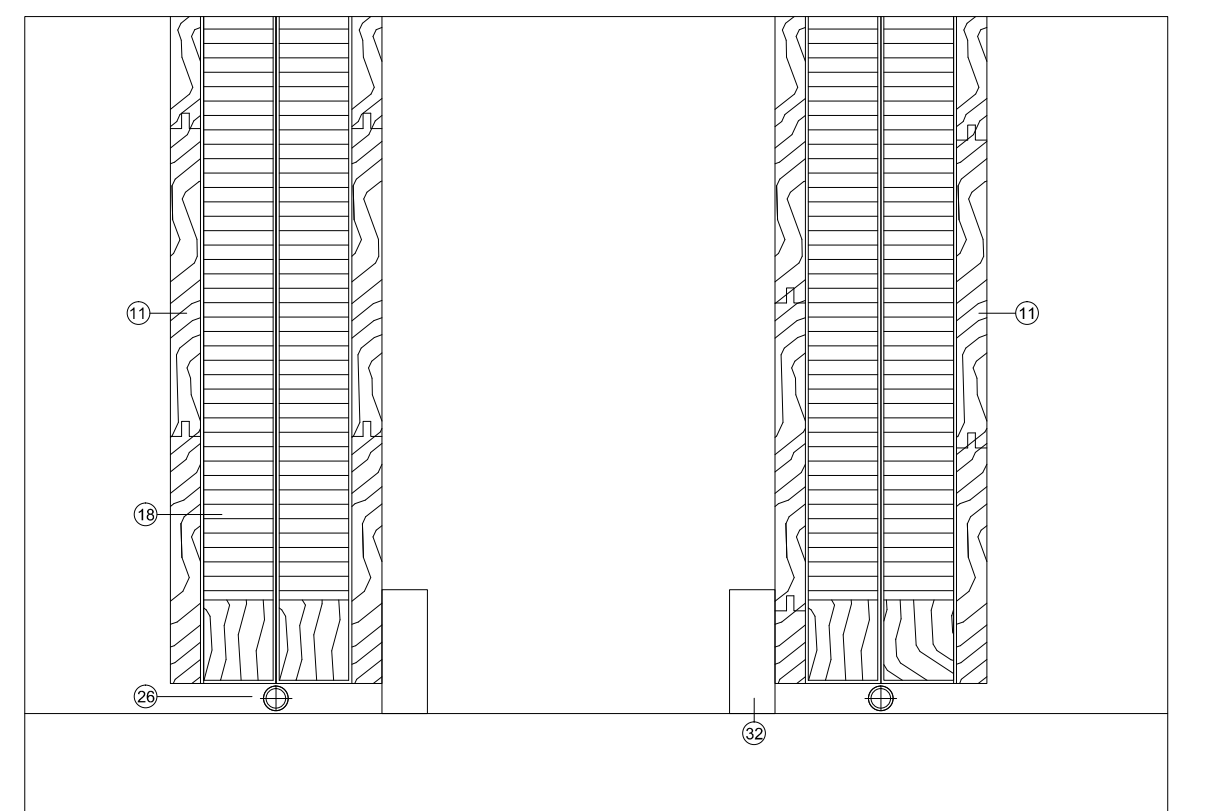
PV 4



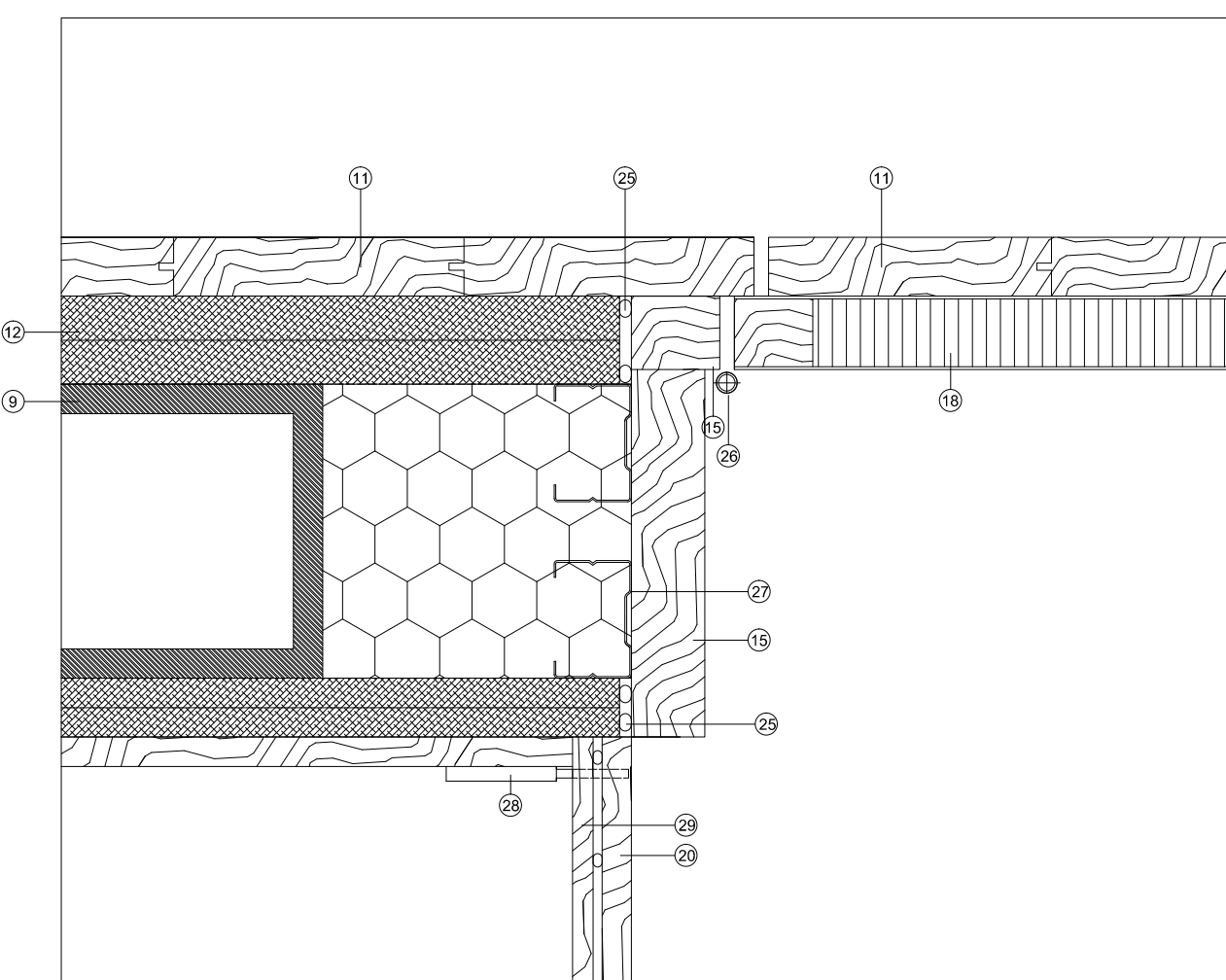
PV 5



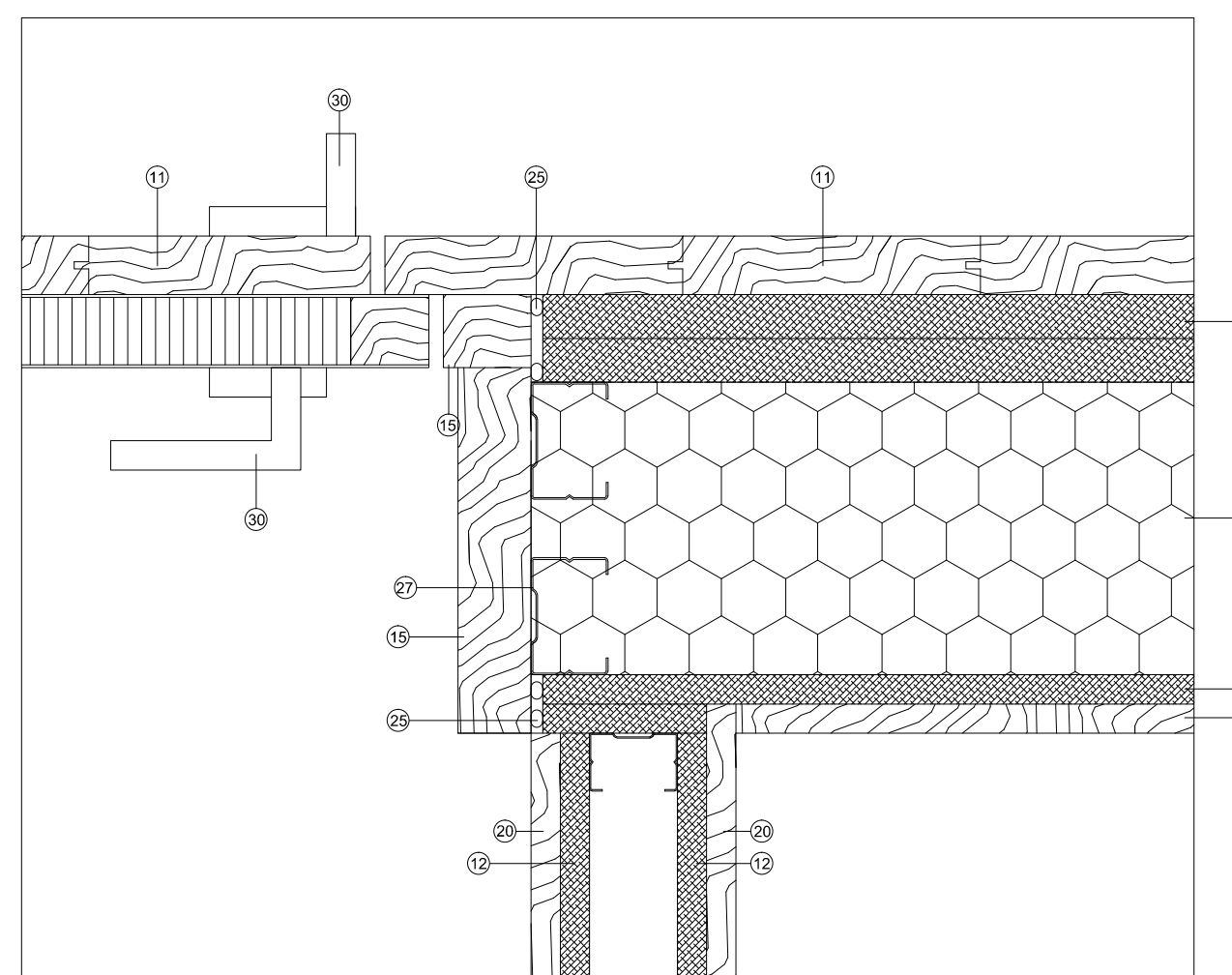
Ph 3



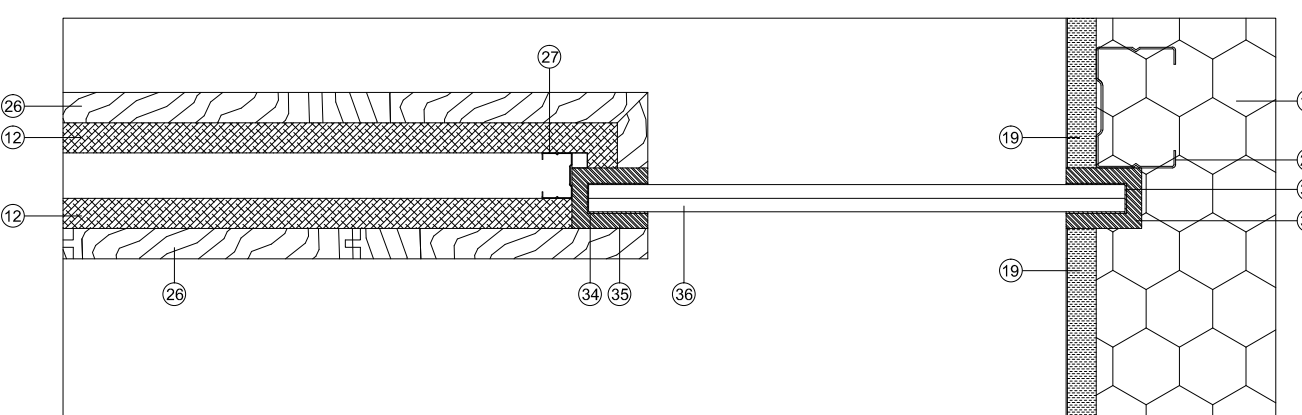
Ph 4



PH 1



Ph 2



PH 5

- 1 - Chapa de capeamento de cor branco
- 2 - Estrutura em aço de cor branco
- 3 - Ralo
- 4 - Gravelha
- 5 - Manta geotextil
- 6 - Tela impermeabilizante
- 7 - Camada de enchimento e regularização
- 8 - Cadeira
- 9 - Estrutura em treliça
- 10 - Placa de gesso para fixação do revestimento
- 11 - Pranchas de madeira de azobé com acabamento aplainado
- 12 - Chapa metálica de suporte
- 13 - Caixa de suporte em madeiramento em chapa de ferro
- 14 - Luminárias
- 15 - Guarnição em madeira de carvalho maciça
- 16 - Isolamento em cortiça (térmico e acústico)
- 17 - Perfil de suspensão para teto
- 18 - Porta e persianas em estrutura alveolar encabeçada (porta pintada a tinta de esmalte branco pelo interior)
- 19 - Pannel de aglomerado de partículas, lacado a branco
- 20 - Pranchas de madeira de carvalho com acabamento aplainado
- 21 - Tela de amortecimento em polietileno, perfurada e cola de poliuretano
- 22 - Perfis de suporte em madeira com enchimento de argamassa
- 23 - Perfil em «I»
- 24 - Soleira em madeira de carvalho maciça
- 25 - Banda de cola de contacto
- 26 - Dobradiças em número adequado ao peso da porta
- 27 - Perfis metálicos «montante»
- 28 - Sistema de abertura de porta «tic tac»
- 29 - Armário constituído por placas de madeira de carvalho
- 30 - Puxadores em inox
- 31 - Guarnição de janela em PVC branco com vidro duplo
- 32 - Suporte de madeira para prender a portada
- 33 - Guarnição em madeira azobé com acabamento aplainado
- 34 - Cola de vidraceiro
- 35 - Perfil metálico em «U»
- 36 - Vidro duplo temperado
- 37 - Chapa metálica galvanizada de cor branca